



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

Rute Tavares de Lemos

A DINAMIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO A PARTIR DA
CRIAÇÃO ARTÍSTICA – UM CASO DE ESTUDO: A
RUA DA SOFIA EM COIMBRA.

Relatório de Estágio do Mestrado em Arte e Património, orientada pela Professora
Doutora Luísa Trindade, apresentada ao Departamento de História, Estudos
Europeus, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de
Coimbra.

Setembro de 2019

FACULDADE DE LETRAS

A DINAMIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO A PARTIR DA CRIAÇÃO ARTÍSTICA – UM CASO DE ESTUDO: A RUA DA SOFIA EM COIMBRA.

Ficha Técnica

Tipo de trabalho	Relatório de Estágio
Título	A dinamização do património a partir da criação artística – Um caso de estudo: A Rua da Sofia em Coimbra.
Autor/a	Rute Tavares de Lemos
Orientador/a(s)	Doutora Maria Luísa Pires do Rio Carmo Trindade Doutora Cláudia Pato de Carvalho
Júri	Presidente: Doutora Maria de Lurdes dos Anjos Craveiro Vogais: Doutor Paulo Jorge Marques Peixoto Doutora Maria Luísa Pires do Rio Carmo Trindade
Identificação do Curso	2º Ciclo em Arte e Património
Área científica	História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes
Data da defesa	09/10/2019
Classificação	17

Agradecimentos

O mundo no qual emergimos durante o último ano do mestrado é muito variado, mas no seu centro, no meu centro, o mundo foi uma rua. Alguns especialistas sabem a sua história mas poucos sabem as histórias dela. Histórias inseridas numa rotina como outra qualquer, com um corpo qualquer, mas nunca com uma alma qualquer. Este projeto dedicado à Rua da Sofia de Coimbra, debruça-se sobre a alma dela mesma, do património, das pessoas e da minha.

Muitas foram as pessoas que tornaram todo este processo concretizável, desde já agradeço à Doutora Cláudia Carvalho pela iniciativa da criação do Projeto Rede Artéria, e pelo convite de participação.

Quero agradecer à Doutora Luísa Trindade pela vivacidade dos pensamentos e ideias, que surgiam sempre em todas as reuniões com tanta naturalidade e leveza, e pela esperança que transmitiu de que tudo correria bem quando estive “perdida na rua”.

Agradeço às amigadas que Coimbra uniu, à Inês Pina e à Suse Duarte que me acompanharam nas tão variadas camadas de acontecimentos que o mundo académico pode proporcionar.

Quero também agradecer à Dona Aguinalda Amaro pela energia positiva, bondade e luminosidade que tudo tenta fazer para dinamizar a Rua da Sofia e as suas gentes.

Por último, à minha família cujo agradecimento é basilar.

RESUMO

O presente trabalho descreve o período de estágio curricular realizado no Centro de Estudos Sociais de Coimbra (CES), no âmbito do Mestrado em Arte e Património, entre Outubro de 2018 e Abril de 2019. Com características particulares, este estágio enquadra-se no domínio do projeto Rede Artéria, que tem por base a revitalização de espaços patrimoniais através da criação artística.

Incide também sobre as várias camadas do património material e imaterial, neste caso, sobre a Rua da Sofia em Coimbra. Deste estágio surgiu também a ideia de um projeto, que apresenta uma hipótese de dinamização para a rua.

O relatório divide-se em cinco capítulos. O capítulo I integra a contextualização do primeiro contacto com o projeto Rede Artéria e descreve o processo até ao estágio no CES. Segue-se a apresentação da entidade de acolhimento e a descrição das atividades realizadas durante o período de estágio no capítulo II. No capítulo III articulam-se ideias teóricas que sustentam o lado prático do estágio e do projeto realizado. Segue-se o capítulo IV, que tem como tema central a Rua da Sofia, abrangendo a sua história, estratégias de ação e legislação e descreve brevemente a rua na atualidade. Para finalizar, capítulo V descreve o projeto idealizado, ainda sem aplicação prática, propondo a criação de uma plataforma digital de conteúdos exclusivos sobre a Rua da Sofia. Terminando com uma lista de atividades possíveis de serem realizadas no âmbito do projeto apresentado.

Por último, a conclusão, que articula toda a experiência do estágio, do contacto com o Projeto Rede Artéria, e com a Rua da Sofia.

Palavras-chave: Rua da Sofia; Património; Identidade; Memória; Revitalização; Plataforma digital.

ABSTRACT

The present work describes the period of curricular internship at the Center for Social Studies of Coimbra (CES), in the scope of the Master's Degree in Art and Heritage, between October 2018 and April 2019. With particular characteristics, this internship fits within the domain of the Rede Artéria project, which is based on the revitalization of patrimonial spaces through artistic creation.

It also covers the various layers of material and immaterial heritage, in this case, on Sofia Street in Coimbra. This internship also provided an internship project, which presents a hypothesis of dynamization for the street.

The report is divided into five chapters. Chapter I integrates a contextualization of the first contact with the Rede Artéria project and describes the process until the start of the internship at CES. Following, is the presentation of the host organization and the description of the activities carried out during the internship period on Chapter II. On Chapter III, a set of theoretical ideas are articulated to support the practical side of the project. Chapter IV focuses on Sofia Street, covering its history, strategies of action and legislation and briefly describes the street today. Finally, Chapter V describes the idealized project, without practical application, this consists of creating a digital platform of exclusive contents about Sofia Street. That finishes with a list of possible activities to be carried out within the scope of the project presented.

Lastly, a conclusion that articulates the whole experience of the internship, the contact with the Rede Artéria project and with Sofia Street.

Keywords: Sofia Street; Heritage; Identity; Memory; Revitalization; Digital platform.

SIGLAS e Abreviaturas

Apud. – Citado por

CDIL – Centro de Diálogo Intercultural de Leiria

CES – Centro de Estudos Sociais

CDMG – Casa da Memória de Guimarães

Cfr. – Conferir

CMC – Câmara Municipal de Coimbra

DARQ – Departamento de Arquitetura

Doc. – Documento

Fig. – Figura

Figs. – Figuras

FLUC – Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

HUC - Hospitais da Universidade de Coimbra

In. – Em

MUPI – Mobiliário Urbano Para Informação

Nº – Número

P. – Página

S.d. – Sem data

Vol. – Volume

ÍNDICE

Agradecimentos.....	i
Resumo.....	ii
Abstract.....	iii
Siglas e Abreviaturas.....	iv
Introdução.....	1
Capítulo I – Projeto Rede Artéria: experiência e análise.....	3
Capítulo II – Estágio Curricular.....	11
2.1. Entidade de Acolhimento.....	11
2.2. Estágio Curricular: Atividades Realizadas.....	14
2.2.1. – Realização de entrevistas e análise.....	15
2.2.2. – Investigação: leituras, pesquisa e análise.....	22
2.2.3. – Participação na Candidatura da Rede Artéria ao Turismo de Portugal.....	23
2.2.4. – Acompanhamento das criações de 2019 do projeto Rede Artéria.....	25
2.3. Análise do Estágio Curricular.....	25
Capítulo III – Património, Memória e Identidade.....	28
3.1. Património – um conceito com vários contornos.....	28
3.2. A(s) Identidade(s).....	34
3.3. A(s) Memória(s).....	37
Capítulo IV – Rua da Sofia – Um estudo de caso.....	42
4.1. Contextualização Histórica.....	42
4.2. Gestão pré e pós classificação.....	44

4.3. A Rua da Sofia na atualidade – Alta e quê?	48
Capítulo V – Projeto: Plataforma digital “Enquanto a Rua Falar”	52
5.1. Metodologia.....	52
5.2. Organização geral da plataforma.....	61
5.3. Uso social e artístico do património da Sofia – Propostas.....	81
Conclusão.....	86
Bibliografia/Fontes Consultadas.....	88
Legislação.....	88
Bibliografia.....	88
Webgrafia.....	90
Conteúdos televisivos.....	96
Anexos.....	97
Documentos.....	97
Figuras.....	143

Introdução

O meu percurso académico teve por tronco principal a Licenciatura em Jornalismo e Comunicação e, como ramo menor, a História da Arte. Tal foi possível em função da nova reforma da Faculdade de Letras, implementada no ano letivo de 2015/2016, a partir da qual foi oferecido aos estudantes completar as suas licenciaturas com outras áreas de estudo. Nesse âmbito desenvolvi um interesse pelas matérias lecionadas nas unidades curriculares de História da Arte, razão porque decidi aprofundar o meu conhecimento inscrevendo-me no Mestrado de Arte e Património.

A mudança de área de estudo colocou novos desafios ao nível da escrita. A grande diferença pautou-se no género e na linha cronológica da escrita que, na área do Jornalismo (nomeadamente na notícia), se caracteriza pela descrição dos acontecimentos do presente com o objetivo de informar o mundo no mesmo segundo em que as coisas acontecem, de modo imparcial. A História da Arte não tem o mesmo objetivo temporal do Jornalismo. Não é para informar o mundo dos seus acontecimentos atuais, baseado em informações que vão sendo aprofundadas ao longo do tempo, mas decifrar o que aconteceu noutra época através dos vários recursos que restam, de modo mais profundo e claro, tendo a imparcialidade (possível) como ponto comum.

Desde o início do Mestrado em Arte e Património, que estive sempre em consideração a escolha de um estágio curricular para completar a minha formação académica e enriquecer o meu Curriculum Vitae. Esta escolha orientou-se pela importância de um primeiro contacto com o mundo do trabalho e a mais valia de uma nova experiência tanto ao nível pessoal como académico. Além de o estágio permitir realizar um projeto de raiz, o que é sempre um desafio colocando à prova a nossa criatividade e intelecto.

Este relatório de estágio teve por repto a Rua da Sofia de Coimbra, local de atuação do Projeto Rede Artéria, que pôs à prova o meu papel de cidadã e aluna na criação de um projeto para a rua. O Centro de Estudos Sociais foi a entidade de acolhimento onde realizei o estágio juntamente com a colega Suse Duarte, partilhando o mesmo desafio, trabalhando juntas embora sem confundir processos e resultados.

O presente relatório, concentra o período de estágio curricular desenvolvido no Centro de Estudos Sociais (CES), entre outubro de 2018 e abril de 2019. A escolha do CES como

entidade de acolhimento surge no seguimento do contacto com o projeto Rede Artéria (com coordenação artística do Teatrão e académica do CES) no período de março a agosto de 2018 e justifica-se por o projeto fazer inicialmente parte do pós-doutoramento de Cláudia Carvalho, investigadora do CES. O contacto com o projeto Rede Artéria, propulsor do presente relatório de estágio, caracteriza-se sumariamente por atuar em espaços patrimoniais recuperados ou em processo de requalificação com o intuito de fortalecer as ligações artísticas e culturais afirmando o próprio território através da criação artística que, de forma variável, pode associar teatro e dança. Um desses espaços foi a Rua da Sofia em Coimbra, cujo contacto me alertou para os seus problemas e para os motivos que não a deixam ser visível. Desse modo, o projeto que integra este relatório é resultante da vontade de “salvar” a Rua da Sofia.

O presente relatório divide-se em cinco capítulos. O primeiro capítulo contextualiza e descreve todo o processo de contacto com o projeto Rede Artéria, desde a primeira abordagem, missão e objetivos, equipa e atividades realizadas anteriores ao período oficial de estágio. No segundo capítulo, insere-se o corpo principal deste relatório: a descrição da entidade de acolhimento e das atividades realizadas durante o período de estágio, finalizando com a avaliação do mesmo. O capítulo III reúne de forma breve um conjunto de ideias teóricas sobre os conceitos de património, memória e identidade, que são fundamentais para perceber as diferentes abordagens à Rua da Sofia. Pretende-se compreender a complexidade do que podem ser estes conceitos, como evoluem no tempo e como se vão adaptando ao momento presente. O capítulo IV apresenta sucintamente a história da rua, desde a sua construção no século XVI até à atualidade, assinalando nesta linha cronológica os principais eventos que deixaram a rua num estado penosamente crítico. Todo o conhecimento adquirido ao longo do estágio culminou na realização de uma proposta de dinamização, que integra o capítulo V deste relatório, que visa a criação de uma plataforma digital de conteúdos exclusivos sobre a Rua da Sofia, intitulada como “Enquanto a Rua Falar”. De forma a complementar a plataforma, segue-se um conjunto de atividades ou eventos que poderiam ser colocados em prática na Rua da Sofia para a dinamizar.

Por último, a conclusão pretende relacionar todas as aprendizagens adquiridas durante o período de estágio e de todo o processo de construção da plataforma “Enquanto a Rua Falar”.

Capítulo I – Projeto Rede Artéria: experiência e análise

O Rede Artéria, iniciado em 2016, caracteriza-se por ser um projeto de programação cultural em rede, cuja candidatura foi realizada pela companhia de teatro conimbricense – O Teatrão – que compõe a coordenação artística do projeto, juntamente com o Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, que assume a coordenação académica. O projeto contou com as entidades co-beneficiárias dos municípios de Belmonte, Coimbra, Figueira da Foz, Fundão, Guarda, Ourém, Tábua e Viseu. É um projeto co-financiado pelo Programa CENTRO 2020, Portugal 2020 e União Europeia, através dos Fundos Europeus e do Investimento. O Rede Artéria propõe-se a defender a relação entre a comunidade, agentes culturais e o ensino superior, no sentido de mobilizar todo o conhecimento com que cada um pode contribuir, desde a memória coletiva à investigação académica, requalificando o património das suas cidades.

O objetivo deste projeto é a criação de uma rede de programação cultural regional, envolvendo agentes e estruturas artísticas da Região Centro, atuando em espaços patrimoniais recuperados ou em processo de requalificação com o intuito de fortalecer as ligações artísticas e culturais afirmando o próprio território. Será, além do mais, um enriquecimento cultural e artístico para os territórios em questão com o intercâmbio de artistas, atores, encenadores, gestores e produtores, entre outros, criando todo um movimento artístico que espera obter um fluxo turístico. A coordenação geral conta com Isabel Craveiro na direção artística, Rui Raposo na rede de itinerância, e Cláudia Carvalho na coordenação académica.

O modelo de governação do projeto conta com cinco objetivos fundamentais¹:

- Implementar uma prática de trabalho cooperante na produção deste evento que distribua responsabilidades pelas entidades parceiras num modelo de gestão da candidatura que evidencia um reforço da coesão dos territórios;
- Afirmar as identidades locais através da divulgação e animação do património material e imaterial numa conjugação inovadora de atividades culturais e económicas que contribuam para o desenvolvimento local;

¹ TEATRÃO (s.d.), Modelo de Governação, Rede Artéria.

- Contribuir para a captação e formação de novos públicos para as atividades culturais, apostando na parceria e participação de agentes e associações locais incentivando a participação e ajudando no desenvolvimento do sentimento de pertença, essencial ao posicionamento estratégico dos territórios;
- Incrementar o desenvolvimento do tecido cultural local de cada município Artéria através da crescente profissionalização dos seus agentes culturais e da promoção do seu trabalho através da Rede Artéria.

O projeto foi decorrendo em várias fases. A fase 1, correspondente ao ano de 2018, teve como objetivo principal compilar e analisar boas práticas ao nível nacional e internacional. A fase 2, que corresponde a uma fase de mapeamento, abrange o ano de 2018, 2019 e 2020 e pretende atualizar, reformular e consolidar uma plataforma digital para o mapeamento dos recursos tangíveis e intangíveis, ao mesmo tempo que pretende acompanhar as tipologias associadas aos processos de criação e monitorizar e avaliar o trabalho levado a cabo pela Rede Artéria. Por último, a fase 3 constitui uma análise crítica de consolidação e disseminação do trabalho.

O projeto Rede Artéria tem como metodologia acompanhar os processos de criação sob uma vertente académica com ligação a alunos de licenciatura, mestrado ou doutoramento de Universidades e Politécnicos da Região Centro, e uma vertente de investigação-ação onde a uma equipa de investigadores acompanhar o processo da criação artística ao nível social e cultural.

A partir do trabalho desenvolvido em *workshops* ocorridos nas “cidades Artéria”, foi possível criar três tipologias de criações artísticas: Tipologia 1 – Percursos, que de forma geral visa o levantamento do património imaterial dos territórios envolvidos com vista à criação de um conjunto de percursos turísticos alternativos, que aliem património material e imaterial e que promovam o envolvimento das comunidades locais na promoção cultural dos seus territórios. Esta tipologia foi aplicada nas cidades da Guarda, Tábua, Fundão, Belmonte e Figueira da Foz; Tipologia 2 – Festivais, aplicada apenas na cidade de Viseu, teve como objetivo principal analisar a forma como a criação de um festival pode alterar o perfil dos públicos culturais com ênfase na forma como o processo formativo dos públicos pode ser influenciado pela criação de uma oferta cultural estruturada em alturas do ano em que esta é pouco comum, e em espaços patrimoniais pouco convencionais, que sejam reveladores da diversidade identitária dos espaços culturais deste território; Tipologia 3 – Novos Tempos, que se desenvolveu nas cidades de Coimbra e Ourém, frisou redefinir a forma como as comunidades

se relacionam com o património cultural edificado, através da valorização do património imaterial dos lugares, assegurando assim uma ligação entre os cidadãos e o património dos lugares que habitam.

Em 2018 estrearam cinco espetáculos²:

- Coimbra – Espetáculo intitulado “Sofia, Meu Amor!”, da dramaturgia de Jorge Palinhos, da Direção de Pedro Lamas e João Paiva (Companhia Trincheira Teatro – Associação Cultural e Recreativa). Realizado na Rua da Sofia de Coimbra. (Figura 1)
- Figueira da Foz – Espetáculo intitulado “SAAL”, criação de Filipa Francisco. Realizado no Sport Clube de Lavos, em Lavos, Figueira da Foz. (Figura 2)
- Ourém – Espetáculo de dança intitulado “Vagar”, criação de Marina Nabais. Realizado na Vila Medieval de Ourém. (Figura 3)
- Guarda – Espetáculo intitulado “O Labirinto”, criação de Graeme Pulleyn. Realizado na Antiga Judiaria e Rua Direita da Guarda. (Figura 4)
- Fundão – Espetáculo intitulado “A Rua Esquecida”, criação de Fernando Moreira (Associação Astro Fingido). Realizado na Rua da Cale e Zona Histórica. (Figura 5)

Em 2019 estrearam dois espetáculos um em Viseu nos dias 8, 9, 16 e 23 de fevereiro, intitulado “Borrvalho – Festival de Inverno para Pequenas Peças à Beira do Fogo”, com criação do Teatro Experimental do Porto (TEP), que se realizou em três locais da cidade de Viseu, Bairro Municipal, Várzea de Calde e Aval e Silgueiros de Bodiosa; e outro em Tábua, o espetáculo “Luto”, uma criação original da Circolando que decorreu a 19, 20 e 21 de julho na Casa do Povo.

O primeiro contacto com o projeto Rede Artéria surgiu no início do segundo semestre do primeiro ano de mestrado, correspondente ao ano letivo de 2017/2018. Este período não corresponde ao período oficial do estágio curricular, mas sim ao primeiro envolvimento no projeto. O estágio curricular foi realizado mais tarde, de outubro de 2018 a abril de 2019. Um dos objetivos do Rede Artéria era ter a participação de estudantes de várias áreas de estudo, com o intuito de se realizarem teses académicas, projetos ou estágios cujo conteúdo refletisse o mote central do Rede Artéria. Por esse motivo, decidi participar no projeto com a intenção de realizar o estágio curricular. Durante o período de março de 2018 a agosto de 2018 que,

² Para mais informação sobre a Ficha Técnica de cada espetáculo, consultar: <https://www.redearteria.pt/>

sublinho novamente, não corresponde ao período oficial do estágio, foram realizadas diversas atividades fundamentais para perceber a organização e dinâmica do projeto e que, por isso, importa aqui destacar:

Articulação das unidades curriculares com o projeto Rede Artéria – março 2018 a julho 2018

Os temas de dois trabalhos de investigação, que fazem parte da avaliação final, foram direcionados para temáticas que de alguma forma se relacionavam com a Rua da Sofia e com a Rede Artéria, para as cadeiras de Espaços do Profano e Gestão e Programação Cultural. Para a primeira foi elaborada uma rota pela Rua da Sofia e, para a segunda, uma análise da gestão até ao momento, do projeto Rede Artéria. Estes trabalhos permitiram direcionar o foco para a componente histórica da Rua da Sofia, e aprofundar o meu entendimento sobre a gestão e todos os processos necessários na elaboração de um projeto cultural em rede.

Nesse mesmo ano, fui acompanhando o projeto que teria a estreia da sua primeira produção em Coimbra, um espetáculo teatral produzido pela Trincheira Teatro, intitulado “Sofia, Meu Amor!”, que se realizou na Rua da Sofia e zona envolvente.

Os meus trabalhos foram partilhados com a Trincheira Teatro na *Drive* do *Gmail*, criada pelo grupo teatral. Neste grupo digital estavam inseridos todos os alunos que iriam contribuir com informação acerca da rua, ou com os seus trabalhos criativos e de investigação. Todo o processo de trabalho da Trincheira Teatro foi igualmente partilhado na Drive, com informação relativa aos percursos, tempos, temas, ensaios, fotografias, entrevistas aos participantes e *workshops*.

O processo de recolha de informação para a produção do espetáculo foi acompanhado por vários alunos, envolvendo várias áreas de estudos (Arquitetura, História da Arte, Arte e Design e Antropologia), que contribuíram de forma significativa com trabalhos de investigação ou direcionando as avaliações finais para temáticas relacionadas com a Rua da Sofia.

Atividades várias – março 2018 a julho 2018

Reuniões

17 de abril de 2018 – Neste dia teve lugar a reunião com os alunos dos cursos de Arte e Design e Teatro e Educação, do Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Educação, no Café Sofia, para ouvir as suas propostas de trabalho para a dinamização da rua.

As propostas dos alunos faziam parte da avaliação final de algumas cadeiras do curso. Foram descritos os objetivos dos alunos para os seus trabalhos, que visaram na sua maioria a realização de obras escultóricas ou sugestões de uma nova sinalética na rua. Depois da reunião realizámos uma visita pela Rua da Sofia com alguns elementos do Trincheira Teatro. Aprendemos sobre alguns métodos de investigação das artes cénicas desde a observação do modo como as pessoas caminham, a velocidade ou como os movimentos podem transmitir certas emoções. A partir desta observação, refletimos como a velocidade do passo muda entre as pessoas que caminham na Rua da Sofia e na Rua Ferreira Borges. Podemos constatar que o passo é mais acelerado na Rua da Sofia do que na Ferreira Borges, o que nos levou a concluir que a rua é um lugar de passagem rápida, não de passeio ou lazer. Nesta visita percorremos também os vários trajetos que o espetáculo integraria.

No mesmo dia, às 20:00, estive presente no CES do Colégio da Graça, com investigadores e alunos das várias áreas, para uma discussão que teve por objetivo fazer o ponto de situação dos trabalhos que estavam a ser realizados por todos os alunos envolvidos no projeto.

11 de Maio de 2018 – Durante este dia, a parte da manhã foi ocupada com a reunião com Fernando Moreira e Ângela Marques da Associação Astro Fingido e Nuno Jerónimo, professor de Sociologia da Universidade da Beira Interior, na Covilhã. O tema central da discussão foi enquadramento dos alunos da UBI no projeto, ao nível da produção de trabalhos académicos (tese, relatório de estágio ou projeto), e o levantamento do número de alunos de outras entidades já envolvidos no espetáculo “A Rua Esquecida”. Foram enunciadas algumas dificuldades sentidas enquanto se criavam as linhas gerais do espetáculo, principalmente ao nível dos percursos e distância a percorrer pelos espetadores.

Da parte da tarde reunimos com os membros da direção do Teatro Municipal da Guarda, nomeadamente Victor Afonso e Carla Morgado e com os membros da Astro Fingido. A reunião decorreu no Teatro Municipal da Guarda e teve como objetivo marcar os dias da realização do espetáculo, tendo em conta a agenda cultural da cidade. Depois da reunião, percorremos o Centro Histórico da Guarda com especial incidência para o itinerário referente ao espetáculo.

Produção fotográfica do SAAL – 19 de Junho de 2018

No Eco Museu do Sal na Figueira da Foz assisti à produção das fotografias que viriam a ser as imagens de divulgação para os cartazes do espetáculo SAAL, uma criação da Figueira da Foz.

Para a sessão fotográfica, o método utilizado foi a encenação de movimentos e posições corporais alusivos à produção do sal. A primeira fase no processo de produção do sal consiste na preparação das marinhas pelo marnoto, na limpeza das lamas, do iodo e da água. Durante esta etapa é utilizado o rodo, um instrumento de limpeza. O movimento de limpeza com o rodo foi utilizado na sessão fotográfica e repetido de modo a que os atores conseguissem imitar de forma verídica o movimento sem o instrumento.

A segunda fase da produção do sal utiliza o mesmo movimento do rodo com outros instrumentos, como as pás. Para além do uso de técnicas de movimento inspiradas na produção de sal, foram encenados movimentos que permitissem sentir texturas, de modo a que os atores sentissem a materialidade do sal, da lama, do iodo e da água. Esfregaram repetidamente as mãos e os pés na lama e experimentaram vários instrumentos relativos à produção do sal, como a pá do malhadal, a pá das carreiras, o rodo, os ugalhos ou formas de madeira usadas na compressão das salinas.

Nessa tarde, foi possível conhecer o grupo amador de atrizes e atores que iriam participar no espetáculo e entrar em contacto direto com o património das salinas, com a sua história e com os métodos de trabalho do sal.

Ensaio geral do espetáculo SAAL – 11 de Agosto de 2018

Assistir ao ensaio geral permitiu realizar uma análise dos pontos positivos e negativos do espetáculo. Além do nervosismo natural que sentiram pela aproximação da data de estreia, existiam partes que ainda não estavam definidas, como textos e diálogos. Paralelamente, conseguiu-se uma maior proximidade à estória que queriam transmitir, desde as reivindicações sobre o património das salinas ao entendimento da produção do sal e das tradições locais que lhe subjazem, como a produção de pipocas salgadas ou a ingestão de salicórnia, a importância da rádio local de Lavos na comunidade e da vida animal selvagem (flamingos).

Ao nível técnico, adquiriram-se novos conhecimentos acerca da dimensão e recursos humanos necessários para a realização de um espetáculo teatral, desde a criação (metodologia, texto, etc.) à produção (figurinos, luzes, som, etc.).

Realização de inquéritos

A realização de inquéritos faz parte de um processo de análise e avaliação do impacto do projeto Rede Artéria. Foram elaborados por Claudino Ferreira, Paulo Peixoto, Cláudia Carvalho e Ricardo Almeida, todos investigadores do CES à exceção do último elemento. Na perspetiva da sociologia o inquérito por questionário distingue-se do da sondagem de opinião através da verificação de hipóteses teóricas e subjacentes análises de correlações que as mesmas sugerem³. Para uma conclusão mais específica é necessário complementar o inquérito através do método da análise estatística dos dados, cujo significado será recolhido através do tratamento quantitativo e que permitirá comparar respostas das diferentes categorias⁴.

Tendo em conta que se trata de um projeto em rede com vários municípios da zona Centro de Portugal, os inquéritos foram realizados de forma a perceber os modos de acesso e participação no espetáculo, a forma como o público tomou conhecimento do Rede Artéria e das companhias artísticas, conceber qual a perceção ou opinião em relação ao espaço em comunhão com o espetáculo e traçar um perfil socioeconómico e cultural do público (Documento 1). Além do mais, permitirá realizar uma análise crítica de avaliação no final do projeto.

Realizei inquéritos em Viseu (10 de agosto de 2018) na itinerância da criação do Fundão, intitulada “A Rua Esquecida”. Na Figueira da Foz, na estreia do “SAAL” (17 de agosto de 2018) e na Guarda (18 de agosto de 2018) novamente na itinerância da criação do Fundão. Ainda na Guarda (24 de agosto de 2018), foram realizados inquéritos na estreia da criação de Graeme Pulleyn, intitulada “Labirinto”.

³ CAMPENHOUDT, L.V. e QUIVY, R. 2005. *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Gradiva, p.188.

⁴ Idem, p.189.

Programa de Férias do Teatrão “Se Esta Rua Fosse Minha” – 27 e 29 de Junho de 2018

Fui convidada por Cláudia Carvalho e João Santos, membro da Direção do Teatrão, para conduzir uma visita ao Colégio da Graça e respectiva Igreja, e ao Colégio de São Pedro na Rua da Sofia, direcionada para o grupo de crianças, com idades compreendidas entre os 8 e 12 anos, que integrou o Programa de Férias do Teatrão intitulado “Se Esta Rua Fosse Minha”.

O discurso foi planeado na Rua da Sofia com Luísa Trindade, de modo a utilizar toda a informação dos trabalhos do segundo semestre, que aqui se mostraram úteis, com o objetivo de perceber que detalhes poderiam chamar mais a atenção do público em causa, e de que modo se poderiam articular as imagens ao discurso.

Estas visitas foram realizadas ao longo de uma semana, durante as manhãs, com guias diferentes todos os dias, entre os quais destaco Lurdes Craveiro e Rui Lobo. Durante a tarde, as crianças seguiam para a Oficina Municipal do Teatro, para realizar outras atividades de expressão dramática, a partir dos conteúdos apreendidos durante a manhã. Todo o conhecimento adquirido durante as visitas teve como resultado final a realização de um teatro posto em cena no Teatrão, a 29 de agosto de 2018. O espetáculo apresentado pelas crianças, a que assisti, teve por base tudo o que estas conseguiram captar sobre a Rua da Sofia. (Figura 6)

Capítulo II – Estágio Curricular

2.1. Entidade de Acolhimento

Fundado em 1978, o Centro de Estudos Sociais é uma instituição científica sem fins lucrativos, sediada em Coimbra na Alta Universitária, nomeadamente no Colégio de São Jerónimo, com outro pólo no Colégio da Graça da Rua da Sofia e também em Lisboa. Foi criado por um grupo de investigadores sob a direção do Doutor Boaventura de Sousa Santos, que deu início à publicação da Revista Crítica de Ciências Sociais como projeto transdisciplinar. Em 1987, a instituição beneficiou de novas condições de financiamento que resultaram na aprovação de um projeto de investigação coletivo de grande dimensão. A crescente expansão do centro foi reconhecida em 2002 através da concessão do estatuto de Laboratório Associado, culminando em 2004 na criação ambiciosa de formação avançada, que deu origem ao primeiro programa de doutoramento. Ao longo dos anos, o CES tem acompanhado as políticas públicas, tem elaborado novas estratégias de extensão e divulgação, providenciando uma vasta produção bibliográfica que reflete o trabalho produzido pelos demais investigadores. Também tem sido responsável pela realização de múltiplos projetos de investigação, sendo na sua maioria de alcance internacional, e por várias iniciativas junto da comunidade científica e de outros públicos.

Dedica-se à investigação e à formação na área das ciências sociais e das humanidades, abrangendo sempre que adequado, outros domínios científicos, através de uma abordagem inter e transdisciplinar. Tem como missão desenvolver atividades de formação como programas de doutoramento e participar em redes de investigação interdisciplinares e transdisciplinares, nacionais e internacionais. Tem ainda como missão no âmbito profissional e académico desenvolver atividades de formação contínua e promover e difundir a cultura científica, realizando atividades culturais. O CES desenvolve as suas atividades com total independência dos poderes políticos, económicos e religiosos, praticando uma política de igualdade de oportunidades e observa a paridade como princípio orientador na composição dos seus órgãos eleitos.

A missão do CES estende-se com as seguintes normas⁵:

- a) Elaborar e executar projetos de investigação científica;
- b) Desenvolver programas de doutoramento;
- c) Publicar e divulgar os resultados da investigação realizada;
- d) Promover atividades de debate e divulgação científica;
- e) Promover a cooperação interinstitucional, nacional e internacional;
- f) Proceder à recolha e tratamento de informação nas áreas das ciências sociais e das humanidades;
- g) Realizar estudos, pareceres e consultorias;
- h) Realizar, desenvolver e promover atividades culturais;
- i) Realizar atividades de extensão;
- j) Estimular a participação dos estudantes nas atividades de investigação científica;
- k) Promover e desenvolver ações de formação profissional e académica;
- l) Conceder bolsas e prémios para apoiar as ações ligadas ao ensino e à investigação;
- m) Exercer quaisquer outras atividades no âmbito da sua missão.

São associados do CES, os docentes e investigadores da Universidade de Coimbra, assim como outros/as investigadores/as de mérito e competência reconhecidos, a Universidade de Coimbra e outras pessoas individuais ou coletivas, que contribuam para os fins da instituição científica. Esta característica de associado, é aprovada em Assembleia Geral, órgão máximo do CES, por maioria de dois terços dos associados. A Assembleia Geral, pode deliberar sobre tudo o que diz respeito à atividade da instituição científica, sem prejuízo das competências próprias dos outros órgãos sociais. É competência deste órgão social⁶:

- a) Alterar os Estatutos do CES;

⁵ CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS (s.d.) Estatutos. [online]. [Acedido em: 12/2/2019]. Disponível em: https://www.ces.uc.pt/ces/ces/pdf/CES_Estatutos_2018_PT.pdf

⁶ *Idem*

- b) Deliberar sobre a admissão e perda de qualidade de Associado/a, nos termos previstos nos Estatutos;
- c) Eleger a Mesa da Assembleia, o/a Diretor/a, a Direção e o Conselho Fiscal;
- d) Aprovar o Relatório de Contas, proposto pela Direção;
- e) Aprovar o Plano de Atividades e o Relatório de Atividades, propostos pela Direção, mediante parecer do Conselho Científico;
- f) Aprovar o Plano Estratégico, ouvindo o Conselho Científico;
- g) Decidir sobre o impedimento e destituição dos membros dos órgãos sociais da Associação;
- h) Fiscalizar os atos de gestão do/a Diretor/a e da Direção, salvaguardando o exercício próprio das competências destes órgãos;
- i) Aprovar os regulamentos necessários à execução dos Estatutos;
- j) Deliberar sobre a extinção, fusão ou cisão do CES.

Ao nível da organização interna, o CES segue uma estrutura encimada por um Diretor, e inerente Direção e pelo Conselho Científico. Integra a função de Diretor, António Sousa Ribeiro, a restante Direção é composta por Madalena Duarte e Lina Coelho e por João Paulo Dias. O Conselho Científico composto por uma Presidente, neste caso por Adriana Bebiane e pelos Vice-Presidentes Jorge Figueira, Maria Paula Meneses e Vítor Neves⁷.

O CES está organizado por núcleos de investigação⁸ – CCArq (Núcleo de Estudos sobre Cidades, Culturas e Arquitetura), NECES (Núcleo de Estudos sobre Ciência, Economia e Sociedade), DECIDE (Núcleo de Estudos sobre Democracia, Cidadania e Direito), NHUMEP (Núcleo de Estudos sobre Humanidades, Migrações e Estudos para a Paz) e POSTRADE (Núcleo de Estudos sobre Políticas Sociais, Trabalho e Desigualdades). Atualmente o CES conta com uma equipa de 139 investigadores, 70 investigadores em pós-doutoramento, 450 estudantes de doutoramento e 57 investigadores juniores⁹.

⁷ As funções datam de 2019.

⁸ CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS (s.d.). Núcleos. [online]. [Acedido em: 19/2/2019]. Disponível em: <https://www.ces.uc.pt/pt/ces/nucleos>

⁹ CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS (s.d.). História. [online]. [Acedido em: 12/3/2019]. Disponível em: <https://www.ces.uc.pt/pt/ces/sobre-o-ces/historia>

2.2. Estágio Curricular: Atividades Realizadas

O estágio de que este relatório dá conta decorreu no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, no período compreendido entre 15 de outubro de 2018 a 15 de abril de 2019, com um total de 485 horas realizadas em seis meses. Trabalhei cerca de quatro horas diárias, tendo sempre a liberdade de poder ajustar o horário mediante as minhas necessidades. Desde o início do estágio que me foi dito que não teria um lugar efetivo para trabalhar, desenvolvendo-se parte das tarefas na Biblioteca Norte-Sul do CES e na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Os objetivos do estágio, delineados no início do processo com a orientadora Professora Doutora Luísa Trindade, passaram por compreender a especificidade de um caso de programação cultural em contexto patrimonial, a partir do Projeto Artéria, e concretamente da sua atuação na Rua da Sofia, em Coimbra. Pretendeu-se também desenvolver um conhecimento profundo e circunstanciado da rua em todo o seu contexto histórico-artístico e conhecer e experienciar, de forma concreta, um processo investigativo de natureza interdisciplinar, com particular ênfase no contacto com diferentes métodos e ferramentas de análise e atuação, aplicando simultaneamente o conjunto de conhecimentos das respetivas áreas de formação-base, que, no meu caso, são o Jornalismo e a Comunicação. É importante conhecer e adequar todo o quadro concetual (património, memória, identidade, comunidade) de suporte de estudo e intervenção em áreas urbanas de reconhecido valor patrimonial e potencial subaproveitado. Além de também ser fundamental conhecer e participar ativamente no cumprimento dos objetivos das entidades de acolhimento e parcerias, respetivamente, o CES e Teatrão, e verter toda a experiência desenvolvida num relatório circunstanciado que permita a avaliação do estágio realizado.

O estágio foi iniciado sob a orientação de Cláudia Carvalho (CES, Coordenadora Académica do Rede Artéria), combinando-se uma estratégia de reunir à segunda-feira por forma a definir as tarefas da semana. Se tal não fosse possível, o cronograma da semana seria enviado por e-mail. A primeira reunião com as duas orientadoras teve por objetivo delinear um projeto de estágio, com base na minha reflexão prévia e preferências pessoais. Tendo em conta que a minha área de formação é o Jornalismo, fez sentido utilizar e colocar em prática as matérias que a licenciatura me proporcionou, propondo, por isso, a criação de uma plataforma digital de interesse público, que integrasse várias categorias de conhecimento sobre a Rua da Sofia.

A par das reuniões mensais com a orientadora da FLUC, foram realizadas em outubro, novembro e dezembro, reuniões mais alargadas, com a presença de Luísa Trindade, Cláudia Carvalho, Margarida Relvão (DARQ) e Andrea Gaspar (Departamento de Antropologia da UC) para acompanhar os desenvolvimentos do estágio. Como já referido, o projeto visa o cruzamento de áreas do saber, com a participação de vários alunos de diferentes cursos. No entanto, a interdisciplinaridade na realização de teses académicas, relatórios de estágio ou projetos foi uma tarefa difícil, sendo que não houve mais do que duas participações referentes às instituições académicas da cidade de Coimbra no decorrer do ano lectivo de 2018/2019.

2.2.1. Realização de entrevistas e análise

Em setembro de 2018 terminaram os espetáculos e itinerâncias do projeto Rede Artéria, relativos às cidades que nesse mesmo ano tiveram criações, como Coimbra, Figueira da Foz, Ourém, Guarda e Fundão. Seguiu-se um processo de avaliação e análise dos vários agentes (vereeção, criadores e participantes) tendo começado por fazer entrevistas aos agentes de Coimbra. As entrevistas foram sempre realizadas na presença de Cláudia Carvalho e Suse Duarte, sendo que Margarida Relvão esteve presente em algumas.

O objetivo da realização das entrevistas centrou-se na avaliação das criações, com o intuito de compreender o impacto dos vários espetáculos nas diversas localidades, bem como o nível de participação e articulação entre os vários agentes envolvidos no processo.

As entrevistas fazem parte de um método qualitativo de estudo das ciências sociais, que consiste em aceder a informações, por meio de reconstruções das experiências dos indivíduos, que podem debruçar-se sobre os seus relatos ou por outros meios. As entrevistas têm, desse modo, o objetivo geral de recolher valores, opiniões, sentimentos e experiências, culminando na interpretação que produzem da sua própria situação. Apesar de ser um método versátil, pode apresentar alguma superficialidade das informações e a baixa confiabilidade dos entrevistados como fatores negativos, sendo que os entrevistados têm tendência para repetir o que é socialmente aceite ou responder de modo a satisfazer o entrevistador¹⁰.

Neste caso, o método da entrevista teve por base um ambiente formal não estrutural, combinado com atos não-verbais de observação sistemática e de atos verbais orais de

¹⁰ ALONSO A. e MIRANDA, D. S. (et. al). 2016. Métodos de pesquisa em Ciências Sociais – Bloco Qualitativo. Sesc São Paulo/CEBRAP, p. 24-29.

perguntas abertas, constituindo uma entrevista semiestruturada. Escritas e dirigidas por Cláudia Carvalho, foram realizadas presencialmente, no local de trabalho dos próprios entrevistados, com agendamento prévio, a várias pessoas consideradas “chave” no processo de criação de Coimbra, entre outras. O âmbito das perguntas foi sempre relacionado com o projeto Rede Artéria a vários níveis, nomeadamente gestão, impacto e análise reflexiva. Sendo que o conteúdo das perguntas foi sempre diferente consoante o entrevistado. Foram realizadas entrevistas diferentes, para os diversos agentes: vereação, criadores e participantes.

Todas estas entrevistas foram gravadas em áudio com a devida autorização, ouvidas, analisadas e registadas em Excel. O conjunto de entrevistados partilhou de uma experiência comum, e por esse motivo, a análise segue uma linha que tende a comparar relatos, procurando semelhanças e diferenças nos discursos.

Foram depois resumidas e inseridas em PowerPoint para apresentação pública, na reunião de 6 de novembro, no Teatrão, que representou um fórum de avaliação do projeto Rede Artéria, com todos representantes técnicos e parceiros de cada município integrante do projeto, com a entidade financiadora, coordenação geral e académica. Esta reunião foi gravada em vídeo pelo Teatrão, sendo posteriormente analisada e organizada em Excel. Toda a informação analisada nas entrevistas e das reuniões fará parte do relatório final de avaliação do projeto Rede Artéria.

Coimbra – Análise do espetáculo “Sofia, Meu Amor!”

Em Coimbra, o espetáculo “Sofia, Meu Amor!”, produzido pela Trincheira Teatro, estreou a 30 de junho e teve por palco a Rua da Sofia e zona envolvente. Ao grupo Trincheira, juntaram-se outros elementos das Classes de Teatro do Teatrão e do Curso de Artes do Espetáculo do Colégio de São Teotónio. O espetáculo “Sofia, Meu Amor!” teve direção de Pedro Lamas e João Paiva, dramaturgia de Jorge Palinhos, figurinos e cenografia de Filipa Malva. O espetáculo teve itinerâncias nos municípios da Guarda (7 de julho), Ourém (15 de julho) e Belmonte (22 de julho).

O projeto Rede Artéria, além de realizar as suas intervenções em lugares patrimoniais, visa também envolver ativamente a comunidade na criação artística. Deste modo, em Coimbra, a comunidade da Rua da Sofia participou em *workshops* (organizados pelo Rede Artéria) e partilhou numa primeira fase, as suas histórias, acontecimentos e personalidades que permitiram à Trincheira Teatro delinear dois momentos: um passado e um presente da rua.

Numa segunda fase, foi trabalhado um terceiro momento: o futuro da rua. A partir desta linha cronológica e de todo o material recolhido dos participantes (comunidade da rua), assim como todo o material que os alunos envolvidos no projeto disponibilizaram, foi possível aos criadores começarem a delinear uma narrativa para o espetáculo. Assim, esta assentou nas diversas histórias das pessoas e do património da rua, tendo inspiração na obra “Por Portas Travessas” de Carlos Pinto dos Santos.

O espetáculo dividiu-se em quatro percursos, correspondendo a cada um uma cor diferente. No levantamento do bilhete, era atribuído ao público um percurso, identificado por uma flor de papel com a respetiva cor. Sem se cruzarem os percursos, a narrativa teatral estava estruturada para ser compreendida por todos os grupos da mesma forma. Os vários percursos exploravam de forma diferenciada a Rua da Sofia (Claustro da Ordem Terceira, Fachada da Igreja do Carmo, Centro Comercial Sofia), a Azinhaga do Carmo, o Beco do Fanado, Terreiro da Erva e o Terreiro do Marmeleiro.

Após a realização do espetáculo foi crucial avaliar todo o processo. Para tal, foram realizados inquéritos por entrevista, cujo guião se adaptou ao grupo de inquiridos. A proximidade com a cidade de Coimbra e a sua criação foi maior do que nas outras cidades, levando a que as relações pessoais com a comunidade se tornassem mais sólidas. Esta familiaridade teve impacto no decorrer das entrevistas pois minimizou o impacto da nossa presença e parece ter originado respostas mais genuínas. Mesmo sendo aplicada uma entrevista semiestruturada, a fluência da entrevista decorreu como uma conversa. Existiram três perspetivas em análise: vereação, criadores e participantes. As entrevistas aos agentes de Coimbra visaram perceber o envolvimento que tiveram no espetáculo “Sofia, Meu Amor!” e a sua relação com o património da Rua da Sofia.

Na entrevista à vereação estiveram presentes, Carina Gomes, Vereadora da Cultura, e Isabel Gaspar, Técnica do Departamento de Cultura, ambas da CMC. Na dos criadores, Pedro Lamas e Bárbara Queirós. Na dos participantes contamos com o Presidente do Tribunal da Relação de Coimbra, Luís Miguel Mendes; Aguilalda Amaro, proprietária do Café Sofia; Alice Abreu auxiliar de saúde da Venerável Ordem Terceira da Penitência de São Francisco; José Lourenço, Vice-diretor do Rancho As Tricanas de Coimbra; João Tavares, proprietário do Café Sofibares; e Sandra Campos, educadora no Infantário 25 de Abril.

De acordo com a Vereação, representada por Carina Gomes e Isabel Gaspar, o ponto positivo realçado foi a inovação trazida pelo projecto, pela realização de espetáculos em rede na zona

centro de Portugal. Considerou-se, todavia, que o espetáculo não podia resultar apenas como um ato isolado, sendo necessário aumentar a frequência de atuação por forma a surtir algum tipo de efeito mais prolongado. Como ponto menos positivo, destacaram a desarticulação entre os intervenientes e a falha da comunicação por parte da empresa Ideias Concertadas, segundo Carina Gomes, pouco conscientes do seu papel.

Do ponto de vista dos Criadores, Pedro Lamas e Bárbara Queirós, foi um desafio construir um projeto que deixasse um lastro enraizado na comunidade. O envolvimento da comunidade da rua foi essencial para a realização dos ensaios, das reuniões e do próprio espetáculo, ação que desenvolveu laços afetivos entre a equipa dos Trincheira Teatro e os comerciantes e profissionais de serviços envolvidos neste processo de participação. Como pontos negativos, destacaram a falta de acompanhamento de elementos da Câmara Municipal de Coimbra nos ensaios, problemas de produção referentes ao espaço de atuação e a dificuldade em estabelecer uma relação abrangente com todos os agentes locais de forma continuada.

Por último, o grupo dos Participantes destacou a nova dinâmica dos espaços graças aos ensaios — com as pessoas a perguntar-se sobre o que se estava a passar —despertando a curiosidade de quem passava. O espetáculo foi importante para divulgar espaços que no dia-a-dia são invisíveis para a maioria do público. Como pontos negativos, realçaram a fraca divulgação do espetáculo, a pouca envolvência da Câmara Municipal e dos próprios comerciantes. Alguns acrescentam que o espetáculo não teve um enredo fácil de entender.

De acordo com a minha visão de elemento participativo no Rede Artéria, e enquanto aluna e cidadã, o espetáculo “Sofia, Meu Amor!” marcou de forma superficial a população da Rua da Sofia e todos os agentes envolvidos no projeto. Isto porque parece não são notórios impactos profundos como os expectáveis de acordo com a tipologia utilizada, que tinha como objetivo redefinir a forma como as comunidades se relacionam com o património cultural edificado e que constituiu a proposta inicial para este tipo de intervenção artística.

São vários os problemas da perceção do impacto na relação da comunidade com o património: qual a abrangência de “comunidade” de que falamos? A população de Coimbra? A que vive e trabalha na Rua da Sofia? A questão passa também por saber se as consciências da “comunidade” que assistiu ao espetáculo foram despertadas. O impacto mais visível surge na comunidade que participou efetivamente no espetáculo, ou seja, nos participantes e nos criadores. E esse é reduzido, embora importantíssimo. A relação da comunidade com o património só pode ser assinalada ao nível da dinâmica que o espetáculo trouxe ao local, pelo

convívio entre atores e comerciantes e pelo elo emocional dos *workshops*, que permitiram, entre tantas outras coisas, a partilha de estórias e vivências. O espetáculo trouxe de facto um movimento especial a todos os comerciantes da rua, que durante as entrevistas de avaliação sublinharam apenas pontos positivos, sem deixar de ressaltar que este tipo de iniciativas deveria ser mais recorrente, o que é mais uma vez uma análise muito positiva.

Quanto à informação disponibilizada pelos inquéritos aplicados pré e pós espetáculo, ela apenas traça o perfil do público e avalia o impacto dos órgãos de comunicação. Na realidade não avalia um elemento principal (sublinho sempre segundo a tipologia proposta) que é o de perceber qual o impacto da mensagem do espetáculo face à relação comunidade-património.

Reconhecendo o carácter pioneiro e a importância fundamental da iniciativa para a cidade e a rua, quis, com a consciência plena de que uma análise cuidada deve ser necessariamente crítica, entender os aspectos menos positivos, na perspetiva de que, no futuro, estes possam vir a ser melhorados.

Neste âmbito, importa destacar que, de forma surpreendente, a maioria das lojas da rua estiveram fechadas no domingo em que se realizou o espetáculo, com exceção do café Sofibares e do Café Sofia. A sua abertura teria certamente dinamizado uma maior relação com o público que foi assistir à peça. Neste ponto de vista, foi criado um espetáculo num “palco morto”, ideia contrária aos objetivos iniciais de revitalização do património, pois a rua perdeu a sua função ao fechar todas as lojas e serviços para acolher a criação artística. Acresce que o enredo, na sua relação específica com a Rua da Sofia, não foi totalmente claro para a maioria dos assistentes.

Ou seja, consciente da enorme mais valia do projeto, creio que a divulgação da rua propriamente dita e dos seus conteúdos a um público que por regra não a frequenta poderia ter sido muito mais profunda, fatores que se agravam tendo em conta o investimento total de 69.819,29€ só para a cidade de Coimbra, sem contar com o apoio de 60% da FEDER (37.293,98€), segundo dados públicos da CMC¹¹.

Por último, a comunicação do espetáculo, tarefa atribuída à empresa Ideias Concertadas, falhou em parte. Apesar das inúmeras notícias surgidas nos vários órgãos de comunicação, não se optou por *outdoors* atrativos e houve pouca divulgação em MUPI’S, o que foi

¹¹ CÂMARA MUNICIPAL DE COIMBRA (s.d.) Transparência, Projetos Cofinanciados, Projeto Artéria. [online]. [Acedido em: 28/8/2019]. Disponível em: <https://www.cm-coimbra.pt/areas/transparencia/portugal-2020/arteria-feder>

justificado pela falta de orçamento para a comunicação. Nas redes sociais o resultado foi positivo, contudo a produtividade podia ter sido maior, assim como a atividade e criatividade de conteúdos. Por produtividade entendemos a relação do objetivo da página com o público que pretende atingir, e com a forma como comunica os conteúdos. Na página de *Instagram*, pouco conteúdo da produção foi divulgado, tendo funcionado mais como agenda. Teria sido mais cativante para o público se houvesse fotos do backstage e da produção, “diretos”, entrevistas ou comentários dos agentes envolvidos, de forma a estabelecer interação com o público que segue a página. No entanto, esse acompanhamento exige um investimento maior de recursos humanos ou o delineamento de uma estratégia de comunicação mais eficaz.

Tábua

Numa saída a Tábua, entrevistamos o Vereador da Cultura António Oliveira e Luís Branquinho, Coordenador do Centro Cultural de Tábua, e mais tarde, Filipa Francisco, criadora do espetáculo da Figueira da Foz, que se encontrava em Coja, numa aldeia do município de Tábua.

A única entrevista diferenciada foi a realizada ao Vereador da Cultura de Tábua, pois embora esteja inserido no projeto, o foco das perguntas foi dirigido para a gestão social e económica da criação de Tábua, cuja estreia seria apenas em 2019. Também foram colocadas questões sobre as itinerâncias que receberam na cidade, durante o verão de 2018, e qual o resultado dessa experiência no âmbito social e cultural para o município de Tábua. As principais preocupações de António Oliveira eram do foro económico. O espetáculo de Tábua não era equilibrado do ponto de vista financeiro em relação ao interesse público, ou seja, tratava-se de um espetáculo com demasiados custos e cujo conteúdo poderia não agradar à maioria do público.

A entrevista à criadora do espetáculo SAAL seguiu o guião proposto para todos os criadores, com uma linha que tocava nos seguintes pontos: método de criação e abordagem, questões relacionadas com aspetos técnicos da criação, pontos positivos e negativos do projeto, importância sobre este tipo de projetos e de parcerias, e por último, elencava perguntas abertas que permitissem ao criador explicar certos processos de relações interpessoais entre os vários agentes ou do próprio envolvimento com o projeto Rede Artéria.

A metodologia de Filipa Francisco assenta em investigações locais, partindo de uma ideia do que quer fazer e não de uma peça já feita. A peça nasce do encontro com as pessoas do local

onde está no momento a trabalhar. Para a criadora, as maiores dificuldades sentidas foram a falta de envolvimento da CMFF e a falta de acompanhamento dos próprios elementos da Rede Artéria, entre outras questões do foro monetário. As itinerâncias não correram como esperado, salvo o caso de Ourém, amplamente positivo.

Figueira da Foz

Na Figueira da Foz foram realizadas entrevistas a todos os participantes do espetáculo SAAL e à Diretora da Divisão da Cultura, Margarida Perrolas, utilizando-se para tal o Centro de Artes do Espetáculo da Figueira da Foz. A entrevista com os participantes seguiu regras mais limitadas de tempo, uma vez que se optou pelo formato de entrevista coletiva aos oito participantes simultaneamente em mesa redonda. As questões eram colocadas a todos, limitando-se o tempo de resposta individual, mas tentando sempre que a conversa fluísse para um melhor aproveitamento da informação.

O balanço da entrevista com Margarida Perrolas permite apurar um resultado positivo do projeto Rede Artéria e do espetáculo SAAL. Apesar de a Câmara Municipal da Figueira da Foz estar habituada a trabalhar com projetos de circulação em rede, destaca o projeto Rede Artéria como inovador ao nível do contacto com a comunidade no processo de criação, cuja preocupação é discutir uma identidade comum e trabalhá-la do ponto de vista artístico para que possa ser divulgada noutros municípios. Enumera os *workshops* e o contacto de artistas profissionais com amadores como um fator importante de aprendizagem e partilha de conhecimentos.

Em relação ao espetáculo SAAL, a CMFF cedeu à criadora Filipa Francisco material bibliográfico e contactos de pessoas relacionadas com o salgado. Foi positivo o facto de o espetáculo se realizar fora de portas, em Lavos, um espaço que não se relaciona com as salinas, o que permitiu levar esta criação artística a outra comunidade. Destaca também o facto de se dirigir à própria comunidade, pois se o espetáculo tivesse acontecido nas salinas, o público seria na sua maioria composto por turistas. A cidade recebeu a itinerância da Guarda, o espetáculo “Labirinto” de Graeme Pulleyn, que também assinala como positivo apesar de ter sido um desafio ao nível da logística do espaço. Este espetáculo consiste num percurso que exigia o corte de estradas e a presença de medidas de segurança, e o tempo necessário para realizar estes contactos e organizar a logística foi pouco. Destaca como positivo o facto de o criador utilizar espaços privados como a barbearia ou o mercado local como palco de espetáculo, que de outra forma não seriam visitados pelo público presente.

Contudo, existem pontos negativos a corrigir e a melhorar, como a comunicação entre a CMFF e os vários agentes do projeto, assim como o facto de a essência do projeto ter sido mal comunicada e, por isso, a itinerância em rede falhar. Para Margarida Perrolas, o projeto Rede Artéria deveria apostar mais na comunicação entre municípios através de reuniões intercalares para evitar falhas de comunicação e fortalecer a relação entre as comunidades, municípios e entidades, ou na criação de uma ficha técnica com informação sobre o espetáculo em questão e contactos, nomes, locais e outras informações úteis que possam ser distribuídas aos vários municípios e agentes envolvidos, para que estejam mais envolvidos e próximos uns dos outros. Em suma, para que estejam de facto em rede.

A entrevista aos participantes do espetáculo SAAL originou opiniões muito diversas, que foram variando consoante a experiência pessoal de cada participante. Relativamente ao processo criativo, houve quem destacasse a pouca preparação e o excesso de improviso, dificultando uma narrativa, o que originou alguma instabilidade. Alguns creem que o tema do salgado foi pouco aprofundado e que o espetáculo deveria ter acontecido nas salinas. Os participantes são na maioria atores e atrizes amadores, habituados a ter um texto para decorar, o que não se verificou neste espetáculo, cujo método assentou na experimentação, improvisação e dança contemporânea. Todos gostaram do resultado final, mas o processo foi complicado e desafiante para alguns.

De forma positiva, destacam a amizade que se prolongou depois do espetáculo e a interação com o público e com o tema do salgado. Em relação ao processo criativo existiram opiniões positivas, como a liberdade na experimentação, deixar acontecer e fluir. De modo geral, obtiveram novas ferramentas de trabalho e novas perspetivas de representação. Apesar das divergências, o grupo adorou toda a experiência que o projeto Rede Artéria proporcionou.

2.2.2. Investigação: leituras, pesquisa e análise

Investigar permite encontrar sentido, desafiar os dados adquiridos e o conhecimento imediato, constituindo, portanto, um ato desafiante que origina a oportunidade de criar novas hipóteses e soluções para determinados problemas.

A metodologia de investigação para a pesquisa relacionada com a reabilitação do património através de práticas artísticas foi fundamentalmente realizada através da consulta de diversas fontes (documentação, livros, artigos académicos, jornais, revistas, arquivos fotográficos).

O contacto com a Sociologia, área proeminente do CES, permitiu desenvolver uma nova metodologia de investigação a partir de técnicas qualitativas, como a entrevista semiestruturada e a observação participante. Esta última conduz sobretudo o seu interesse para o espaço social, mais do que para o tempo, na medida em que se pretende compreender a estrutura de relações sociais num dado momento¹². É realizada em contacto direto, frequente e prolongado com atores sociais, nos seus contextos culturais, sendo o investigador o próprio instrumento de pesquisa¹³.

Deste modo, um dos passos importantes nesta investigação foi observar o público que frequenta a Rua da Sofia, com o intuito de perceber: Quem é este público? O que faz na rua? Como reage à sinalética existente na rua? Os resultados desta análise permitiram compreender que a rua é um canal de passagem ou de consumo de serviços e comércio tradicional. Não existem espaços de lazer nem de fruição do património edificado. Mais, o movimento do corpo acelera quando se entra na rua, os choques entre indivíduos são constantes e a postura é profundamente diferente daquela que, bem perto, se observa na Rua Ferreira Borges e Praça 8 de Maio, espaços pedonais.

Acresce, nesta incapacidade de fruição, a escassa sinalização existente na Rua da Sofia: à entrada da rua ergue-se um *billboard* com um mapa pouco apelativo, raramente consultado e mesmo quem o lê — por regra, turistas — não se sente impelido a percorrer a rua. Ao longo da rua, existem placas de informação, uma em cada colégio, mas muito pouco apelativas quer do ponto de vista estético, quer, sobretudo, na seleção de informação.

Este contacto através da observação do público foi complementado, mais tarde, com a realização de entrevistas semiestruturadas e livres e com a análise documental.

2.2.3. Participação na Candidatura da Rede Artéria ao Turismo de Portugal

No mês de dezembro, o trabalho focou-se na candidatura do projeto Rede Artéria ao financiamento do Turismo de Portugal – Linha de apoio à Sustentabilidade, para a realização de uma plataforma digital. Esta plataforma compromete-se a fornecer um “(...) mapeamento cultural da Região Centro de forma a permitir a melhor adequação das políticas públicas para

¹² *Idem*

¹³ CORREIA, M. 2009. “A observação participante enquanto técnica de investigação”, in *Pensar Enfermagem*. Vol.13, Nº2. Escola Superior de Enfermagem de Lisboa. [online]. [Acedido em: 22/4/2019]. Disponível em: http://pensarenfermagem.esel.pt/files/2009_13_2_30-36.pdf

as áreas da cultura e do turismo às necessidades dos cidadãos, dos residentes, dos turistas, dos territórios e municípios da Região”¹⁴. Por mapeamento cultural entende-se o uso de uma metodologia que constitui “(...) um processo que envolve tanto a recolha como a apresentação dos dados. Trata-se de um processo eminentemente social no qual é definida a identidade de um local”¹⁵. Constitui uma ferramenta para o desenvolvimento das comunidades através de um processo de recolha, registo, análise e síntese de informações. Permite construir uma nova narrativa discursiva e visual sobre a identidade de um lugar, através dos próprios membros da comunidade. Ao mesmo tempo que coloca novas questões, vai ao encontro da descoberta de novas conexões e significados¹⁶.

Neste domínio foram levadas a cabo várias reuniões no Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro (UA/DeCA), com a presença dos investigadores e professores Nuno Dias e Carlos Santos, ambos do Instituto de Investigação em Design, Media e Cultura (ID+), com o intuito de discutir um possível *design*, atrativo e dinâmico, para a plataforma da Rede Artéria. Foi sugerida a criação de uma rede social para agentes culturais inspirada num projeto já desenvolvido por aqueles investigadores para a comunidade científica, intitulado “Global Portuguese Scientists – GPS”. Nesta fase de planeamento, reunimos via *Skype* com os dois investigadores de Aveiro, com Cristina Baptista, gestora de mercado e produtora de conteúdos da iClio, e com João Neto, do Gabinete de Projetos do CES, discutindo-se possíveis parcerias, contratações e financiamentos. Por último, na reunião realizada no Instituto Pedro Nunes, debateram-se com Miguel Monteiro, da iClio, alguns pontos importantes da candidatura, a resolver ainda antes da sua submissão.

Como suporte à redação da candidatura, realizaram-se diversas leituras de regulamentos e legislação, resumindo-se toda a informação e retirando-se o essencial para os objetivos da plataforma Rede Artéria. Ao meu encargo ficou também a realização de um organograma com a estrutura geral da plataforma digital, a leitura da documentação referente à candidatura e o preenchimento de algumas etapas do formulário, cujo resultado será divulgado em setembro de 2019.

¹⁴ Formulário da Candidatura da Plataforma Artéria à Linha de apoio à Sustentabilidade do Turismo de Portugal. Descrição do Projeto. Ponto 4.1. dezembro de 2018. Cedido por Cláudia Carvalho.

¹⁵ CABEÇA, S. M. 2018. “Mapeamento Cultural: uma metodologia sustentada para o património cultural imaterial”. in Revista Memoriamedia. Nº3, art.5. Centro de Investigação sobre o Espaço e as Organizações – Universidade do Algarve. p.2 [online]. [Acedido em: 5/4/2019]. Disponível em:

https://memoriamedia.net/pdfarticles/PT_REVISTAMEMORIAMEDIA_Mapeamento_Cultural.pdf

¹⁶ *Idem*

2.2.4. Acompanhamento das criações de 2019 do Projeto Rede Artéria.

Em 2019 estrearam as criações das cidades de Viseu e Tábua. Durante o período de estágio apenas foi possível assistir à estreia da criação de Viseu. Esta, ocorrida a 8 de fevereiro, obedece a uma tipologia festiva, intitulado “Borrinho – Festival de Inverno para Pequenas Peças à Beira do Fogo” (Figura 7). Com criação do Teatro Experimental do Porto (TEP), trata-se de um espetáculo itinerante que convida os espetadores a entrar nas casas dos habitantes para ouvir histórias em redor de uma fogueira. A itinerância deste espetáculo passou por três regiões de Viseu: Bairro Municipal, Várzea de Calde e Aval e Silgueiros de Bodiosa. A conceção e encenação de Gonçalo Amorim, juntamente com o texto e a dramaturgia de Jorge Loureiro, resultaram na adaptação da história do regresso de Ulisses à região de Viseu, misturando mitos, factos históricos e casos reais.

A minha colaboração esteve essencialmente ligada à realização dos inquéritos ao público, juntamente com três alunos da Escola Superior de Educação de Viseu, depois de previamente instruídos por mim e pela Suse Duarte, com base na experiência que adquirimos nos inquéritos relativos a 2018. O acompanhamento dos ensaios não foi possível de realizar devido à instabilidade dos horários, que estiveram em constante mudança, condicionando o deslocamento de Coimbra a Viseu.

Seguiram-se as itinerâncias deste festival pela Figueira da Foz (2 de março), por Coimbra (9 de março) e Tábua (23 de março), nas quais não consegui estar presente.

2.3. Análise do Estágio Curricular

Refletindo sobre os seis meses de estágio no CES, é possível perspetivar um conjunto de observações que de forma positiva e negativa contribuíram para um objetivo comum: a evolução profissional e pessoal.

Este estágio possibilitou-me uma experiência séria e estruturada ao nível do trabalho de campo, pondo em prática, lado a lado, as metodologias e ferramentas que recolhi na minha formação-base (Licenciatura em Jornalismo e Comunicação e Mestrado em Arte e Património) e as agora aprendidas na área da sociologia. Numa análise global, estagiar numa instituição científica de investigação, no âmbito de um projeto cultural, foi uma oportunidade

de aprofundar as minhas técnicas de investigação, desenvolver novos métodos de pesquisa e novos meios de contacto, quer com o público, quer com outras entidades.

Foi desafiante estar em contacto permanente com o mundo cultural, principalmente com a gestão, lidando simultaneamente com as matérias que lhe são próprias (planeamento, previsão) mas também com as especificidades e interesses de todos os envolvidos. Foi a oportunidade para acompanhar todos os passos do processo, de perceber a logística necessária nas várias áreas como recursos humanos, processo artístico, financiamento, entidades envolvidas, entre outros. Permitiu-me, simultaneamente, consolidar técnicas aprendidas ao longo dos anos (entrevistas, contacto com o público, sensibilidade estética, consciencialização patrimonial) e conjugar os conhecimentos das duas áreas de estudo: comunicação e património.

Com a participação no projeto Rede Artéria, compreendo hoje a complexidade do que é criar, pôr em prática e manter um projeto cultural. No que toca à comunicação, percebi a dificuldade de manter um discurso apropriado, ao mesmo tempo que se gerem emoções, ideias, interesses pessoais e económicos, e posicionamentos políticos. Ainda no domínio da comunicação, a aplicação de inquéritos, para além de proporcionar a aprendizagem da própria composição técnica do inquérito, ajudou-me a desenvolver técnicas de contacto com o outro, a agilizar formas de relações públicas e a praticar a fluidez do diálogo.

Assistir à ligação entre as várias áreas do saber no processo de criação artística permitiu-me compreender os diversos desafios e dificuldades da criação de qualquer espetáculo. O projeto colocou frequentemente profissionais e amadores a trabalhar lado a lado, principalmente na produção dos espetáculos, o que originou um cruzamento de ideias, experiências e partilha de técnicas diferentes que, por sua vez, só enriqueceram o resultado final. A adaptação dos espetáculos às várias cidades foi também um desafio, envolvendo aspetos tão diferentes quanto as condições do espaço, da segurança ao nível dos cortes de estrada e presença de agentes de segurança, autorizações dos municípios, tarefas e pedidos que por regra se revelaram problemáticos e morosos, sobretudo em período de verão e férias. Trabalhar neste projeto, além de tudo o que já foi enunciado, deu-me a possibilidade de conhecer inúmeras pessoas, atores, produtores, encenadores, investigadores, vereadores, presidentes de câmara, fotógrafos, professores, comerciantes, entre tantos outros profissionais, um espectro que alargou a minha lista de contactos e que, num futuro próximo, poderão ser importantes e inspiradores.

Como aspeto menos positivo, destaco o pouco envolvimento nas atividades descritas anteriormente. Com efeito, gostaria que a entidade de acolhimento pudesse ter "exigido" mais de mim enquanto estagiária, confiando-me mais as diversificadas tarefas, permitindo-me assim aprofundar a metodologia do projeto e um envolver-me mais na sua concretização. A sua ausência foi, no entanto, propulsora de um investimento maior no projeto de estágio que visa enriquecer este relatório.

Contudo, o que retiro de mais positivo de todo este envolvimento foi o contacto com o que chamo de “património humano invisível”. Durante todo o processo da Rede Artéria em Coimbra, que foi o que acompanhei mais de perto, percebi que além do património material— neste caso os monumentos da Rua da Sofia (colégios e igrejas) —, existe também um lado humano na rua que, juntamente com o resto, é deixado na invisibilidade. A rua, pelo seu aspeto, parece uma comprida sombra, onde simplesmente aconteceu um espetáculo, mas onde houve ao mesmo tempo, um envolvimento gigante entre o município, atores, produtores e comerciantes. A união que se gerou — e que pudemos confirmar com os testemunhos das entrevistas — fez-me perceber a importância das pessoas e das suas histórias, fazendo-me questionar: o que são os edifícios sem as histórias de quem lá passou?

Capítulo III – Património, Memória e Identidade.

3.1. Património – um conceito com vários contornos.

Dos primórdios à contemporaneidade, o conceito de património foi-se modificando em concordância com a própria mutação da sociedade. Ora, estando a sociedade em constante mutação — e pelo conceito ter evoluído a par daquela — definir património seria obsoleto. Além de que, como explica Choay¹⁷, a “transferência semântica sofrida pela palavra assinala a opacidade da coisa”. Por esses motivos, tentarei apenas deslindar a mutação do conceito, ou seja, da sua construção social e histórica, e ficar consciente das suas linhas gerais na atualidade.

A noção de património tem a sua origem etimológica no latim *patrimonium*, ligada ao conjunto de bens que descendem dos pais para os filhos. Na língua inglesa define-se por *heritage*, acentuando o aspeto da transmissão, na alemã por *kulturgut* que encara o património numa perspetiva económica de bem cultural, e em português, define-se também pela vertente da herança, dos bens de família e propriedade¹⁸. A dimensão semântica da palavra património integra palavras como herança ou transmissão, à qual se adicionam combinações terminológicas que lhe estão associadas, como os adjetivos (material, imaterial, cultural, histórico, etc.), que lhe conferem diversos significados. Para Peralta e Anico, a palavra isolada “cultura” distingue-se da de “património”, pela diferença de que a primeira vive-se¹⁹. Apesar de não se entenderem como sinónimos, elas fazem parte uma da outra, ou seja, o que é selecionado como património faz parte de uma cultura. Desse modo, o património é sempre cultural “pois faz parte de uma cultura enquanto representação metonímica da mesma”²⁰.

O período do Renascimento marca uma fase de valorização do Homem e, ainda que não exista uma noção de património como a concebemos hoje, ela começa nesta época a tomar forma com a valorização da Antiguidade Clássica, estabelecendo uma distância entre presente e o passado longínquo. Com a Revolução Francesa (1789) o conceito de património deixa de

¹⁷ CHOAY, F. 1999, A Alegoria do Património. Edições 70, Lisboa, p.11

¹⁸ NABAIS, J. C. 2000. “Noção e âmbito do Direito do Património Cultural.” in CEDOUA – Revista do Centro de Estudos de Direito do Ordenamento, do Urbanismo e do Ambiente. p.11 [online]. [Acedido em: 2/4/2019].

Disponível em: <https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/5721/3/revcedoua6%20art.1%20CASNAB.pdf?ln=pt-pt>

¹⁹ PERALTA, E. e ANICO, M. (org.) 2006. Patrimónios e identidades: ficções contemporâneas. Oeiras, Celta Editora. p.1

²⁰ *Idem*

ser concebido apenas na esfera do privado e familiar, para ser entendido de forma coletiva, aspeto que se adensa com os nacionalismos do século XIX, em particular na Inglaterra, França e Alemanha²¹, dando origem à criação de uma meta-narrativa que permitiu fomentar o sentimento de pertença e identidade nas populações, legitimando as nações. É também durante esta época que se dá a consagração do monumento histórico²², transformando significativamente o entendimento da noção de património.

Partindo da definição de Pierre-Laurent Frier²³, para quem património é “o conjunto de marcas ou vestígios da atividade humana que uma comunidade considera como essenciais para a sua identidade e a sua memória coletiva e que deseja preservar a fim de as transmitir às gerações vindouras”²⁴, podemos entender que o património é sempre um processo de seleção. Seleção esta feita por um coletivo humano decidido a preservar o que percebe como “externalidade cultural”²⁵ que se radica no presente e se projeta para o futuro. Segundo Casalta Nabais, a noção de património cultural deve ser ampla e aberta “aos novos desenvolvimentos dos valores de cultura e de civilização que possam vir a ter relevante interesse cultural (...)”²⁶, face a outras expressões como património histórico-cultural ou património histórico e artístico, que se esgotam na própria definição. O autor compreende que património cultural e bens culturais não são sinónimos, ainda que sejam equivalentes no modo de perceber a mesma realidade: património cultural é mais global e bens culturais são os seus elementos.

É possível identificar múltiplas abordagens ao conceito de património (cultural), já que ele não só varia consoante os contextos políticos, sociais, geográficos, entre outros, como também em função da perspetiva teórica de o pensar e analisar. Podemos assumir algumas definições mais dinâmicas e abertas, embora nunca as aceitando como totalmente estáveis,

²¹ Crf. SMITH, L. 2006. *Uses of Heritage*. London and New York. Routledge.

²² CHOAY, F. 1999. *A Alegoria do Património*. Edições 70, Lisboa, p. 111.

²³ FRIER, L. P. 1927. *Droit du Patrimoine Culturel*. apud NABAIS, J. C. 2000. “Noção e âmbito do Direito do Património Cultural.” in CEDOUA – Revista do Centro de Estudos de Direito do Ordenamento, do Urbanismo e do Ambiente. [online]. [Acedido em: 2/4/2019]. Disponível em: <https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/5721/3/revcedoua6%20art.1%20CASNAB.pdf?ln=pt-pt>

²⁴ NABAIS, J. C. 2000. “Noção e âmbito do Direito do Património Cultural.” in CEDOUA – Revista do Centro de Estudos de Direito do Ordenamento, do Urbanismo e do Ambiente. p.17[online]. [Acedido em: 2/4/2019]. Disponível em: <https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/5721/3/revcedoua6%20art.1%20CASNAB.pdf?ln=pt-pt>

²⁵ ANICO, M e PERALTA, E. (org.) 2006. *Patrimónios e identidades: ficções contemporâneas*, Oeiras, Celta Editora, p.3.

²⁶ NABAIS, J. C. 2000. “Noção e âmbito do Direito do Património Cultural.” in CEDOUA – Revista do Centro de Estudos de Direito do Ordenamento, do Urbanismo e do Ambiente. p.13[online]. [Acedido em: 2/4/2019]. Disponível em: <https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/5721/3/revcedoua6%20art.1%20CASNAB.pdf?ln=pt-pt>

mas sempre passíveis de serem reconfiguradas com o decorrer do tempo. Para Laurajane Smith, não existe património, mas sim uma prática social e cultural inserida num discurso hegemónico, e autorizado sobre o mesmo²⁷. Isto significa que a qualidade do património não é inerente ao objeto, pois o património é o que resulta de um processo de significação, decidido por um discurso oficial e sujeito a um conjunto de práticas codificadas. Por isso, o que durante muito tempo foi considerado bem menor, pode ser hoje inscrito na Lista de Património Mundial.

O século XX assistiu-se a uma progressiva preocupação com o património, atendendo ao número de eventos e acordos acontecidos nesta época, revelando uma crescente diversidade de princípios de atuação para a classificação de bens suscetíveis de patrimonialização, originando a mundialização dos valores e referências ocidentais com a criação em 1945 da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), que permitiu também conceber o alargamento tipológico do conceito de património. Surgem paralelamente outros organismos, como as associações internacionais como o Conselho da Europa, o Conselho Internacional dos Monumentos e Sítios (ICOMOS – International Council of Monuments and Sites) entre outros que têm contribuído para a manutenção do património²⁸. Simultaneamente, apresenta-se um numeroso conjunto de cartas, declarações e convenções que acompanham a contemporaneidade dos contornos da noção de património, sendo catalisadoras de novas diretrizes de conservação e dinamização.

Sob a égide da UNESCO, em 1954, a Convenção de Haia, para a Proteção dos Bens Culturais em caso de conflito armado, surge na sequência da II Guerra Mundial, e de todos os danos que esta provocou, deixando a Europa abalada com todas as perdas, e em particular a Alemanha numa profunda crise de identidade. No documento recomenda-se o recenseamento dos bens culturais de valor inquestionável, ficando à responsabilidade dos Estados signatários a sua preservação dos efeitos nefastos e destrutivos dos conflitos armados, procurando em simultâneo prevenir o roubo e exportação.

Em 1964, surge através de uma iniciativa do ICOMOS a Carta de Veneza, que assume uma incontornável importância, pelo contributo que deu para a ampliação da noção de monumento histórico, definindo-o como “(...) a criação arquitectónica isolada bem como o sítio rural ou

²⁷ SMITH, L. 2006. *Uses of Heritage*. London and New York. Routledge, p.11.

²⁸ Destaco ainda o Centro Internacional para o Estudo da Preservação e Restauro dos Bens Culturais (ICCROM – International Centre for the Study of the Preservation and Restoration of Cultural Property), o Conselho Internacional de Museus (ICOM – International Council of Museums) e a Direção Geral do Património (DGPC).

urbano que testemunhe uma civilização particular, uma evolução significativa ou um acontecimento histórico. Esta noção estende-se não só às grandes criações mas também às obras modestas que adquiriram com o tempo um significado cultural.”²⁹. A noção em torno do património histórico foi assumindo novos contornos, assim como as medidas regulamentares sobre propriedade e bens culturais, que assume especial relevância na Convenção de Paris de 1970. Nela se estabeleceram medidas sobre importação, exportação e transferência ilícita da propriedade de bens culturais. Definiu-se que são os Estados que devem inventariar ou proceder ao levantamento do património situado nos seus territórios, assegurando a respectiva salvaguarda, proteção e transmissão.

Um momento fulcral nesta década é também a Convenção Geral para a Proteção do Património Mundial, Cultural e Natural de 1972, que estabelece que locais já classificados como património cultural ou natural possam ser inscritos na Lista de Património Mundial, introduzindo, deste modo, o conceito de Património Mundial, alargando o seu entendimento dos bens culturais aos naturais, e ainda dos materiais aos imateriais. Novamente, o conceito de património é alargado para lá do material, incorporando a dimensão imaterial, e incluindo noções de proteção da natureza.

Após a convenção de 1972, alguns Estados-membros manifestaram interesse na criação de instrumentos de proteção do património imaterial, que se veio a efetivar em 2003, com a elaboração da Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial. Denomina-se por imaterial as “práticas, representações, expressões, conhecimentos e competência – bem como os “instrumentos, objetos, artefactos e espaços culturais que lhe estão associados”³⁰. Esta noção tem a sua origem em 1993, na Coreia do Sul, com o programa “Living Human Treasures”³¹. Por esta definição entende-se: “(Living Human Treasures) are persons who possess to a very high degree the knowledge and skills required for performing or re-creating specific elements of the intangible cultural heritage.”³². O património imaterial é também transmitido de geração em geração e é “constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função do seu meio envolvente, da sua interação com a natureza e da sua história, e confere-lhes um sentido de identidade e de continuidade, contribuindo assim para promover o

²⁹ DIREÇÃO GERAL DO PATRIMÓNIO CULTURAL (s.d.). Carta de Veneza. [online]. [Acedido em: 7/4/2019]. Disponível em: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/CartadeVeneza.pdf>

³⁰ UNESCO (s.d.) Convenção Para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial. Paris, 17 de Outubro de 2003. [online]. [Acedido em: 10/4/2019]. Disponível em: <https://ich.unesco.org/doc/src/00009-PT-Portugal-PDF.pdf>

³¹ UNESCO (s.d.). Guidelines for the Establishment of National “Living Human Treasures” Systems. [online]. [Acedido em: 10/4/2019]. Disponível em: <https://ich.unesco.org/doc/src/00031-EN.pdf>

³² *Idem*

respeito da diversidade cultural e a criatividade humana.’’³³. Neste seguimento do património imaterial e intangível, Smith afirma que “‘If heritage is a mentality, a way of knowing and seeing, then all heritage becomes, in a sense, ‘intangible’.’”³⁴, o que nos direciona para uma nova conceção de património, remetendo-nos mais para a abstração do conceito de património do que para o bem cultural em si mesmo. Deste modo, o património é uma forma de pensar e ver o mundo em nosso redor. Não é, por isso, a fisicalidade ou a valorização da imaterialidade que consagra o conceito de património, mas sim a forma como nos relacionamos com a memória e o ato de relembrar.

No mesmo ano que se comemora o Ano Europeu do Património Arquitetónico (1975), é através do Conselho da Europa que surge a Carta Europeia do Património, acontecimento que teve em Portugal um notável impacto e que originou a criação da Lei n.º 13/85, de 6 de julho considerada o primeiro código do Património Cultural Português, que mais tarde foi substituída pela atual Lei de Bases do Património Cultural (Nº107/2001, de 8 de setembro). Em suma, as várias convenções, cartas e recomendações provenientes da UNESCO ou do ICOMOS representam a manutenção de um discurso dominante sobre o património, com o intuito de criar uma comunidade regida pelas boas práticas do património.

É perceptível que o conceito de património foi evoluindo de acordo com os desafios que ocorreram, sendo a função das instituições redefinir o discurso em prol de uma aproximação mais adequada ao momento. Contudo, cresce a preocupação com a vontade generalizada de atribuir o estatuto de património a tudo o que existe, não sendo totalmente pacífica a política das classificações. Para Marc Guillaume³⁵, a sociedade faz um imensurável ato de luto em relação às sociedades tradicionais afastadas pela modernidade. O património tem sempre uma relação inequívoca com o tempo, tenta lutar contra ele, por vezes, fracassando. E é esta sensação de impotência que faz crescer a vontade de conservar tudo o que deixa de ser produzido, transformando em objeto de observação o que resta de um passado³⁶.

³³ UNESCO (s.d.) Convenção Para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial. Paris, 17 de Outubro de 2003. [online]. [Acedido em: 10/4/2019]. Disponível em: <https://ich.unesco.org/doc/src/00009-PT-Portugal-PDF.pdf>

³⁴ SMITH, L. 2006. *Uses of Heritage*. London and New York. Routledge, p.54.

³⁵ Cfr. GUILLAUME, M. 2003. *A política do património*. Porto: Campo das Letras.

³⁶ Cfr. Idem.

Não podemos esquecer, como afirma Carla Gomes, que “a memória não tem preço, mas tem um custo”³⁷. É um dever da geração do presente preservar a memória para a geração futura, desse modo conservando o património cultural e assegurando a sua proteção com boas intenções, mesmo que, por vezes, só ao nível institucional. De todas as políticas culturais existentes (nomeadamente as que visam o património cultural), que tentam contrariar a passagem do tempo no património edificado através de custos elevados, a questão da sustentabilidade surge unanimemente como incontornável.

Este conceito, especialmente a questão do desenvolvimento sustentável, apesar de já ter sido nomeado anteriormente numa fase embrionária de criação, ficou conotado no Relatório *Our Common Future* (1987) como “o desenvolvimento que procura satisfazer as necessidades das populações atuais, sem comprometer a capacidade de as gerações futuras satisfazerem as suas próprias necessidades”³⁸. No entanto, o termo sustentável é associado a uma política económica e não à preservação, o que leva Carla Gomes a adotar o conceito de “gestão racional”³⁹, que como explica, “é mais feliz no estabelecimento dos termos da equação preservação da memória/exiguidade de recursos financeiros”⁴⁰, sendo o adjetivo “racional” essencial na ponderação de bens e interesses conflitantes. No entanto, a autora reflete sobre um aspeto fundamental dessa gestão do património cultural (na perspetiva portuguesa), que nem sempre é racional:

“Dir-se-ia que o objetivo material de promoção da cultura sempre levaria a palma ao imperativo funcional de contenção financeira. No entanto, as coisas não são assim tão simples: primeiro, porque a afetação de recursos à recuperação e valorização do património cultural se fará tendencialmente em prejuízo de outras políticas públicas “concorrentes”, que envolvem necessidades mais básicas e imediatas (educação, saúde, habitação) e, segundo, porque nem sempre os objetivos conflitantes se reduzirão ao problema estritamente financeiro, podendo estar em jogo outras escolhas (v.g., património vs. ambiente; património vs. emprego...). Por mais fundamental que seja o valor da memória, a sua contextualização

³⁷ GOMES, A., C. 2011. O Preço da Memória: A Sustentabilidade do Património Cultural Edificado. Instituto de Ciências Jurídico-Políticas. Centro de Investigação de Direito Público. Lisboa, p.21 [online]. [Acedido em: 12/4/2019]. Disponível em: <https://www.icjp.pt/sites/default/files/media/917-1648.pdf>

³⁸ UNITED NATIONS (s.d.) Sustainable Development, Knowledge Platform. Report of the World Commission on Environment and Development: Our Common Future. Parte I, Ponto II “New Approaches to Environment and Development”, ponto 49, p.39. [online]. [Acedido em: 26/6/2019]. Disponível em: <https://sustainabledevelopment.un.org/content/documents/5987our-common-future.pdf>

³⁹ GOMES, A., C. 2011. O Preço da Memória: A Sustentabilidade do Património Cultural Edificado. Instituto de Ciências Jurídico-Políticas. Centro de Investigação de Direito Público. Lisboa, p.4 [online]. [Acedido em: 12/4/2019]. Disponível em: <https://www.icjp.pt/sites/default/files/media/917-1648.pdf>.

⁴⁰ Idem, ibidem.

força-o a uma convivência harmoniosa com outros objetivos, sob pena de se enveredar por “fundamentalismos culturais” os quais, no mínimo, se revelam desrazoáveis – provocando resistência - e, no máximo, contraproducentes – gerando indiferença.”⁴¹

Ou seja, a ação de patrimonializar é — e terá sempre de ser — resultado de uma escolha ponderada não podendo a sociedade ceder simplesmente ao culto pela memória, cada vez mais avassalador, onde pontua a vontade de poupar tudo à ação do tempo e do homem. Esse fundamentalismo virar-se-á contra a própria patrimonialização, acabando por, de tão extensa e genérica, se tornar um bem comum e, como tal, desvalorizado. Neste âmbito surge outra questão importante relacionada com o ato de classificação de bens que depois são votados ao abandono, desabonando a política de proteção do património cultural e desacreditando o próprio instituto da classificação, o que nos leva a crer que é preferível classificar menos e conservar melhor, apostando na qualidade e não na quantidade.

3.2. A(s) Identidade(s)

Facilmente nos identificamos com algo através de símbolos que reconhecemos e representações de pertença, um ato que não serve só para nos categorizarmos a nós próprios e nos apresentarmos aos outros, mas também para conseguirmos imaginarmo-nos coletivamente. De acordo com Cerulo⁴², podemos definir identidade como “o grau de identificação e solidariedade que um indivíduo tem com o grupo a que pertence, baseado na perceção partilhada pelos membros de uma comunidade da homogeneidade social do Nós por oposição a Eles”⁴³. Assumimos que a construção da identidade é imaginada pelos grupos de forma voluntária dentro de um contexto histórico, social e cultural, e nesse sentido, “toda a formulação da identidade é apenas uma versão da mesma, podendo coexistir diversas versões de uma mesma identidade, sendo que toda a versão da identidade é sempre ideológica, pois estabelece uma relação dialética entre a realidade, as ideias, os valores e os interesses de quem a propõe e ativa”⁴⁴.

⁴¹ GOMES, A., C. 2011. O Preço da Memória: A Sustentabilidade do Património Cultural Edificado. Instituto de Ciências Jurídico-Políticas. Centro de Investigação de Direito Público. Lisboa, p.4-5 [online]. [Acedido em: 12/4/2019]. Disponível em: <https://www.icjp.pt/sites/default/files/media/917-1648.pdf>.

⁴² CERULO, K. A. 1997. “Identity Construction”. in Annual Review of Sociology, 23, apud ANICO, M. e PERALTA, E. (org.) 2006. *Patrimónios e identidades: ficções contemporâneas*. Oeiras, Celta Editora.

⁴³ ANICO, M. e PERALTA, E. (org.) 2006. *Patrimónios e identidades: ficções contemporâneas*. Oeiras, Celta Editora, p.2.

⁴⁴ *Idem, ibidem*.

As identidades coletivas são um processo de contraste entre o “eu” e o “outro”, levando a cabo um trabalho contínuo de identificar as diferenças e semelhanças, que pode muitas vezes ser estável, mas em contínua transformação, o que leva Carlos Moreira a classificá-las como um *work in progress*⁴⁵. Stuart Hall sublinha a complexidade da noção de identidade, considerando o conceito pouco desenvolvido e pouco compreendido pelas ciências sociais contemporâneas para ser definitivamente posto à prova⁴⁶. Cada grupo ou indivíduo vai construindo a sua identidade com base no apego ao passado, mas a natureza inerente ao processo evolutivo humano e transformatório da cada sociedade faz com que a identidade, ou as identidades, sejam mutáveis, (re)inventadas ou (re)construídas, transformando-se ao longo do tempo. Isto leva S. Hall a distinguir três concepções de identidade ao longo da história – o sujeito do Iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno.

Entre o século XVI e o século XVIII, a noção de indivíduo está assente em valores de total unificação como razão, consciência e ação, ou seja, o sujeito do Iluminismo centra-se numa identidade que parece inalterada, centrada no seu núcleo interior. Isto não se reflete no sujeito sociológico, cuja identidade é formada da relação do interior com o exterior, ou seja, a identidade do sujeito entra em contacto com outras identidades, com outras culturas. As mudanças estruturais dos finais do século XX fragmentaram a paisagem cultural das classes, género, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade e trouxeram para a ordem do dia a discussão. Com efeito, “a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza”⁴⁷. É esse deslocamento a origem para a maior característica das sociedades modernas: a mudança, será constante, rápida e permanente. O sujeito pós-moderno é, desse modo, composto por várias identidades, que até podem ser, em alguns casos, contraditórias, compondo um processo de fragmentação e uma identidade não fixa, na medida que a identidade é um processo que se concretiza ao longo do tempo. Por isso, em vez de falarmos de identidade como algo acabado, S. Hall sugere falar de identificação como um processo em andamento.

A noção de identidade pode ser entendida como o sentimento de pertença, reconhecimento ou a natureza de um coletivo humano, sendo que se pode manifestar através do património. Para

⁴⁵ MOREIRA, C. 2006. “Prefácio”. in ANICO, M. e PERALTA, E. (org.) 2006. *Patrimónios e identidades: ficções contemporâneas*. Oeiras, Celta Editora.

⁴⁶ Cfr. HALL, S. 2005. *A identidade cultural da pós-modernidade*. 10ª Edição. DP&A editora. Rio de Janeiro, Brasil.

⁴⁷ MERCER, K. 1990. “Welcome to the jungle”. apud HALL, S. 2005. *A identidade cultural da pós-modernidade*. 10ª Edição. DP&A editora. Rio de Janeiro, Brasil.

Paulo Peixoto, a relação do património com a identidade não é de vida, mas de morte. O autor considera que uma “identidade vivida e partilhada é inimiga da formação de um património”, chegando a afirmar que “a identidade mata o património”⁴⁸ e vice-versa. Neste sentido, compreende-se o ato de retirar a função original do bem cultural em prol de o conservar, retirando-o do uso quotidiano, representando um processo de morte. Contudo, esta concepção aplica-se na sua maioria a objectos. Por exemplo, o ato de retirar uma custódia de valor inestimável, tanto financeiro como identitário, do seu espaço original para um museu, implica que este objeto venha certamente perder a sua função e identidade em benefício da conservação de um património que se poderá perder.

A identidade está em constante transformação para ser limitada e conotada como a causa de morte do património ou o inverso (o estatuto de proteção de um património como causa de morte de uma identidade). Isto não significa que deixamos de ter o dever de preservar e o direito de usufruir do património, mas o processo de identificação face a um bem patrimonial não é igual para todos os membros de uma comunidade. Essa mesma comunidade vai-se transformando, sendo que, a identificação com o património também se vai alterando, ainda que alterar não implique perder.

Desse modo, “ao privilegiarmos a análise da relação ambígua que identidade e património mantêm entre si revelamos que a formação de uma consciência patrimonial é um processo fortemente identitário”⁴⁹. Paulo Peixoto acrescenta que “(...) as identidades não são imutáveis e, contrariamente aos objectivos de muitos processos de patrimonialização, o que importa realçar é o modo como a construção de patrimónios coloca em cena aquilo que a sociologia se habituou a designar por processos de identificação para dar conta do carácter partilhado e conflitual das identidades”⁵⁰.

O conceito de identidade relaciona-se com o conceito já explicitado de património de forma tão peculiar, que não é possível conceber um sem o outro, interiorizando-se a ideia que a perda do património tem como consequência a perda da identidade⁵¹. No sentido de construir a identidade com base na escolha individual ou coletiva de critérios abstratos e imaginados,

⁴⁸ PEIXOTO, P. 2006. “O património mata a identidade”. in ANICO, M. e PERALTA, E. (org.) 2006.

Patrimónios e identidades: ficções contemporâneas. Oeiras, Celta Editora. p.63

⁴⁹ *Idem*, p.64.

⁵⁰ *Idem, ibidem*.

⁵¹ ANICO, M. e PERALTA, E. (org.). 2006. *Patrimónios e identidades: ficções contemporâneas*. Oeiras, Celta Editora, p.1

Peralta e Anico afirmam que “o património como a identidade são ficções”⁵², justificando da seguinte forma: “porque ambos existem apenas em abstrato, como algo virtual, que dependem da forma como nos imaginamos a nós próprios, e somos imaginados por outros, num determinado contexto social. A identidade será assim, a ficção do “sujeito coletivo”; o património, um instrumento simbólico ao serviço dessa ficção”⁵³. Por consequência, o que importa realçar não é a importância do património que é considerado como identidade individual ou coletiva, mas interessa perceber se esse património expressa e produz identificação, e como essas “ficções” são percebidas como reais por um conjunto de pessoas.

Atualmente, com todos os desafios colocados pela multiculturalidade e por uma época onde o tempo é cada vez mais alucinante, onde o património, o conhecimento e as tradições ganham um interesse maior, a questão da identidade assume maior evidência.

John Locke problematizou, de forma filosófica, o conceito de identidade, afirmando que é a consciência e o ato de relembrar que fazem de nós quem nós somos: eu sou o que eu lembro⁵⁴. Desse modo, a identidade está expressamente ligada ao conceito de memória no ato de construção de quem nós somos. Analisados os conceitos de património e identidade, torna-se, neste seguimento, importante deslindar como a memória se relaciona com o património, como o conserva e como o transmite às gerações futuras de modo a (re)criar ou a (re)configurar uma identidade.

3.3. A(s) Memória(s)

O conceito de memória, pode ser entendido como sendo uma propriedade que conserva. De acordo com os estudos das ciências naturais, o ser humano pode aceder à informação passada e atualizar impressões que se conservam através de um conjunto de informações psíquicas⁵⁵. Le Goff refere-se à memória apenas enquanto elemento técnico de conservação, notando a crescente preocupação na criação de objetos para armazenar a memória, desde a prática oral que não tinha qualquer suporte, à escrita em tábuas, índices ou fichas simples, à mecanografia

⁵² *Idem*, p.2

⁵³ *Idem*, *ibidem*.

⁵⁴ LOCKE, J. 1690. *An Essay on Human Understanding*. apud MISZTAL, B. 2003. *Theories of Social Remembrance*. Maidenhead, Berkshire; Philadelphia, PA: Open University Press.

⁵⁵ Cfr. GOFF, J. L. 1990. *História e Memória*. Editora da Unicamp, Coleção Reportórios, Digital Source. São Paulo, Brasil, [online]. [Acedido em: 4/4/2019]. Disponível em: <https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/Hist%C3%B3ria-e-Mem%C3%BA>

e à seriação eletrónica. Além de todos os mecanismos que o homem sempre foi encontrando para preservar os vestígios de um passado coletivo, como os museus, bibliotecas, arquivos ou legislação de proteção do património⁵⁶.

Este sentimento nostálgico em relação ao passado tem um crescimento significativo no século XIX com a evolução tecnológica, causando uma “ruptura traumática do tempo”⁵⁷. Foi um século profundamente marcado pela revolução industrial, o que se tornou decisivo na forma como concebemos a fixação da memória com a criação da máquina fotográfica ou as câmaras de cinema, que mudaram a perspetiva de olhar os eventos passados. Destes meios artificiais de conservar a memória resultou a proliferação de documentos e arquivos⁵⁸.

O interesse pela dimensão da memória aumentou desde a década de 80 do século XX, coincidindo com um aumento do interesse social pela comemoração e pelo relembrar dos vários acontecimentos históricos marcantes na sociedade ocidental. Assistimos a um aumento da frequência da celebração de eventos cívicos, criando uma “febre da comemoração”⁵⁹, expressão de Barbara Misztal, referindo-se a certos momentos como a II Guerra Mundial, o fim da Guerra Fria ou de regimes Coloniais. Segundo Misztal⁶⁰, a importância deste movimento febril acaba por ser significativo para o crescimento da teorização da memória. Estes eventos fazem parte do que podemos definir como “más memórias”, inscritas na nossa relação com o património, o que acaba por criar uma certa tensão entre memória e acontecimentos históricos passados. Para James Wertsch⁶¹, compreender o passado, cingindo-se aos seus próprios limites e termos, é uma tarefa que se torna incompleta, e impossível, acrescentaríamos. Escrever e decifrar o significado do que passou, das memórias e das histórias só é possível no contexto do presente com todas as lacunas inerentes a este processo. A memória atua como uma mediação do ato de relembrar, evocando emoções, representando em simultâneo um processo criador de significado.

Reconhece-se que a memória se relaciona com a identidade e que através do património — qualquer que seja a sua designação (cultural, material, imaterial, legível, intangível) — invoca memórias individuais e coletivas, ajudando, de certo modo, a que as sociedades se lembrem

⁵⁶ *Idem.*

⁵⁷ CHOAY, F. 1999. *A Alegoria do Património*. Edições 70, Lisboa, p.118.

⁵⁸ Cfr. MISZTAL, B. 2003. *Theories of Social Remembering*. Maidenhead, Berkshire; Philadelphia, PA: Open University Press.

⁵⁹ *Idem*, p.2.

⁶⁰ Cfr. *Idem*.

⁶¹ WERTSCH, J.V. 2002. *Voices of Collective Remembering*, Cambridge: Cambridge University Press. apud SMITH, L. 2006. *Uses of Heritage*. London and New York. Routledge.

e recordem os acontecimentos. Anexado ao conceito de lembrança ou recordação está o seu oposto – o esquecimento, criando grande tensão quando, por exemplo, o património faz lembrar um passado que se quer esquecer, dando origem aos chamados patrimónios em conflito.

Face ao património, a memória atua como propulsora de uma reação, que pode gerar emoção e identificação. A emoção que um indivíduo experiencia num determinado momento, vai depender do grau de experiência e identificação com o panorama envolvente. As emoções atuam como elementos de ligação dos sujeitos às comunidades e evidenciam-se de forma mais significativa quanto maior for o seu sentimento de participação coletiva na comunidade⁶². Ou seja, a emoção pode estar diretamente ligada ao sentimento da partilha de um tempo, lugar ou coisa. Podemos concetualizar a memória como um meio cultural ativo do ato de relembrar e de esquecer, que são fundamentais para a nossa perceção e conceção do mundo e que se refletem em diferentes tipos – memória individual e memória coletiva/partilhada.

A noção de memória coletiva começa a surgir com o trabalho de Maurice Halbwachts⁶³, ao afirmar que cada grupo constrói uma identidade para si mesmo através de memórias partilhadas. São construídas socialmente no presente e coletivamente legitimizadas, pela forma como criam um sentido comum baseado nos mesmos interesses e perceções da identidade coletiva. Por exemplo, a memória colectiva, na perspetiva de Halbwachts, pode ser criada com a comemoração de um evento. Esta espécie de trabalho social coletivo em torno da construção da memória pode ser, por vezes, formada através da invenção de tradições com o objetivo de estabelecer ordem social. Na obra “The Invention of Tradition”, Hobsbawn define “tradição inventada” como um ato que equaciona um conjunto de práticas com regras tacitamente aceites de forma a produzir um ritual, que pretende inculcar certos valores comportamentais através da repetição, implicando uma continuidade com o passado.⁶⁴ De um modo geral, as tradições foram sempre inventadas por alguém, independentemente dos motivos.

⁶² Cfr. FORTUNA, C. 2012. “Património, Turismo e Emoção”. in *Revista Crítica de Ciências Sociais*. Nº97. [online]. [Acedido em: 2/4/2019]. Disponível em:

<https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/33424/1/Patrim%C3%B3nio%2c%20turismo%20e%20emo%C3%A7%C3%A3o.pdf>

⁶³ HALBWACHS, M. ([1926] 1992) *On Collective Memory*, Chicago, IL: University of Chicago Press. apud SMITH, L. 2006. *Uses of Heritage*. London and New York. Routledge.

⁶⁴ Cfr. HOBSBAWN, E. and RANGER, T. (eds.) 1983. *The Invention of Traditions*. Cambridge, Cambridge University Press.

As tradições inventadas, eventos ou intervenções estão na base da criação de memórias coletivas e de uma identidade que pode aproximar o indivíduo do património. Por exemplo, a Rua da Sofia em Coimbra ocorreu em anos passados a celebração de um evento, neste caso, uma procissão em louvor da Rainha Santa Isabel que, pelo próprio ato, unia a comunidade e aproximava-a da rua, criando uma memória que agrupava num espaço, mesmo antes de ser inscrito na Lista de Património Mundial, um largo número de pessoas com os mesmos interesses e propósitos, viviam e projetavam-se num momento coletivo de que resultava uma memória partilhada. Neste momento, a rua não recebe qualquer evento. O último, que levou um total superior a 500 pessoas, em três dias consecutivos, à Rua da Sofia, e que, mais importante do que isso, contribuiu para uma nova comunhão de interesses dos habitantes/usufrutuários desse espaço, foi o espetáculo do Rede Artéria “Sofia, Meu Amor!”.

Le Goff explica que “os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva”⁶⁵, ou seja, a Rua da Sofia atualmente não é compreendida da mesma forma por todos os cidadãos de Coimbra, o que não constitui um problema, mas apenas é a constatação de que os eventos, as tradições, as memórias e os esquecimentos podem gerar diferentes formas de identificação com um espaço. É claro que apenas foram recordados dois eventos cronologicamente próximos, pois de acordo com a história da rua e o motivo da sua construção, outros eventos, memórias e outras identidades existiram e foram partilhados por uma memória coletiva que frequentou a rua com os mesmos propósitos – a comunidade estudantil – que já não existe mais, mas o mais grave, é a sua história quase cair no esquecimento.

Importa principalmente concluir que as noções de memória e memoração, ao estarem ligadas ao conceito de património, explicam a emoção do processo cultural do próprio património, reforçando a ideia que o património não é apenas algo que se deve conservar e fazer uso turístico, mas um processo ativo de construção de conhecimento e de sentido através da rememoração. Por isso, é importante a partilha das memórias coletivas, recordá-las como um ato de performance que aproxima as populações e gerações diferentes, para que não se diluam no tempo e se desvançam. O passado é compreendido, representado e negociado de várias formas por grupos ou indivíduos, que criam conceções diferentes face à memória coletiva de uma sociedade. Vão, portanto, existir tantas memórias como pessoas. O ser humano sempre

⁶⁵ GOFF, J. L. 1990. *História e Memória*. Editora da Unicamp, Coleção Reportórios, Digital Source. São Paulo, Brasil. p.368 [online]. [Acedido em: 4/4/2019]. Disponível em: [https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/Hist%C3%B3ria-e-Mem%C3%](https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/Hist%C3%B3ria-e-Mem%C3%BA)

se preocupou em deixar as suas memórias gravadas, mesmo que ainda não houvesse certos sentimentos associados ao património ou à identidade, desde a Pré-história, com a prática das gravuras rupestres, até à marcação dos nomes que se afirmam com o afinco do bico da caneta nas mesas de uma sala de aula. Porque de uma memória nunca se dissocia uma identidade.

Capítulo IV – Rua da Sofia – um caso de estudo.

“De entre outras particularidades de que se podem gabar os monumentos, a mais marcante é, paradoxalmente, o facto de não se dar por eles. Nada no mundo é mais invisível.”⁶⁶

Robert Musil

4.1. Contextualização Histórica⁶⁷

A Universidade portuguesa é criada por D. Dinis em 1290⁶⁸, inicia o seu percurso em Lisboa e instala-se definitivamente em Coimbra no ano de 1537. Sob influência dos intelectuais estrangeiros, como Damião de Góis, André de Gouveia ou André de Resende, profundamente inspirados pelas teorias humanistas de Erasmo de Roterdão, o monarca D. João III percebe o arcaísmo do ensino da Universidade régia em Lisboa. Assim, a par de uma reestruturação profunda da instituição, vai transferir os estudos gerais para Coimbra, uma cidade mais pequena e tranquila, o que possibilitava um ambiente mais calmo e de concentração nos estudos.

É nessa altura que, para receber professores e estudantes, se rasga a Rua da Sofia, ou Rua da Sabedoria, invulgarmente larga e retilínea para a época. Com efeito, o monarca D. João III e Frei Brás de Braga, frade hieronimita do Mosteiro de Santa Cruz, sob cuja tutela o projeto ganha corpo, destinava-se a receber, do lado nascente os vários colégios, do lado poente residências para professores e funcionários.

⁶⁶ MUSIL, R. 1927. “Monuments”. apud Peter Carrier. 2005. *Holocaust Monuments and National Memory since 1989*. Berghahn Books. New York. Oxford.

⁶⁷ Para mais informação, cfr.: LOBO, R. 2006b. *Santa Cruz e a Rua da Sofia: arquitetura e urbanismo do século XVI*. Coimbra: EDARQ; ROSSA, W. 2001. *DiverCidade: Urbanografia do Espaço de Coimbra até ao Estabelecimento Definitivo da Universidade*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. Coimbra.; CRAVEIRO, L. C. 2002. *O Renascimento em Coimbra: modelos e programas arquitetónicos*. Dissertação de Doutoramento em História da Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

⁶⁸ A Universidade portuguesa foi criada por D. Dinis em 1288, que inicia o seu percurso em Lisboa com o Estudo Geral, que fundava-se em dois motivos essenciais: criar um centro de cultura e estimular a ciência e religião e permitir recursos para que nenhum estudante tivesse de se deslocar para o estrangeiro para aprender, além de representar mais prestígio para o Reino.

Alinhado o seu eixo com a nova portaria do Mosteiro, a Rua da Sofia começaria a ganhar forma com os primeiros colégios na sua frente nascente, o de São Miguel, o de Todos os Santos, o da Nossa Senhora do Carmo, e o cisterciense do Espírito Santo. Posteriormente seguiram-se os colégios da Graça e de São Pedro e, na frente poente além das habitações, surgem os Colégios de São Tomás e de São Boaventura e o Convento de São Domingos (Figura 8). Por colégio⁶⁹, entende-se neste âmbito do século XVI, o estabelecimento de ensino pré-universitário, onde os alunos vivem em regime de internato, normalmente associado a uma ordem religiosa.

Frei Brás de Braga, que tinha concluído os seus estudos em França, afirmava perante o Rei, em 1535, que os colégios que se edificavam “se criavã ao modo de paris”⁷⁰. Para além das aulas, era importante cultivar a vivência quotidiana no colégio para exercitar os estudos em línguas, disputas informais e a formação de uma personalidade humanista.

A reforma Joanina além de renovar o corpo docente, também adaptou o programa de ensino, mais evoluído e humanista que se separava em dois níveis de ensino, um preparatório que deveria ser uma base de estudos lecionado nos colégios e depois seguir-se-ia o ensino superior lecionado pelas faculdades de Teologia, Medicina, Cânones e Leia, sediadas no Paço Real.

O plano inicial para a Rua da Sofia foi sofrendo alterações, uma das que gerou alguma polémica, pois a rua fora concebida para receber apenas colégios, foi a mudança do Convento de São Domingos, que era constantemente atormentado pelas cheias geradas pela subida do leito do rio Mondego. Além desta transferência, o Colégio de São Tomás, originalmente sediado na Batalha também veio ocupar um lugar na rua do lado poente.

A rua da sabedoria enquanto estrutura de acolhimento da Universidade cumpriu o seu objetivo original apenas durante vinte e oito anos (1537-1565) em torno dos Estudos Gerais. O plano original da rua foi sendo alterado em prol da eficácia do ensino e acomodação dos estudantes, pois era imprevisível uma adesão explosiva após a transferência da Universidade para Coimbra.

⁶⁹ Cfr.. Por colégios podemos também ter em conta a definição de Rui Lobo “O termo colégio, derivado da Antiguidade, designa originalmente uma congregação de pessoas com a mesma profissão ou, já num contexto universitário uma associação de mestres e/ou estudantes”. LOBO, R. 2006a. “Os Colégios Universitários de Coimbra, Enquadramento na arquitetura universitária europeia e seriação tipológica.” in *Monumentos*, Nº25, Revista semestral de edifícios e monumentos. Lisboa: Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana

⁷⁰ Cfr. Rui Lobo propõe que a Rua da Sofia poderá ter seguido um modelo de construção baseado na Rue de Sorbonne em França que albergava o colégio parisiense. A construção desta rua conimbricense foi mais além, duplicando as dimensões tanto na largura como no comprimento. LOBO, R. 2006b. *Santa Cruz e a Rua da Sofia: arquitetura e urbanismo do século XVI*. Coimbra: EDARQ

A Rua da Sofia foi planeada para receber a Universidade, contudo, a mudança de ideias de D. João III, faz com que em 1537 decida sediar a Universidade na Alta, precisamente o Paço Real ao mesmo tempo que se constrói a Rua da Sofia. Deixando, deste modo, os colégios com um prazo curto de cumprimento das suas funções, que mais tarde são perdidas efetivamente com a extinção das Ordens Religiosas em 1834. É durante o século XIX e XX que os colégios vão sendo ocupados com diferentes entidades e funções, até à atualidade.

4.2. Gestão pré e pós-classificação

Em 1995, seguindo uma proposta do Departamento de Arquitetura, a Universidade lança um concurso para a Reestruturação da Alta de Coimbra e dos seus Colégios de S. Jerónimo e das Artes, ganho pelo Arquiteto Gonçalo Byrne, o que de certa forma constituiu um momento de esperança para a continuação de intervenções desta natureza nos restantes colégios. Contudo, sem efeito.

Em 1998, surgiram rumores da existência de projetos municipais para a Rua da Sofia, com a publicação de um artigo “A cidade e a Acrópole”, na Revista Monumentos n.º 8, e em 1999 realiza-se um colóquio sobre os Colégios da Sofia, por iniciativa da Reitoria da Universidade. A apresentação de algumas estratégias da CMC provocou algum pânico, originando uma imensidão de estudos a vários níveis por parte da Universidade, apesar de alguns trabalhos já se terem iniciado antes de surgir esta preocupação⁷¹. Simultaneamente, estava a ser desenvolvido o projeto de João Mendes Ribeiro para o Pátio da Inquisição e para o Antigo Colégio das Artes e José Paulo dos Santos ganha o Concurso para as Instalações do Centro de Documentação 25 de Abril, para parte do Colégio da Graça.

Em 2004, a Rua da Sofia foi palco de um concurso de ideias para a sua reabilitação, no âmbito da Coimbra Capital da Cultura, desenvolvido por iniciativa do Centro de Estudos de Arquitetura da FCTUC. Foi solicitado aos concorrentes que apresentassem um plano de reordenamento para uma área da cidade que englobasse a rua quinhentista e o conjunto de edifícios que a compõem, juntamente com os espaços públicos e privados que com ela se relacionam. Este concurso vem no seguimento de uma colaboração entre a Universidade de

⁷¹ COSTA, A. A. 2004. “Apresentação do concurso” in *Concurso de ideias para a reabilitação da Rua da Sofia*. ECDJ N°8. Editorial do Departamento de Arquitetura. [online]. [Acedido em: 10/5/2019]. Disponível em: <https://digitalis-dsp.uc.pt/jspui/bitstream/10316.2/37548/3/Concurso%20de%20ideias%20para%20a%20reabilitacao%20da%20Rua%20da%20Sofia.pdf>

Coimbra e o Departamento de Arquitetura que, em 1990, reconheceram a importância da Rua da Sofia, num artigo publicado na *Via Latina*, que cita a proposta de Horta Correia – “O restauro e adaptação a fins escolares deste conjunto original da nossa arquitetura académica constituiria, por parte do estado português, a reparação possível ao atentado de lesa património cometido com a demolição nos fatídicos anos 40-50 deste século XX e a melhor maneira de se associar às comemorações dos 700 anos da nossa Universidade”⁷².

O vencedor do concurso foi Pedro Bandeira, com a proposta de uma intervenção artística para a rua:

“Desprezando o futuro que de nós depende, propõe-se através da construção de um objecto de arte urbana, constituído por um enorme plano-espelho, proporcionar ao utente da rua uma consciência da sua relação física com o património edificado. O transeunte, ator da contemporaneidade, vê-se sobreposto ao património, personificando-o, atualizando-o permanentemente, fazendo “(...) da história mais uma matéria de experimentação do que de juízo”. Com uma face transparente e outra espelhada, o plano-espelho, que é também uma espécie de instrumento de medida, permite leituras várias, algumas totalmente novas, onde o utente se sentirá protagonista do espaço”⁷³.

O que é penoso em todo o concurso é, em primeiro lugar, o projeto vencedor não constituir uma verdadeira resolução para a rua, mas antes uma performance artística cujo impacto seria de curta duração. E em segundo lugar, o facto de o concurso não ter sido mais do que o esforço de uma equipa para construir um novo rumo para a rua, em honra da Sabedoria, não fazendo uso de nenhum dos projetos concorrentes.

Em 2011, é aprovado por maioria na Assembleia Municipal de Coimbra, o Plano Estratégico de Coimbra, cuja base orienta e planifica as estratégias de desenvolvimento local, com o intuito de funcionar como um instrumento de afirmação da cidade no cenário metropolitano regional, nacional e internacional⁷⁴. O plano aponta o turismo e o património edificado como elementos estratégicos numa política potenciadora de desenvolvimento, salientando que o Património Cultural é entendido como um produto cultural e igualmente como um recurso

⁷² *Idem.*

⁷³ *Idem.*

⁷⁴ CÂMARA MUNICIPAL DE COIMBRA (s.d.) *Plano estratégico de Coimbra. Documento complementar.* [online]. [Acedido em: 21/5/2019]. Disponível em: <https://www.cm-coimbra.pt/wp-content/uploads/2018/11/Documento-Complementar-PE.pdf>

político⁷⁵. Este plano passa por três grandes ações: o desenvolvimento de uma Marca para Coimbra, o desenvolvimento de uma política de promoção turística e a candidatura do conjunto monumental da Universidade de Coimbra a Património Mundial. Ainda assim, e partilhando da opinião de Vítor Ferreira e Norberto Santos, os interesses económicos em prol do desenvolvimento turístico através do património foram sobrevalorizados face aos interesses ideológicos ligados à conservação da memória e da identidade local⁷⁶. É um desafio, não é uma impossibilidade, equilibrar interesses económicos com turísticos, sem comprometer a identidade da comunidade.

Desde a década de 80 do século XX que o município de Coimbra ambicionava a classificação de Património Mundial com contornos diferentes dos iniciais, alcançando este estatuto a 22 de junho de 2013, com a Universidade de Coimbra – Alta e Sofia a ser inscrita como Bem na Lista de Património Mundial da UNESCO segundo os critérios II, IV e VI, que passo a citar⁷⁷:

- *Critério II: Testemunhar uma troca de influências consideráveis durante um dado período ou numa área cultural determinada, sobre o desenvolvimento da arquitetura, ou da tecnologia das artes monumentais, da planificação das cidades ou da criação de paisagens.*
- *Critério IV: Oferecer um exemplo excepcional de um tipo de construção ou de conjunto arquitetónico ou tecnológico ou de paisagem ilustrando um ou vários períodos significativos da história humana.*
- *Critério VI: Estar direta ou materialmente associado a acontecimentos ou a tradições vivas, a ideias, a crenças, ou a obras artísticas e literárias com um significado universal excepcional.*

A área classificada como património mundial divide-se em quatro núcleos arquitetónicos e históricos. A eles correspondem diversos momentos, desde a criação, desenvolvimentos, reestruturação e consolidação da Universidade. São eles a Rua da Sofia, o Pátio das Escolas, os Edifícios da Reforma Pombalina e o complexo do Estado Novo na Alta de Coimbra.

Antes e depois da inscrição na Lista de Bens Património Mundial, foram instituídas diversas legislações, programas e estratégias para salvaguardar e promover o património em questão.

⁷⁵ Crf. GRAHAM, B. ASHWORTH, G. J. e TUNBRIDGE, J. E. 2000. *A geography of heritage: power, culture and economy*. London: Arnold.

⁷⁶ Crf. FERREIRA, V. e NORBERTO, S. *Patrimónios de Coimbra – Univer(c)idade: património e desenvolvimento*. in Cadernos de Geografia. 2016. Nº35. Imprensa da Universidade de Coimbra. Faculdade de Letras.

⁷⁷ UNIVERSIDADE DE COIMBRA (s.d.). *Critérios*. [Acedido em: 3/5/2019]. Disponível em: <http://worldheritage.uc.pt/pt/criterios/>

Em finais de 2012, para gerir e monitorizar o conjunto patrimonial classificado como Património Mundial, foi criada a Associação RUAS (Recriar a Univers(c)idade – Alta e Sofia), que conta como membros fundadores a Câmara Municipal de Coimbra, a Direção Regional do Centro de Coimbra (DRCC), a Universidade de Coimbra e a Sociedade de Reabilitação Urbana, Coimbra Viva⁷⁸. A Associação tem uma missão muito vincada no que toca à salvaguarda e proteção do bem patrimonial classificado, assim como no acompanhamento e atualização do Plano de Gestão proposto à UNESCO. Apesar da multiplicidade da equipa que integra a Associação RUAS, da estratégia bem definida e de firmes perspetivas sobre a gestão face ao Bem Patrimonial, a dúvida reside na falta de atividade e de intervenções no património e na sua dinamização.

É também nesse mesmo ano de 2012 que outro documento é promulgado pela CMC, o de Estratégia de Reabilitação Urbana. Esta ação centra-se principalmente na Alta da cidade e no Centro Histórico, de modo a consolidar Coimbra como a cidade do conhecimento e do Mondego e como uma nova metrópole⁷⁹. Aqui é destacada a valorização do conjunto edificado patrimonial da Rua da Sofia, sendo que o processo de candidatura a Património Mundial passa pelo grande destaque do Centro Histórico, através de projetos considerados estruturantes para a reabilitação e refuncionalização da rua, como o “Coimbra Património Ativo” ou “Polo 0 – Rua da Sofia”⁸⁰. A inclusão da rua na candidatura a Património Mundial não passou ainda, na prática, do estágio de promessa, pois as mudanças revelaram-se muito ténues. Com efeito, apesar de, em teoria, os critérios ficarem firmemente definidos, a prática é descurada.

⁷⁸ UNIVERSIDADE DE COIMBRA (s.d.). *Associação Ruas*. [online]. [Acedido em: 22/5/2019]. Disponível em: <http://www.uc.pt/ruas/info>

⁷⁹ CÂMARA MUNICIPAL DE COIMBRA (s.d.). *Estratégia de reabilitação urbana. A estratégia de reabilitação urbana. Parte – II*. [online]. [Acedido em: 22/5/2019]. Disponível em: https://www.cm-coimbra.pt/wp-content/uploads/2013/03/coimbra.old_joomlatools-files_docman-files_A_Estrategia-de-Reabilitacao-Urbana_3.pdf

⁸⁰ CÂMARA MUNICIPAL DE COIMBRA (s.d.). *Estratégia de reabilitação urbana. A estratégia de reabilitação urbana. Parte I*. [online]. [Acedido em: 22/5/2019]. Disponível em: https://www.cm-coimbra.pt/wp-content/uploads/2013/03/coimbra.old_joomlatools-files_docman-files_A_Estrategia-de-Reabilitacao-Urbana_2.pdf

4.3. A Rua da Sofia na atualidade – “Alta e Quê?”⁸¹

O património inscrito na Lista de Património Mundial da cidade de Coimbra representa um bem com valor excepcional que, a sermos coerentes, deve ser respeitado, protegido e preservado, além de ser um direito que a todos assiste. Entendemos que o património e a memória são conceitos que se relacionam, que implicam um sujeito singular ou coletivo, que enunciam, classificam e instituem um património ao qual está associada uma identidade. Percebemos, deste modo, que o património expressa uma identidade, mas será que produz identificação? A questão é saber se mesmo com o património já selecionado e classificado por um coletivo, e inscrito na Lista de Património Mundial, a comunidade expressa identificação pela Rua da Sofia.

Existem duas áreas geográficas que já foram mais próximas do que são na atualidade. Referimo-nos à Alta e à Sofia. A primeira engloba a Universidade, entidade que promoveu nos últimos anos múltiplas intervenções⁸², desde a Biblioteca Joanina, Capela de São Miguel, Faculdade de Letras, Medicina, Matemática, Departamento de Física e Química, Teatro Académico Gil Vicente, Jardim Botânico, Porta Férrea, Palácio de São Marcos, Colégio de São Jerónimo, Colégio da Trindade, Colégio de Jesus, a mudança do Centro de Documentação 25 de Abril e do Centro de Estudos Sociais para as novas instalações no Colégio da Graça, entre outras. Promovidas pela CMC, foram executadas ações de intervenção na Torre do Anto, Antigo Colégio das Artes, vários arruamentos e espaços públicos e foram reabilitados quatro imóveis privados na Alta da Cidade, através do apoio à reabilitação de edifícios de propriedade privada (PRAUD/Obras). Entre outras intervenções, promovidas pela DRCC, destaca-se a Sé Velha⁸³.

Na Rua da Sofia, no entanto, a única intervenção significativa foi a compra de uma parte do Colégio da Graça (dormitórios), onde a Universidade instalou o Centro de Estudos Sociais e o Centro de Documentação 25 de Abril. A decorrer, desde a sua aprovação em 2016, está o

⁸¹ A expressão “Alta e Quê?” provém das perguntas que os turistas fazem aos guias quando vêm o título da classificação, o que explica que há uma parte que conhecem e outra que não. Também perguntam: “O que é isto da Sofia?”. Obteve-se essa informação junto do guia turístico Oscar Ruelle, da empresa ViewPoint.

⁸² As seguintes intervenções foram realizadas em diversos edifícios que não se localizam todas na Alta Universitária, mas foram todas promovidas pela Universidade de Coimbra.

⁸³ UNIVERSIDADE DE COIMBRA (s.d.) *Planos de Gestão* [online]. [Acedido em: 12/5/2019]. Disponível em: <http://www.uc.pt/ruas/monitoring/reports/RI1Tpt>

projeto de intervenção para o Colégio do Carmo e Igreja, que até à atualidade ainda não sofreu nenhuma alteração⁸⁴.

Atualmente, os edifícios da Rua da Sofia dividem-se entre propriedade pública e privada, o que constitui um problema para a própria reabilitação dos espaços e valorização patrimonial. Os edifícios privados incluem o Colégio de São Pedro, Colégio do Carmo, Colégio do Espírito Santo e Colégio de São Boaventura, o Colégio da Graça, a parte que pertence à UC e o Antigo Colégio das Artes, onde é hoje o Centro de Artes Visuais. Os únicos edifícios públicos são o Colégio de São Tomás e a parte do Colégio da Graça que pertence à Liga dos Combatentes.

A Rua da Sofia integra a Lista de Património Mundial e, no entanto, pouco ganhou com a classificação. Não é possível atrair a atenção da comunidade, nacional ou estrangeira, para a importância patrimonial e cultural que a rua tem, sem a intervenção de entidades responsáveis ou de privados conscientes das leis que protegem o património.

A gestão das propriedades tem de ser realizada com urgência. Alguns edifícios apresentam profundos problemas ao nível das estruturas arquitetónicas, como a Igreja de São Pedro ou a Igreja do Carmo, que correm inclusivamente o risco de ruir. Além de as suas fachadas estarem impregnadas de sujidade quer da poluição rodoviária, quer de detritos de aves, crescem as rendas altíssimas exigidas pelos proprietários, cuja consequência é o afastamento de serviços e comércio – o número de lojas ao abandono é cada vez mais notório. Os edifícios que antes serviam para habitação funcionam agora, na sua esmagadora maioria, como escritórios de advogados ou médicos, entre outros serviços.

Para a invisibilidade da rua contribui o facto de, paradoxalmente à sua função, nem sequer as agências de turismo, os postos de turismo ou a dinâmica de visitas guiadas instituída na cidade (quer das empresas privadas quer da UC) passa pela rua. Isto é, apesar de ser Património Mundial, não integra a lista dos locais a visitar por quem vem a Coimbra.

Numa declaração ao Jornal Público, o Presidente da Câmara de Coimbra diz que “Isto não é carregar num botão e sai tudo”⁸⁵. É certo que a reabilitação urbana é morosa, mas desde o

⁸⁴ DIÁRIO DE COIMBRA (s.d.) “Ordem Terceira efetua obras complexas no lar” 26 de março de 2016. [online]. [Acedido em: 14/3/2019]. Disponível em: <http://www.diariocoimbra.pt/noticia/3599>

⁸⁵ SOLDADO, C. 2018. A Rua da Sofia é Património da Humanidade à cinco anos, mas pouco se nota. *PÚBLICO, Ípsilon*. 23/7/2018. [online]. [Acedido em: 6/4/2019]. Disponível em: <https://www.publico.pt/2018/06/23/culturaipilon/noticia/a-rua-da-sofia-e-patrimonio-da-humanidade-ha-cinco-anos-mas-pouco-se-nota-1835600>

início do século XX que todas as obras de restauro e conservação, e o financiamento para tal, se têm concentrado na Alta Universitária e zona envolvente, tendo-se desvalorizado por completo, ao longo destes anos, a Rua da Sofia, que nunca mereceu a atenção da CMC. Apesar de Manuel Machado declarar que a Via Central (Figura 9), ainda em construção, poderá trazer diferenças, nomeadamente no escoamento do trânsito da rua, a verdade é que não se entendem quais são essas diferenças, quando os edifícios se mantêm em mãos de privados (que nada fazem para os preservar) e/ou em estados de conservação precários. Mesmo que eventualmente o trânsito seja cortado e a rua ladrilhada, nunca se surtirão efeitos para a comunidade nem para o turismo caso os edifícios não sofram intervenções. Com isto, quero dizer que a Via Central não vai captar a atenção da comunidade para a Rua da Sofia se esta continuar nas sombras da degradação, com falta de atratividade quer ao nível estético das fachadas, quer ao nível dos serviços e comércio.

A crescente necessidade de valorizar os locais, nomeadamente as cidades, que têm destaque nacional ou até internacional, gerou uma ânsia pelo estatuto de Património Mundial da Humanidade. Esta corrida competitiva de elevação desdobra-se para outras dimensões que dão igualmente visibilidade, como o evento da Capital Europeia da Cultura (CEC). O conceito de CEC tem vindo a evoluir desde 1985, em Atenas, passando por “uma fase de “clandestinidade, de mega-festival e, depois, para uma opção mais híbrida”⁸⁶, que conjuga a cultura com urbanismo e com o aspeto social”, explica Jean-François Chougnat ao Jornal Público. No mesmo artigo, o programador artístico Hugo de Greef afirma que as capitais europeias são oportunidades para que “os cidadãos sejam parte de um projeto de cultura no contexto europeu”⁸⁷.

São, por isso, tempos de *inflação patrimonial*⁸⁸, servindo simultaneamente propósitos de uma comunidade e cultura, assim como de mercado, turismo e principalmente políticos. Um evento como a CEC traz, de facto, mudanças substanciais na estrutura e na imagem da cidade, daí que Coimbra esteja a concorrer para CEC 2027. É um processo que exige apoio por parte do marketing cultural para elaborar as melhores narrativas e exaltar todos os pormenores da

⁸⁶ SOLDADO, C. 2019. Na Capital Europeia da Cultura do futuro, as pessoas importam mais que a programação. *PÚBLICO*. 17/3/2019. [online]. [Acedido em: 14/4/2019]. Disponível em: <https://www.publico.pt/2019/03/17/culturaipilon/noticia/capital-europeia-cultura-futuro-pessoas-importam-programacao-1865779>

⁸⁷ *Idem*.

⁸⁸ FORTUNA, C. 2012. “Património, Turismo e Emoção”. in *Revista Crítica de Ciências Sociais*. Nº97. [online]. [Acedido em: 2/4/2019]. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/33424/1/Patrim%C3%B3nio%20e%20turismo%20e%20emo%C3%A7%C3%A3o.pdf>

identidade do local, tendo em vista a realização de eventos culturais e diversas intervenções. Há, ainda assim, questões que se colocam, como por exemplo: quais são os planos para a Rua da Sofia? Que tipo de intervenções se projetam? Qual a abordagem? Com que objetivo? Após o contacto com alguns membros da equipa de trabalho da candidatura a CEC, como António Pedro Pita, Cristina Robalo Cordeiro e Luís Menezes, concluiu-se que ainda não se conhecem ideias para a Rua da Sofia, apenas uma certeza: a de que ela será inserida na programação cultural do evento. A equipa reconhece o estado indecoroso da rua, todavia ressalta a divisão entre público e privado como a maior barreira para a realização de qualquer intervenção.

Concluindo, respondendo à pergunta inicial deste capítulo, a Rua da Sofia em Coimbra não gera hoje – ou gera de forma muito frágil – qualquer processo de identificação. Não é que tenha sido apagada de forma deliberada da memória coletiva, simplesmente foi caindo progressivamente no esquecimento, em grande parte por outros motivos como a perda da sua função inicial, a deterioração dos edifícios, o seu encerramento, a sua camuflagem ou poluição visual, a falta de informação. A sua inscrição na Lista de Património Mundial não foi ainda suficiente — e por si só nunca o será —, para inverter a situação. E só o reconhecimento e o afeto daí recorrente poderá trazê-la de volta à memória e despoletar um processo de proteção efetiva. Para este esquecimento da rua contribui o desleixo por parte de diversas entidades que têm o poder e o dever de valorizar a Rua da Sofia, o que é ainda mais grave e paradoxal pelo facto de o processo de classificação ter sido por elas dinamizado.

Capítulo V – Projeto: plataforma digital “Enquanto a Rua Falar”.

“Nestas últimas semanas só pensei na nossa maldita história. Nos erros que cometemos. O que une as pessoas? Exércitos? Ouro? Bandeiras? – Histórias. Nada é mais poderoso que uma boa história. Nada a detém. Nenhum inimigo a derrota.”⁸⁹

Lord Tyrion

5.1. Metodologia

O presente projeto consiste na criação de uma plataforma digital com diferentes abordagens e conteúdos sobre a Rua da Sofia, representando a vontade de trazer uma nova ideia e vida para a rua. A componente deste projeto é teórica, sendo a sua maior riqueza a construção de conteúdos. Estes apenas terão aplicação prática com o investimento certo e só assim irão refletir resultados mais concretos para o aumento da visibilidade da Rua da Sofia e para o aumento da consciencialização do valor do seu património material e imaterial. Um dos motivos que subjazem à criação deste projeto está relacionado com o facto de não existir uma plataforma digital com conteúdos dinâmicos, de interesse público e criativos sobre o espaço em questão. Existe o *site* Alta e Sofia Património da Humanidade (<http://worldheritage.uc.pt/>), que inclui informação histórico-artística sobre a Rua da Sofia e todo o património de Coimbra inscrito na Lista da Unesco, mas que é essencialmente de natureza estática e, sobretudo, não interativo com outros fóruns (público ou associações, moradores, iniciativas culturais, etc).

O trabalho elaborado durante o estágio ao nível da observação, análise da rua, seleção de material bibliográfico, realização de inquéritos, entrevistas e posterior análise foi o ponto de partida para a construção deste projeto. A metodologia utilizada foi imprescindível para orientar e atingir os objetivos, que consistiram em compreender como é que o público se relaciona com a Rua da Sofia e, ao mesmo tempo, como se concetualiza o património. Neste sentido, foram realizados inquéritos por questionário *online* e presenciais. Foi também elaborado um conjunto de atividades sistemáticas que serviram de orientação da investigação e dos seus objetivos iniciais, como a elaboração de cartazes e de uma visita guiada.

⁸⁹ “Game of Thrones, The Iron Throne”. Episódio nº 6. Temporada nº8. SYFY. 19 de Maio de 2019. Dirigido por: David Benioff e D. B. Weiss.

Para perceber a dinâmica de ocupação da rua foi realizado um primeiro levantamento do comércio, serviços e lojas por arrendar (Documento 2). A rua apresenta um maior nível de comércio e serviços do lado esquerdo (virados para a saída norte), originalmente ocupado por serviços e residências de professores e funcionários; o lado direito, inicialmente vocacionado para receber os colégios, com as respetivas igrejas, é ainda hoje ocupado por instituições, ainda que o comércio não esteja totalmente ausente. Este é maioritariamente de natureza tradicional, lojas de retalho como restauração, cabeleireiros, vestuário e alguns serviços como escritórios (advogados e médicos), tribunal, casas de saúde. Embora de forma minoritária, também se encontram serviços/unidades orgânicas da Universidade de Coimbra (em grande parte do Colégio da Graça, nos antigos dormitórios). Ao longo de toda a rua, contudo, tem grande peso o conjunto de edifícios desocupados e/ou fechados, como o do antigo Diário de Coimbra, a Igreja do Carmo, a Igreja de São Pedro, alguns escritórios do Convento de São Domingos, entre tantos outros. Ao nível da habitação, de acordo com um estudo prévio do Rede Artéria, existem cerca de 50 residentes na rua⁹⁰, sendo que se podem adicionar os utentes da Casa da Saúde da Ordem Terceira de São Francisco que nela residem.

A par desta leitura empírica, foi fundamental o contacto com profissionais das áreas da arquitetura, turismo e património, que partilharam a sua experiência através de conversas informais. Estiveram presentes nestes encontros Gonçalo Gomes, coordenador do Núcleo de Apoio ao Investimento Turístico do Turismo do Centro de Portugal, que foi essencial para dar voz ao projeto (ainda em construção) através de Victor Melo, jornalista do site “Crónicas da Madrugada” e do blog “Apoio ao Investimento Turístico”, que elaborou uma reportagem intitulada “As duas jovens que vão fazer uma rua falar”⁹¹, sobre a atual plataforma digital. O mediatismo originado nas redes sociais despertou mais tarde o interesse da CMC em reunir para perceber melhor as intenções que regem o atual projeto. A reunião realizou-se na Casa Aninhas com Filomena Dias da Divisão de Cultura e Turismo da CMC.

Ainda da área do turismo, o contacto com Oscar Ruelle, guia turístico da empresa ViewPoint Coimbra, permitiu obter informações mais relevantes sobre as lacunas relacionadas com as

⁹⁰ Pode-se encontrar esta informação na seguinte notícia: PÚBLICO (s.d.), Ípsilon. Coimbra, “Cortar a Rua da Sofia em Coimbra para poder parar, escutar e olhar”. Publicada a 29 de Junho de 2018. Redação de Camilo Solnado. [online]. [Acedido em: 26/4/2019]. Disponível em: <https://www.publico.pt/2018/06/29/culturaippsilon/noticia/cortar-a-sofia-para-poder-parar-escutar-e-olhar-1836427>

⁹¹ APOIO AO INVESTIMENTO TURÍSTICO (s.d.), “As duas jovens que vão fazer uma rua falar”. Publicada a 2 de Julho de 2019. Redação de Victor Melo. [online]. [Acedido em: 2/7/2019]. Disponível em: https://investenocentro.blogspot.com/2019/07/as-duas-jovens-que-vao-fazer-uma-rua.html?fbclid=IwAR33RvvvLfx_MRMdPhJmF60xtLin1BBiu2pjTjsIx8bPVOyaHRlcM15kRY

visitas à Rua da Sofia: mesmo estando a rua integrada num percurso, a sua explicação é dada na Praça 8 de Maio. Da mesma área e corroborando a informação, Catarina Freire, membro do Sindicato Nacional da Atividade Turística, Tradutores e Intérpretes (SNATI), revelou todo um conjunto de dificuldades em realizar visitas guiadas à Rua da Sofia, de que são exemplo a impossibilidade de entrar na maioria dos edifícios, o que condiciona o preço a cobrar e, como tal, a rentabilidade. No âmbito das boas práticas ao nível nacional, entrámos em contacto com Catarina Pereira, da Casa da Memória de Guimarães, e com Filomena Sousa, da Memoria Media (Lisboa). Estes encontros foram úteis para perceber como se pode trabalhar a memória coletiva de um povo e simultaneamente conservar a sua imaterialidade.

Seguidamente, entrámos em contacto com Rui Lobo, que nos pôs a par do seu projeto sobre Santa Cruz e a reconstrução 3D do Mosteiro com vista à adoção de visitas com óculos de realidade virtual. Este encontro teve como objetivo entender se existiria alguma forma de inserir a Rua da Sofia neste projeto – algo que, para já, não está ainda nos planos. Um outro encontro importante, embora sem desenvolvimentos até à data, foi com o arquiteto Eduardo Mota (membro da equipa do Gabinete para o Centro Histórico da CMC) que atualmente desenvolve um projeto de renovação da sinalização da rua, um aspeto que considerámos mais frágil em toda a comunicação existente. A Rua da Sofia possui uma sinalização pobre e um dos propósitos deste encontro foi precisamente o de entender o que os profissionais da área urbanística pretendem elaborar neste sentido. Não obstante, até à data, não dispomos de novas informações sobre o assunto (Figuras 10 e 11).

Para fundamentar que tipo de conhecimento teriam os cidadãos de Coimbra sobre a Rua da Sofia, foram realizados inquéritos por questionário, presenciais e *online*, de modo a abranger vários públicos. Os inquéritos *online* foram divulgados no *Facebook*, através de páginas pessoais e no grupo “A Nossa Baixa de Coimbra. Agora e Sempre”, e foram também enviados por *e-mail* para o Centro de Artes Visuais, Escola da Noite, Agência para a Promoção da Baixa, Associação Empresarial da Região de Coimbra, Direção Regional de Cultura do Centro, Liga dos Combatentes, Associação RUAS e Palácio da Justiça de Coimbra. Os inquéritos presenciais foram realizados a alunos da Faculdade de Letras de Coimbra, nomeadamente às turmas do Mestrado de Arte e Património e às das Licenciaturas em Arqueologia e Jornalismo e Comunicação.

Inquérito por questionário

O inquérito foi composto por 19 perguntas de resposta fechada (sim ou não) e aberta (aberta a comentários). No inquérito por questionário, a amostra foi de 330 questionários, 226 *online* e 104 em papel (Documento 3). O tratamento da informação obtida foi diferente consoante o suporte do inquérito e o público, sendo que todos os inquéritos em papel foram respondidos por estudantes e os *online* por outros públicos (Documento 4). Deste modo conseguimos analisar a opinião de dois públicos distintos, o estudante e “outros”, na sua maioria já a exercer uma atividade profissional.

Para não se tornar uma análise exaustiva de cada grupo, analisarei em simultâneo as semelhanças e diferenças mais evidentes em cada pergunta em ambos os grupos. Defino o grupo A para me referir aos inquéritos escritos (estudantes da FLUC) e o grupo B, para me referir ao grupo dos inquéritos online (outros públicos).

Em relação à pergunta “Costuma frequentar a Rua da Sofia em Coimbra?”, em ambos os grupos a resposta “Sim” foi superior a 70%, sendo a regularidade de visitas à rua mais de três vezes em seis meses superior a 45%. O motivo que leva mais pessoas à rua, atingindo um valor superior a 70%, é o uso da rua apenas como via de passagem para outras áreas da cidade, sendo o segundo motivo com maior percentagem o usufruto comercial ou de serviços.

Face à questão “Tem conhecimento que a Rua da Sofia é Património Mundial?”, é surpreendente que no grupo A, a resposta “Não” ser de 40% e no grupo B de 16,6%. Tendência que se repete quando é questionada “Na sua opinião, considera a Rua da Sofia Património?”, obtendo um valor de “Não” de 31% no grupo A de 19,9% no grupo B. Em ambos os grupos, a percentagem que não considerou a rua património, apontou o motivo da degradação e abandono como fatores distintivos. Quando justificada esta questão no sentido positivo, o motivo mais referido é o valor histórico, arquitectónico e patrimonial.

O conjunto nº5, não compõe perguntas, mas sim afirmações e pretende avaliar diversos fatores numa escala de concordância de 1 (discordo totalmente) a 5 (concordo totalmente). No grupo A, a afirmação “a) A Rua da Sofia é um elemento muito importante na cidade de Coimbra”, obteve maior percentagem no nível 5, sendo que se divide homogeneamente pelo nível 3 e 4. Contudo no grupo B, o nível 4 foi superior, seguido do nível 3 e só depois o nível 5. Na afirmação “b) O facto da Rua da Sofia ser classificada Património da Humanidade pela UNESCO atrai pessoas que de outra forma não visitariam a rua.”, divide opiniões, e os níveis

ficam quase todos no mesmo patamar. No grupo A destaca-se o nível 3, seguido do nível 2. No grupo B, destaca-se o nível 4, seguido pelo nível 3. A afirmação “c) A classificação desta rua como Património Mundial é uma forma de lhe dar reconhecimento”, atinge uma percentagem máxima do nível 5 no grupo A, e no grupo B, por uma diferença de 0,5% em relação ao nível 5 (42%), destaca-se o nível 4 (42,5%). A afirmação “d) A Rua da Sofia tem valor histórico independentemente de ser ou não Património Mundial da UNESCO”, atinge o nível 5 com distinção em ambos os grupos. Na última afirmação, “e) A passagem de veículos na Rua da Sofia influencia a minha perceção dos edifícios”, destaca em ambos os grupos o nível 5 de concordância.

A pergunta nº6 “Sabe o que significa Sofia”, tem uma percentagem positiva superior a 70% em ambos os grupos. Não se verifica um destaque positivo acentuado na questão nº 7 “Conhece os motivos que levaram à construção desta rua?”, sendo que o grupo A respondeu de 63% para “Não”, e o grupo B de 46,9%. Resposta que permite concluir, que apesar das questões patrimoniais, a informação acerca da rua e o conhecimento histórico não está presente na comunidade estudantil (grupo A) e é mais ténue no restante público. E esta tendência continua a ser visível na questão nº8 “A partir de que ano foi construída a Rua da Sofia”, ambos os grupos tem uma percentagem superior a 50% para “Não sabe”, sendo que a comunidade estudantil (grupo A) chega aos 75%. A questão nº9 “A Rua da Sofia alberga vários colégios. Sabe o que é um colégio?”, obteve uma percentagem superior a 80% para a resposta “Sim”, em ambos os grupos. Para a afirmação de Verdadeiro ou Falso nº10, “A Rua da Sofia tem parte de uma igreja dentro de um centro comercial”, em ambos os grupos a percentagem é superior a 60% para a resposta “Afirmação Verdadeira”.

A pergunta nº11 é de resposta aberta, pretendeu-se que os inquiridos enumerassem quais os aspetos positivos da rua, sendo que se destaca novamente o valor histórico, arquitectónico e patrimonial em ambos os grupos. No entanto, são apontados outros motivos, como o comércio ou a largura da rua, como positivos. A pergunta nº12 segue o oposto, e questiona os inquiridos sobre os aspetos menos positivos, sendo que são enumerados com maior percentagem o tráfego automóvel, seguido pelo abandono e degradação, como fatores determinantes. Destaco que no grupo A, houve uma percentagem de 22% que não respondeu na pergunta nº11 e de 30% na nº12. A pergunta nº 13, também de resposta aberta, pretende que os inquiridos completem a seguinte frase “Se esta rua fosse minha...”. No grupo A, cerca de 44% não respondeu, e apontou a reabilitação dos edifícios e a proibição do tráfego automóvel como possibilidades práticas para a rua. O grupo B, também teve uma percentagem considerável de

20% de pessoas que não responderam, sendo que se destaca a recuperação e revitalização da rua, seguida pela dinamização e valorização, e em terceiro lugar a proibição do tráfego automóvel.

O último grupo de perguntas, pretende perceber o perfil do público inquirido. Em ambos os grupos a percentagem de mulheres foi superior a 65%, ocupando o género maioritário no preenchimento dos inquéritos. No grupo A, a idade maioritária são os 19 anos, no entanto as idades compreendem-se entre os 18 anos e os 69 anos. No grupo B, a idade predominante são os 24 anos, contudo neste grupo, o leque de idades é mais variado, oscilando entre os 15 anos e os 89 anos. O conselho de residência é na maioria Coimbra em ambos os grupos. As habilitações literárias no ensino secundário atingem um valor de 90% no grupo A, que se justifica porque ainda frequentam a licenciatura. Contudo 13% são trabalhadores-estudantes.

Não obstante, no grupo B, o valor de inquiridos com ensino superior é de 80%, e de 17% com ensino secundário. Estando 65% dos inquiridos a exercer uma atividade profissional. A última pergunta, é apenas para quem respondeu na anterior que a ocupação principal era estudante, para entender qual a área de estudo. A que área predominante é Jornalismo e Comunicação (37%), que se justifica pelo número elevados de alunos da turma inquirida. Seguida pelos estudantes de Arqueologia e História da Arte, ambos com 25% de percentagem inquirida.

Concluindo, as percentagens em ambos os grupos face ao reconhecimento da rua como património é relativamente elevada, tendo em conta o grau académico que pressupõe mais conhecimento e cultura. Por outro lado, é justificável esta falta de conhecimento pela inatividade de serviços, comércio e eventos, e pela degradação da rua, que não tem indicadores comparativos com a Alta universitária, que apenas pela afluência turística, se reconhece a importância do local. Também se torna claro, que a rua é apenas uma via de passagem para outras áreas da cidade.

É reconhecido o valor histórico e patrimonial apesar da maioria concordar que a classificação foi importante para dar uma nova visibilidade, no entanto, simultaneamente se conclui que não só a classificação que atrai pessoas. O trânsito automóvel é apontado como o maior problema, sendo o seu corte uma das soluções apontadas, destacando-se também a reabilitação dos edifícios.

Inquérito por entrevista – *Storytelling*.

O património material da Rua da Sofia possui um valor imprescindível para a identidade da cidade, ainda que não seja reconhecido por todos da mesma forma. Tendo em conta que o património apenas pode ter valor quando é usado, protegido e cuidado pela população, um dos objetivos deste projeto passou precisamente por conhecer os rostos, as histórias e as memórias desta população na perspetiva do *storytelling*.

O *storytelling* é uma prática social e cultural que sempre acompanhou a humanidade. Contar histórias é um ato de disseminação de cultura e de criação de empatia, e é através dele que construímos história e tradições, fomentando o sentimento de pertença e identificação. Segundo Chronis⁹², o *storytelling* para fins turísticos prende-se com o facto de que uma história “transforma o que seria um espaço indiferente e sem importância num atrativo destino turístico”⁹³. Principalmente num mundo em que a experiência e a aprendizagem são condicionantes que ganham cada vez mais importância para o turista, fornecer histórias reais de pessoas e do património encurta a distância entre humanos e culturas.

Divulgar as histórias de quem dá uso social ao património da Rua da Sofia constitui uma categoria na plataforma “Enquanto a Rua Falar” e poderá surgir em vários formatos: texto, vídeo ou/e fotografia. O inquérito teve como foco único a Rua da Sofia. As primeiras perguntas tinham como objetivo perceber que tipo de conhecimento os inquiridos tinham sobre património e sobre a rua. O segundo grupo de perguntas incidia nas suas memórias da rua e o terceiro sobre as ambições, pontos negativos e positivos. Todas as entrevistas foram gravadas em vídeo e áudio nos próprios locais de trabalho dos inquiridos, num ambiente informal, onde o discurso pudesse fluir sem estar agarrado a um guião prévio. Constituiu, deste modo, uma entrevista semiestruturada (Documento 5).

Foram realizadas cinco entrevistas a três homens e duas mulheres que são comerciantes, prestadores de serviços e reformados que de alguma forma estão relacionados com a Rua da Sofia. A escolha destas pessoas deveu-se ao facto de os seus locais de trabalho se inserirem nos vários colégios da rua, num primeiro nível para poder perceber como é que o património cultural material é entendido estando em uso. Num segundo nível, para obter informação

⁹² CHRONIS, A. 2012. “Tourism as story-builders: Narrative construction at a heritage museum”. in *Journal of Travel & Tourism Marketing*, Nº29. apud GONÇALVES, J. C. SEABRA, C. e SILVA, C. 2018. “Histórias de cultura. O poder do *Storytelling* em destinos de Turismo Cultural.” in *Cadernos de Geografia*. Nº37. Coimbra, FLUC. [online]. [Acedido em: 9/4/2019]. Disponível em: <https://digitalis-dsp.uc.pt/jspui/handle/10316.2/44180?mode=full>

⁹³ *Idem*, p. 114.

sobre as suas estórias e memórias na Rua da Sofia, tendo em vista também as suas opiniões e projeções futuras para o património material onde se encontram.

Foram entrevistados/as Dona Aguinalda Amaro, proprietária do Café Sofia; Dona Alice Abreu, auxiliar de saúde da Venerável Ordem Terceira da Penitência de São Francisco; Tenente Coronel João Paulino, da Liga dos Combatentes; Professor Doutor Adelino, ex-diretor da Venerável Ordem Terceira da Penitência de São Francisco e o Senhor Alídio Mendes, proprietário da Retrosaria Mendes.

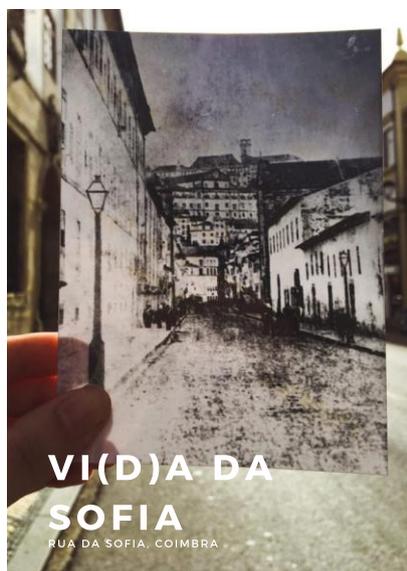
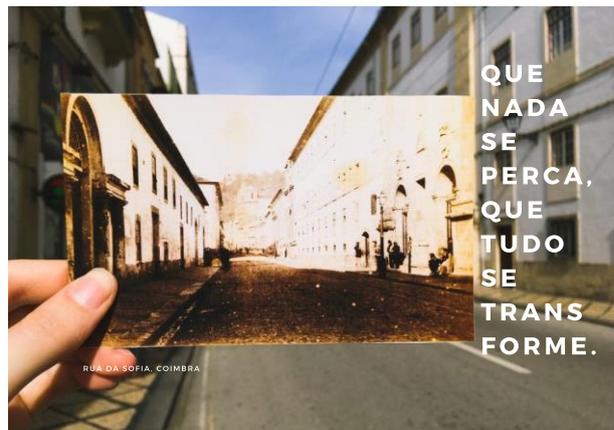
As entrevistas áudio foram transcritas para assim se poder produzir uma estória sobre a pessoa na rua (Documentos 6, 7, 8, 9 e 10). O objetivo é criar afinidade entre o leitor e a estória, para se compreender a perspetiva de quem trabalha em património edificado e criar uma ponte entre a estória de vida e o património. Essa ligação emocional é decisiva para gerar empatia e simpatia pelas pessoas e pelo espaço, culminando, de certa forma, na fidelização de ambos.

Cartazes

Foram elaborados cartazes para sensibilizar e envolver a comunidade estudantil e da Rua da Sofia na causa assinalada. O intuito da mensagem dos cartazes seria o de estimular a mudança de atitude perante o património da rua. Relativamente à metodologia, em primeiro lugar, foi delineado um tema que ocuparia o lugar central do conteúdo a divulgar, e de seguida, foi identificado o público-alvo.

Para a elaboração do cartaz, a ideia base foi o confronto com o passado e a necessidade de alertar para o conceito de património na sua relação inevitável com o presente, o que aliás constitui um dos slogans. Para isso, foi usado o método da refotografia⁹⁴, que passa por captar numa fotografia o passado e o presente, sobrepondo uma foto antiga à realidade atual. As fotografias que foram sobrepostas provêm do Arquivo Municipal de Coimbra e foram cuidadosamente estudadas ao nível da perspetiva, para que a sobreposição fosse o mais exata possível. Esta técnica foi essencial para perceber a ação do tempo e do homem, a mudança e a permanência. Uma vez concluída a montagem, tornou-se mais fácil construir um slogan que conjugasse todos os fatores. Depois de várias ideias, destacaram-se duas frases: “Que nada se perca, que tudo se transforme” e “VI(D)A DA SOFIA”. Deste processo, resultaram quatro cartazes com fotos diferentes.

⁹⁴ WIKIPÉDIA (s.d.), *Rephotography*. [online]. [Acedido em: 1/5/2019]. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Rephotography>



Face à dificuldade em afixá-los na própria rua (perante a inexistência de suportes legais, o que está previsto no atual projeto), foi utilizado um outro local, apenas a título experimental: a Faculdade de Letras de Coimbra. Importa, todavia, reconhecer o fracasso da experiência. Longe do seu contexto, perdeu impacto, sobretudo pela dificuldade de reconhecimento imediato da paisagem retratada e pelo constante movimento do público. Este tipo de cartaz informativo surtirá muito mais efeito no próprio local e estando afixado em zonas onde o observador esteja “imobilizado”, por exemplo, em paragens de autocarro ou estações de comboio, e em locais cujos serviços exijam tempo de espera.

Visita com o Centro Cultural e Social 25 de Abril

A realização desta visita teve como propósito a consciencialização para o significado do conceito de património, tendo como exemplo a Rua da Sofia, espaço onde se insere o Colégio

do Espírito Santo, cujo último piso é ocupado pelo infantário do Centro Cultural e Social 25 de Abril. O alerta para problemas sociais deve ser colocado em prática desde cedo, por isso, conjugando todos os fatores disponíveis, realizar esta visita com as crianças foi uma atividade lúdica, mas também uma missão social.

A turma era constituída por alunos com idades compreendidas entre os 4 e 5 anos. Por esse motivo, o nosso discurso não poderia logicamente carregar fatores históricos densos, mas sim comparações simples entre a vida escolar atual e a do século XVI. Deste modo, ensinar não consistiu na transmissão de conhecimento em formato “sala de aula”, mas antes na possibilidade de produzir e construir saber através da analogia espacial e temporal. Durante a visita, os alunos foram incitados a observar o que os rodeia e a questionarem o que visualizam diariamente, bem como alertados para os problemas e instigados a procurarem soluções através do diálogo e da partilha de ideias (Figura 12). A visita compreendeu a saída do Colégio do Espírito Santo, seguida pela entrada no Colégio da Graça e terminando no Jardim da Cerca de São Bernardo. No fim da visita e de regresso ao infantário, foi-lhes pedido que desenhassem aquilo que mais chamou a sua atenção durante o percurso, o que se revelou um exercício muito interessante para analisar os seus interesses, atenções e gostos (Figura 13). Além de ser um exercício que pretende treinar a capacidade de ver o que diariamente se torna invisível, é reforçado com a prática artística que desenvolve apetências do sensível.

5.2. Organização geral da plataforma

Apesar de todos os problemas associados à rua, é possível realizar pequenos projetos para alertar e consciencializar a cidade de Coimbra do valor patrimonial da rua. O atual projeto assenta na criação de uma plataforma digital com conteúdo apenas sobre a Rua da Sofia, desde o seu passado ao presente. É a forma mais económica de revitalizar a Rua da Sofia. Mesmo que o efeito não seja direto e no espaço, acreditamos que de forma indireta poderá surtir algum efeito mais prolongado entre a comunidade.

O objetivo consiste na criação de uma plataforma digital que agregue diversos conteúdos que, de alguma forma, informem, eduquem e consciencializem a comunidade acerca da importância do espaço em questão, incorporando as seguintes categorias: “sobre nós”, notícias, agenda cultural, visita guiada, arquivo, e “estórias de vida”. Na realidade, esta plataforma virá colmatar uma falha pois, como já referido anteriormente, o único *site*

existente, Coimbra, Alta e Sofia (<http://worldheritage.uc.pt/>) obedece a outros objetivos mais vocacionados para a informação histórico-artística.

Este projeto não representa mais do que a vontade de trazer uma nova ideia e vida para a rua, sem a veleidade de querer funcionar como um “milagre”. Não será com um projeto académico desta dimensão que se conseguirá reabilitar, dinamizar, conservar ou restaurar a Rua da Sofia. A sua componente é forçosamente teórica, sendo a sua mais-valia a elaboração de conteúdos, que apenas terão aplicação prática mediante o investimento adequado. Só assim poderá trazer resultados efetivos para o aumento de visitantes na Rua da Sofia e para a maior consciencialização do valor do património material e imaterial que a integra.

Os métodos utilizados para perceber a relação do público com a Rua da Sofia corroboraram a falta de consciência em relação ao património, o que se deve, de forma inequívoca, à falta de visibilidade. Por visibilidade podemos entender vários fatores em diferentes níveis. A rua é invisível num primeiro nível devido ao seu estado de conservação, num segundo nível devido à falta de divulgação e comunicação e, numa última fase, pela pouca atenção que recebe por parte de várias entidades responsáveis. E se aparentemente não é importante para as entidades, porque haveria de ser para o público em geral? É verdadeiramente um ciclo vicioso. Assim, o objetivo é chamar a atenção, vincar a consciência patrimonial e promover a divulgação da Rua da Sofia. Deste modo, a criação de uma plataforma digital é uma forma de inverter o ciclo de esquecimento em que a rua caiu e impulsionar uma nova perceção da rua.

Não sendo uma proposta definitiva, até porque essa, idealmente, dependerá de um *designer* profissional, foi feita uma experiência da página inicial que permita perceber o seu alcance:



Já o logótipo, desenhado por Tatiana São, profissional da área da ilustração e design, constitui uma proposta mais consolidada. Pretendeu-se que fosse simples e de fácil leitura, ao mesmo tempo que integrasse elementos ilustrativos de direção e movimento. No fundo elementos intrínsecos à própria dinâmica da rua.



ENQUANTO
A RUA
FALAR

O título escolhido, “Enquanto a Rua Falar”, surgiu de uma reflexão sobre todo o processo de participação com a Rede Artéria, no âmbito do estágio. Foram as entrevistas aos comerciantes que tornaram claro que as pessoas têm algo a dizer, conhecem a história da rua, sabem onde se inserem, reconhecem o valor patrimonial, querem mais para a rua e para os seus negócios. As entrevistas deram-lhes voz, permitiram ouvir os seus factos, sentimentos, “estórias”, opiniões, e isso fê-las sentir-se valorizadas, reconhecidas. A plataforma digital dirige-se a todo o público interessado em conteúdos patrimoniais, história e arte da Rua da Sofia e de quantos lá vivem ou trabalham.

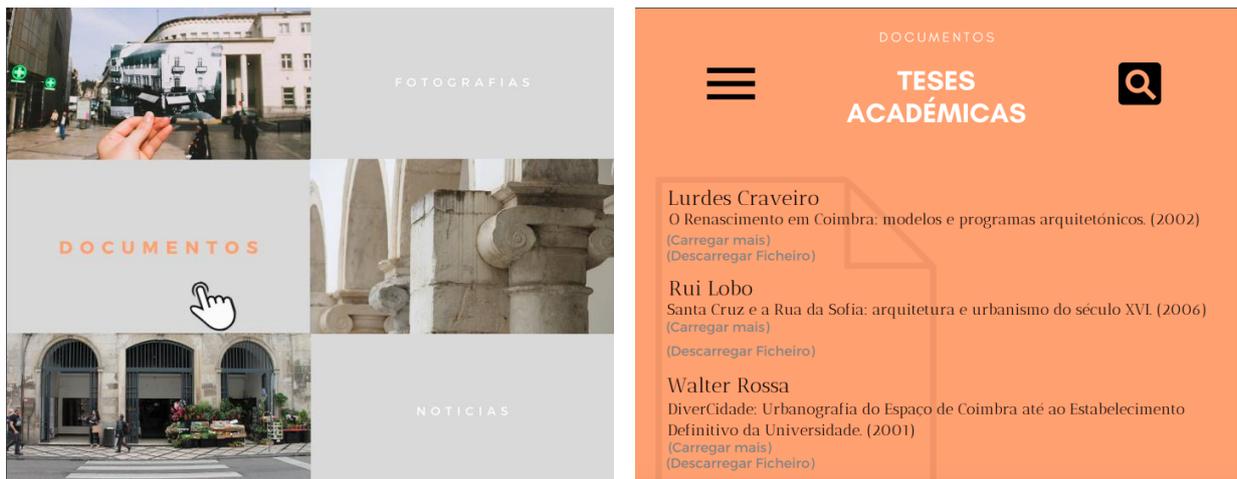
Tal como já referido, foram definidas oito categorias fundamentais para dinamizar a página: arquivo, “estórias”, visita guiada, notícias, agenda cultural, história da rua, “quem somos” e “outras ligações”.

A categoria “Quem Somos” é inerente a qualquer plataforma digital de conteúdos. Permite ao leitor perceber o motivo por detrás da sua origem, quem a criou e quais os objetivos. Congrega além da descrição geral do projeto e objetivos, os contactos para qualquer tipo de esclarecimento.

Arquivo

Ter acesso a informação qualificada é a base da criação desta categoria. O arquivo integra três subcategorias: fotografias, documentos e notícias. Dentro dos documentos, encontramos artigos científicos e teses académicas de temáticas relacionadas com a Rua da Sofia (arquitetura, história da arte, urbanismo, entre outras). Todos os ficheiros autorizados pelos autores serão disponibilizados para *download*.

As fotografias antigas permitem perceber as profundas mudanças ocorridas ao longo dos anos. Para angariar mais fotografias para o arquivo foi utilizado o método de recolha pública em redes sociais, o que trouxe mais três fotografias novas, disponibilizadas por Carlos Nobre. As notícias passadas são mais um método de reforçar a construção da história da rua, servindo como ponte entre a imagem e acontecimento.





Fotografias antigas da Rua da Sofia em diferentes momentos, disponibilizadas por Carlos Nobre.

“Estórias”

Se o património edificado constituiu o primeiro mote de todo o presente relatório e projeto, as pessoas que usufruem desse mesmo património edificado, que o usam para serviços, comércio ou habitação, tiveram, no decorrer de todo o processo, uma importância vital para a construção da plataforma. Foi justamente para lhe dar voz que foi criada esta categoria, onde se divulgará a identidade, as “estórias de vida”, espírito e pensamento do “património humano” da Rua da Sofia. As “estórias de vida” ou *storytelling* representam uma prática cultural que dá a conhecer o património ao mesmo tempo que reforça a ligação de quem a visita com o espaço. Desta forma, o visitante desenvolve empatia pelo destino, sentido maior

conexão com o espaço e com as pessoas. A esta ligação chama-se *Place Attachment*⁹⁵, pois faz a conexão dos visitantes ao local e influencia o seu próprio comportamento. Assim, quanto mais apegados ao local estão, mais procuram saber, conhecer e ponderar o regresso.⁹⁶

<p>O QUE NOS LIGA</p> <p>É da opinião que os turistas não têm interesse em parar na rua e observar o que ela tem de belo, para que isso acontecesse, crê que seria fundamental tornar a rua pedonal e requalificar os espaços.</p> <p>Coronel João Paulino</p>	<p>ESTÓRIAS</p> <p>O storytelling é uma prática social e cultural que sempre acompanhou a humanidade. Contar estórias é um ato de proliferação de cultura que cria empatia e é através dele que construímos história e tradição, fomentando o sentimento de pertença e identificação.</p> <p>Nesta categoria encontramos memórias, contos, episódios, opiniões e estórias de todos os seres humanos que têm a <i>Sofia</i> no coração.</p>	 <p>Alidio Mendes</p> <p>UM HOMEM CHEIO DE SORTE</p> <p>"Eu não trocava a Rua da Sofia por nenhuma rua, por muito movimento que tivesse. Tudo o que eu aprendi foi aqui, mas não foi em colégio nenhum, foi com o trabalho."</p>
<p>BONS DIAS</p> <p>Se pudesse fazer o que quisesse na Rua da Sofia mandava restaurar toda a rua, abria as janelas, alugava quartos, dava vida à rua, pedia às pessoas para viverem na Rua da Sofia.</p> <p>Aguinalda Amaro</p>	 <p>Alice Abreu</p> <p>A RUA QUE PODIA SER O JARDIM DAS DELÍCIAS</p> <p>"Quem vê de fora não sabe os conteúdos das casas"</p>	<p>A MEMÓRIA TEM UM CORPO</p> <p>"Apesar de tudo acha que a Rua da Sofia podia estar numa situação pior do que o que está, dado que os comerciantes ainda aguentam, ainda lhe dão uma certa vida"</p> <p>Professor Adelino Marques</p> 

⁹⁵ PEREIRA, A. SILVA, C. e SEABRA, C. 2018. "A experiência turística de storytelling nos centros históricos de Portugal". in *European Journal of Applied Business Management*. Special Issue of ICABM. ISSN 2183-5594. [online]. [Acedido em: 20/5/2019]. Disponível em: <https://nidisag.isag.pt/index.php/IJAM/article/view/365>

⁹⁶ *Idem.*

Visita Guiada

A visita guiada à Rua da Sofia, proposta pelo atual relatório de estágio tem como objetivo principal dar-lhe visibilidade. Embora as visitas já existam, sendo realizadas por várias entidades e empresas, apresentam algumas lacunas, com destaque para a superficialidade da informação histórica, a ausência de entrada nos edifícios colegiais ou até mesmo na própria rua, e a baixa frequência de visitas.

Para compreender essas lacunas realizaram-se pesquisas sobre os roteiros e visitas guiadas propostas por empresas de animação turística ou entidades (apenas da cidade de Coimbra). A CMC tem o roteiro intitulado “Coimbra Património Mundial”⁹⁷ que proporciona informação organizada de modo a que a visita seja feita de forma independente. Também existem visitas guiadas temáticas e espontâneas que funcionam por inscrição prévia e possibilitam ao visitante experienciar a história da cidade de forma gratuita. Durante o ano de 2018, foram realizadas seis visitas aos colégios da Rua da Sofia cujas temáticas dos percursos se intitularam por: “Claustros”, “De Colégio a Tribunal”, “A Inquisição em Coimbra”. Cada visita realizou-se duas vezes. Neste caso, a divulgação é realizada online através da plataforma Coimbra Agenda⁹⁸ e nas redes sociais, sendo a visita guiada organizada e realizada pelo Museu Municipal de Coimbra.

A Universidade de Coimbra não tem qualquer tipo de visita à Rua da Sofia, concentrando-se as que existem na Alta Universitária, organizadas em quatro programas. O mesmo se sucede com o Yellow Bus⁹⁹, cujo único circuito rodoviário não passa pela Rua da Sofia, bem como

⁹⁷ CÂMARA MUNICIPAL DE COIMBRA, (s.d.). *Roteiros Temáticos*. “Coimbra Património Mundial”. [online]. [Acedido em: 10/7/2019]. Disponível em: https://www.cm-coimbra.pt/wp-content/uploads/2018/09/patrimoniomundial_brochura_ULTIMO.pdf

⁹⁸ CÂMARA MUNICIPAL DE COIMBRA, (s.d.). *Visitas Guiadas*. [online]. [Acedido em: 10/7/2019]. Disponível em: <https://www.coimbragenda.pt#!/category/5a9308371cfd215c85b8706a>

⁹⁹ YELLOW BUS, (s.d.). *Coimbra Tour*. [online]. [Acedido em: 10/7/2019]. Disponível em: <https://www.yellowbustours.com/pt-PT/Coimbra/Circuitos/Coimbra-Tour.aspx>

com a Madonis Tours¹⁰⁰, a Tuk-a-Day Coimbra¹⁰¹ e a View Point¹⁰². A empresa de animação turística GOwalks¹⁰³ tem uma visita guiada intitulada “Unesco World Heritage And University of Coimbra”, que inclui no percurso a Rua da Sofia, no entanto, os visitantes não entram na rua apenas se este pedido for solicitado no momento de marcação da visita.

A visita proposta neste presente relatório integrará a categoria “Visita Guiada” na plataforma digital “Enquanto a Rua Falar”, e tem como objetivo colmatar algumas falhas, com um conteúdo histórico mais aprofundado e com um percurso pela rua com entrada em alguns, diríamos nos possíveis, edifícios colegiais.

Não se pretende nesta visita utilizar um discurso que funcione como branqueador da realidade da rua, mas sim de modo a mostrar como pode cair o património no esquecimento, na sombra e na degradação se não tivermos consciência do seu valor. É a dar a conhecer as várias perspetivas que se pretende criar um sentido crítico, que se permite ver para além do óbvio e pensar nas questões patrimoniais de forma consciente. A visita deve ser adaptada ao público, sendo que existirão alternativas adequadas às diversas características, desde a faixa etária à mobilidade reduzida..

Esta visita guiada, com o apoio de diversas entidades como, por exemplo, a Câmara Municipal de Coimbra, o Turismo do Centro e a Universidade de Coimbra, entre outras, poderá, num futuro próximo, ser divulgada em diversos formatos e plataformas e colmatar a falha de divulgação e informação sobre a Rua da Sofia.

A visita está estruturada para durar entre 80 a 90 minutos com um grupo de, no máximo, 10 pessoas, para o diálogo se tornar mais próximo e para que a informação não se dissipe. Por ser um local de trânsito constante, automóvel e pedestre, a audição e a mobilidade são difíceis na

¹⁰⁰ MADOMIS TOURS, (s.d.). *Coimbra*. [online]. [Acedido em: 10/7/2019]. Disponível em: <https://www.madomistours.pt/portfolio/coimbra/>

¹⁰¹ VISIT PORTUGAL, (s.d.). *Tuk a Day Coimbra*. [online]. [Acedido em: 10/7/2019]. Disponível em: <https://www.visitportugal.com/pt-pt/content/tuk-day>

¹⁰² VIEWPOINT, (s.d.). “Coimbra passeio a pé – entre no conto de fadas”. [online]. [Acedido em: 10/7/2019]. Disponível em: <https://www.viewpointourism.com/coimbra-express>

¹⁰³ GOWALKS, (s.d.). *Coimbra Tour, “Unesco World Heritage and University of Coimbra”*. [online]. [Acedido em: 10/7/2019]. Disponível em: <https://www.gowalksportugal.com/coimbra-tour/unesco-world-heritage-and-university-of-coimbra>

Rua da Sofia. Assim, das explicações previstas, as que se referem aos colégios de Colégio de São Boaventura e o Colégio de São Pedro serão feitas em plena via. No caso do Colégio do Espírito Santo, a informação é passada no exterior, mas a partir das traseiras e da fachada lateral, situada na Azinhaga do Carmo.

1ª paragem: Café Santa Cruz

Razões da escolha: espaço patrimonial (antiga igreja que passa despercebida) com dimensões para receber os visitantes e permitir uma explicação oral eficaz em termos auditivos. Cumpre ainda outro objetivo considerado essencial: a procura de sinergias entre este investimento e o comércio local dando a conhecer as dinâmicas atuais (pastéis crúzios, por exemplo).



Conteúdo:

- Questões sobre o património na atualidade – caso de Coimbra;
- Um património duplamente ativo: reconhecimento e reutilização;
- O que era Coimbra antes da Universidade, e como a decisão de D. João III afetou o desenvolvimento da cidade em torno dos estudos;
- Lisboa – Coimbra – Lisboa – Coimbra: o vaivém medieval;
- O porquê da escolha definitiva de Coimbra: a cidade pacata que possibilitava um ambiente propício para a concentração nos estudos;
- O Mosteiro de Santa Cruz como motor de arranque da Universidade em Coimbra. A figura de Frei Brás de Barros.



Tempo: 15 minutos.

Sugestão: O Café Santa Cruz pode ter um conteúdo audiovisual que sirva de introdução para a visita guiada, sobre o que era Coimbra antes da Universidade.

Informação para uma visita mais completa:

Visitas à Igreja e Claustro de Santa Cruz:

2ª a Sábado: 9:30h às 16:30h

Domingo: 13h às 17h

Preço de bilhete: 3€ (grátis para ≤ 8 anos)

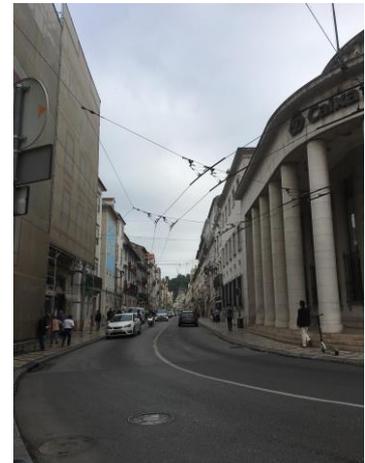
Visita ao Jardim da Manga: acesso livre permanente.

2ª paragem: Início da Rua da Sofia, de frente para o edifício da Caixa Geral de Depósitos.

Razões da escolha: zona que permite olhar a Rua da Sofia numa perspetiva linear. Consegue-se deste modo perspetivar o comprimento e largura bem como o carácter retilíneo, invulgar à época.

Conteúdo:

- Características da largura e comprimento da rua, que eram invulgares para a época da sua construção (século XVI);
- A nova saída da cidade;
- Explicação das suas funções – o lado poente e o lado nascente: colégios e habitação;
- A Rua da Sofia na atualidade e a dificuldade em perceber a sua tipologia original.



Tempo: 7 minutos.

Sugestão: Neste local deverá existir um *MUPI* com informação simples, sempre com o objetivo de promover a visibilidade da Rua. Propõe-se uma vista aérea onde a arquitetura dos colégios é facilmente explicitada (sequência de igrejas e claustros e respetiva geometria).

3ª paragem: Antigo Colégio das Artes, atual Centro de Artes Visuais

Razões da escolha: Espaço que albergou os primeiros colégios construídos no contexto da chegada da Universidade a Coimbra (Colégio de Todos os Santos e Colégio de São Miguel). Local tranquilo, onde pode ser feita uma explicação detalhada. Esta escolha implica não entrar desde o



primeiro momento na Rua da Sofia. Tal não é, todavia um problema, pelo contrário: permite explicar o início de todo o processo de construção; dá a conhecer um local esquecido e de grande potencial turístico (CAV, perceção do que eram as cercas dos Colégios e restauração com esplanada). Atingir-se-á a Rua da Sofia através da descida pela Azinhaga do Carmo.

Conteúdo:

- O Renascimento e o Humanismo em Coimbra;
- Os estudos e a vinda de importantes intelectuais que modernizaram o ensino, o exemplo de André de Gouveia;
- Referência aos diferentes usos que o edifício foi recebendo: da Inquisição ao Centro de Artes Visuais e ao Teatro da Cerca de São Bernardo.
- Jardim da Cerca: explicação do conceito de Colégio (funções com especial atenção à cerca, autossustentância e cultivo).
- Informação para uma visita mais completa:
 - CENTRO DE ARTES VISUAIS. (s.d.). *Exposições Patentes*. [online]. [Acedido em: 11/07/19]. Disponível em: http://cav-ef.net/cav_exposicoes_exposicoes%20patentes.htm
 - A ESCOLA DA NOITE. (s.d.). *Início*. [online]. [Acedido em: 11/07/19]. Disponível em: <http://weblog.aescoladanoite.pt/>

Tempo: 10 minutos.

4ª paragem: “Espreitar” o Claustro do Colégio do Espírito Santo

Razões da escolha: a rota tem um sentido crítico, não pretende branquear o que é o património atualmente. O que não se quer ver/ não se devia ver.

Conteúdo:

- Questões de propriedade e problemas de conservação do património.

Tempo: 5 minutos.



5ª paragem: Azinhaga do Carmo

Razões da escolha: Integra o percurso entre o Antigo Colégio das Artes e a Rua da Sofia.

Conteúdo:

- *Loggia* – espaço de estudo, de lazer, de leitura e para apreciar a paisagem;
- Falar da *loggia* do Colégio da Trindade que desapareceu;
- Despertar a atitude de descobrir elementos arquitetónicos,



postura que assumimos perante o património: olhar para cima; alertar para o cata-vento do anjo; apurar os sentidos;

- Elucidar sobre os vários elementos exteriores da arquitetura do colégio; encontrar semelhanças com outros e diferenças;

Tempo: 5 minutos.

Nota: O choque de desembocar numa Rua cheia de trânsito.

6ª paragem: Colégio de São Boaventura

Razões da escolha: O atravessamento da Rua fornece um exemplo de um colégio profundamente transformado, à semelhança do Colégio do Espírito Santo que sofreu grandes alterações. Por outro lado, dá-nos a perspetiva dos Colégios fronteiros organizados em linha: Colégio do Espírito Santo, Colégio do Carmo, Colégio da Graça e Colégio de São Pedro.

Conteúdo:

- Explicar as várias transformações da Rua ao longo dos séculos;
- Explicar a extinção das ordens religiosas em 1834 e venda do património, que levou à atual detenção da propriedade privada e pública dos colégios;
- Remeter novamente para as várias funções dos edifícios deste lado da Rua.

Tempo: 5 minutos.

7ª paragem: Convento de São Domingos

Razões da escolha: Este lado da Rua, inicialmente destinado apenas a habitação de professores e funcionários, cedo incorporou outras instituições, caso do Convento de São Domingos fugido das águas do Rio Mondego. A maldição de um património: descaracterização, transladação e desclassificação.

Conteúdo:

- O Rio e as águas na história de Coimbra, o motivo da mudança do original Convento de São Domingos



para a Rua da Sofia;

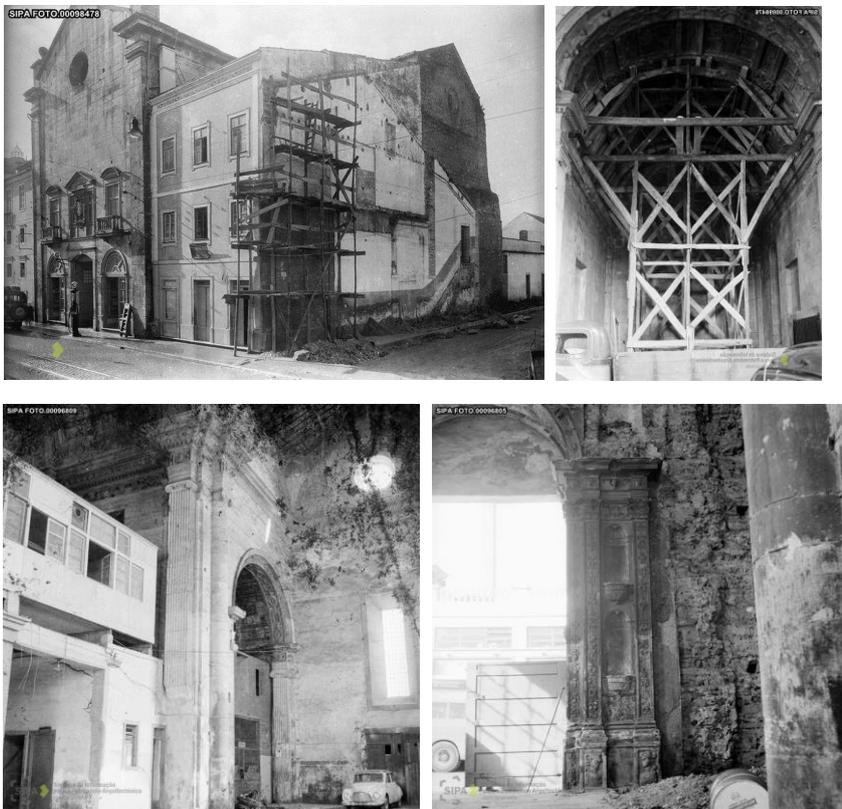
- Descaracterização do espaço, transladação da Capela do Tesoureiro para o Museu Nacional Machado de Castro, manutenção da capela lateral de Jesus e a recente desclassificação como património nacional;
- Visita à Capela de Jesus e visão crítica sobre o contexto envolvente;
- Várias funções do património: estação de camionagem, escritórios, centro comercial.

Sugestão: Ecrã táctil no antigo Convento de São Domingos com informação sobre a Rua da Sofia. Estando a Capela de Jesus atualmente para arrendar considera-se uma altura estratégica para que a Câmara Municipal de Coimbra tome conta do espaço. Caso tal se realiza-se a Capela poderia incorporar uma mesa interativa ou de forma mais simples cartazes expositivos com fotografias antigas das várias utilizações do espaço. Caso tal não se verifique propõe-se que esta explicação seja dada à porta da Capela.

- Hiperligação para o Museu Nacional Machado de Castro – Capela do Tesoureiro:

- MUSEU NACIONAL MACHADO DE CASTRO. (s.d.). *Museu*. [online]. [Acedido em: 11/07/19]. Disponível em: <http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/museu/ContentDetail.aspx?id=629>

Tempo: 10 minutos.



8ª paragem: Igreja da Graça

Razões da escolha: única igreja da Rua da Sofia que se encontra aberta ao público diariamente. Por outro lado, constitui um excelente exemplo da arquitetura religiosa da Contra Reforma.

**Conteúdo:**

- Explicar como era a vida num colégio;
- Caracterização da arquitetura da igreja da Contra Reforma;
- Igreja salão onde visibilidade e audição são particularmente ativadas pelo partido arquitetónico.

Tempo: 10 minutos.

9ª paragem: Colégio da Graça

Razões da escolha: colégio cujo acesso ao claustro é garantido sem restrições, e de todos da Rua da Sofia é o que se mantém mais fiel à construção original. É um lugar público que pertence ao Núcleo de Coimbra da Liga dos Combatentes.

**Conteúdo:**

- Aprofundar a definição de colégio, caracterizando a vida dos colegiais, como era a sua rotina e vivências;
- Semelhanças com outros colégios;
- Arquitetura do Claustro e suas funções;
- Contraste do barulho da Rua com o silêncio que se encontra nestes espaços;
- Articular com as *loggias*, pois o claustro é o coração do colégio, com múltiplas funções, práticas e de lazer;
- Atualmente é um espaço que oferece serviço de restauração, cujo proprietário é particularmente aberto a sinergias e dinâmicas culturais.

Tempo: 10 minutos.

10ª paragem: Colégio de São Pedro

Razões da escolha: colégio de propriedade privada. O seu espaço foi modificado consoante as várias funções e apresenta graves falhas de conservação, principalmente a igreja.

Conteúdo:

- Alertar para a degradação do património, especialmente da igreja;
- Causas da deterioração: dejetos de pombos e poluição.

Tempo: 5 minutos.



11ª paragem: Colégio de São Tomás, atual Tribunal da Comarca de Coimbra

Razões da escolha: caso que contrasta com o colégio anterior. Além de ter sofrido profundas alterações, é o colégio que está em melhor estado de conservação. A entrada é garantida, visto tratar-se de um edifício público.

Conteúdo:

- Falar sobre as boas práticas patrimoniais;
- Explicar as várias transformações do colégio, transladação dos portais para o Museu Nacional Machado de Castro;
- Explicar brevemente a história dos azulejos do claustro;
- Dinamismo da atual presidência do Tribunal relativamente a atividades culturais destinadas a diferentes públicos.

Tempo: 5 minutos.

Sugestão: Exposição sob a forma de cartazes que explicitassem as transformações ocorridas no edifício – de Colégio a Palácio do Conde do Ameal, até às atuais funções de Tribunal.



12ª paragem: Café Sofia

Razão da escolha: espaço comercial inserido no Colégio do Espírito Santo, explorado por Aguilalda Simões, com um bom ambiente para finalizar a visita. O visitante poderá comer, beber e conversar, num ambiente descontraído. Espaço pequeno e caloroso, onde



diariamente são levados ao forno vários bolos e onde todos são tratados de forma especial pois é dada atenção e um sorriso amigo a quem entra neste café.

Conteúdo:

- Degustação de doces e bebidas típicas de Coimbra, como por exemplo o bolo de Anã;
- Contacto com o lado humano da Rua da Sofia, neste caso com os seus comerciantes.

Tempo: indeterminado.

O propósito desta visita guiada, como já referido, assenta no princípio da visibilidade da rua a vários níveis. Na visita proposta, o conteúdo assenta na história da rua, desde o seu passado ao presente, refletindo sobre os problemas atuais que a rua enfrenta. No entanto, poderá integrar outras vertentes, como é o “património humano” através do *storytelling*.

De modo a ilustrar a página digital da “Visita Guiada”, a seguinte imagem demonstra que, ao clicar na foto de cada colégio, o visitante tem acesso à sua história. Em alternativa, ou cumulativamente, pode descarregar o PDF com toda a informação da visita ou dispor do suporte de áudio.



Ao clicar na frase “Continuar a ler”, o visitante pode aceder ao objetivo pretendido – marcar a visita guiada. Estas sugestões representam um exemplo de suporte quer para a apresentação da visita como para o modo como poderá estar acessível.

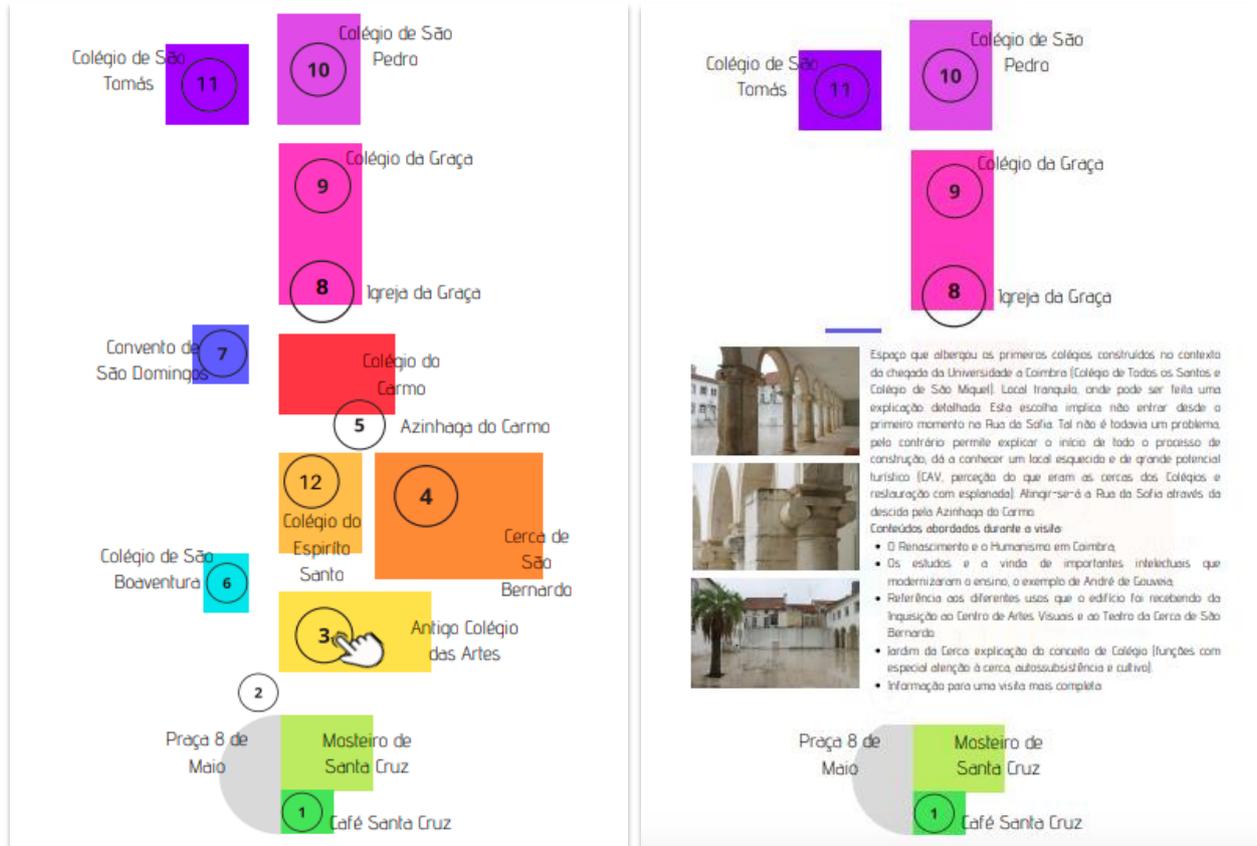


A visita guiada à Rua da Sofia tem como objetivo principal dar-lhe visibilidade.

Não se pretende nesta visita utilizar um discurso que funcione como branqueador da realidade da rua, mas sim de modo a mostrar como pode cair o património no esquecimento, na sombra e na degradação se não tivermos consciência do seu valor.

É a dar a conhecer o orgulho e a vergonha. Pretende-se criar um sentido crítico de forma a possibilitar ver para além do óbvio, e pensar nas questões patrimoniais de forma consciente.

A visita é adaptada ao público sendo que existirão alternativas, tendo em conta diversas características desde a faixa etária à mobilidade reduzida, visando um percurso e discurso adaptados.



Continuando o *scroll* da página em questão, o utilizador poderá clicar num dos espaços numerados e, como mostra na segunda imagem, aceder ao conteúdo da visita para aquele espaço. Esta sugestão representa uma forma abstrata, apelativa e colorida de conceber a rua. Ao seleccionar um dos espaços numerados, surge informação sobre o motivo de seleção e os conteúdos abordados durante a visita.

Já foram mencionados outros suportes complementares que continuam a ser viáveis, como a utilização de códigos QR ou aplicação móvel. Os códigos QR são uma abordagem rápida, que estabelecem uma conexão imediata entre o leitor e a plataforma. Além de serem interativos e fáceis de usar através do *smartphone*, *online* e *offline*, podem remeter para a plataforma digital, e dirigir o usuário diretamente para a rota na Rua da Sofia, possibilitando-o de realizar o percurso e aceder aos conteúdos informativos. Os códigos QR estariam pensados para serem colados ou imprimidos para *billboards* ou *MUPIs*, na cidade de Coimbra e para vários locais, desde paragens de autocarro ou outros locais que exigem tempo de espera.

Notícias e Agenda Cultural

Segue-se a categoria “Notícias”, onde se anuncia e conta o que e como aconteceu. É importante dar a conhecer como se realizaram os acontecimentos culturais, quem esteve presente, o que aconteceu, onde, com quem, como e porquê. De modo a simplificar a notícia, foi criada a categoria “Agenda Cultural”, que permite aceder a uma versão calendarizada dos acontecimentos sem ter de consultar o texto noticioso.

Contudo, ao aceder à agenda e clicar num dos eventos, o utilizador é remetido para a notícia onde poderá ler mais detalhes.



Outras Ligações

Aqui se congregam hiperligações para sítios que completam o conteúdo da nossa plataforma, assim como para outros sítios com potencialidades de possíveis parcerias.



Promoção da plataforma ‘Enquanto a Rua Falar’

De forma a divulgar a existência da plataforma, além dos cartazes, códigos QR ou das redes sociais, a utilização criativa do logótipo como promotor da plataforma pode ajudar a tornar mais eficaz a comunicação entre o digital e o público. Desse modo, adaptamos o logótipo à *tote bag*, que além de divulgar, também constitui um método de financiamento ao estar disponível para compra online.



5.3. Uso social e artístico do património da Sofia – Propostas.

No decorrer do projeto “Enquanto a rua Falar”, foram enumeradas algumas boas práticas do uso social e artístico do património, baseadas no próprio processo de criação e investigação, e que podem ser adotadas no âmbito da reabilitação da Rua da Sofia.

Os vários usos do mobiliário urbano

Por mobiliário urbano entendemos, apesar de variar consoante as leis de cada município, o conjunto de equipamentos instalados nas ruas e estradas com o objetivo de servir o cidadão, tais como paragens de autocarro, praças de táxi, cabines telefónicas, suportes informativos (MUPIs/*billboards*), bancos, mesas, entre tantos outros.

No caso dos suportes informativos como os MUPIs ou *billboards*, que podem estar inseridos em paragens de autocarro, estes têm sido aproveitados por outras cidades para realizar intervenções artísticas ou culturais. Em Lisboa, foi realizada uma exposição de fotografia que teve como denominador comum o lado humano e que teve como suporte os MUPIs. Intitulada “O Tejo, a Maresia”, as suas fotografias pretenderam mostrar a mudança temporal nas pessoas, na arquitetura ou na própria luz e os vários acontecimentos marcantes nesta zona da cidade. Outras cidades têm seguido o mesmo método, como o Porto ou Guimarães.

Percebemos que utilizar o mobiliário urbano como forma de divulgar arte e cultura é um método direto de fazer chegar uma exposição ou uma mensagem a um número elevado de pessoas, de forma mais económica para o agente investidor, que neste caso foram Câmaras Municipais, e de forma gratuita para quem dele usufruiu. Os MUPIs são utilizados em todo o mundo, são de investimento reduzido e a sua manutenção é mínima. Tornam-se ainda mais económicos com a participação de privados através de parcerias com empresas de publicidade em mobiliário urbano, não representando assim um custo direto para as Câmaras Municipais. Uma das faces poderá exibir a publicidade temporária e a outra a exposição artística ou informação turística, por exemplo.

Estes suportes podem ainda ter conteúdos de interesse turístico que facilitem a mobilidade na cidade. Melhorar a experiência turística é um objetivo constante das cidades em geral, mas para tal é necessário promover a facilidade de movimentação e de informação. Desse modo, urge colocar informação útil para o visitante, como mapas, visitas guiadas ou informação sobre como chegar aos pontos de interesse, aos locais estratégicos da cidade. Destacam-se as

zonas comerciais e hoteleiras, saídas de metro, paragens de autocarro, estações de comboio ou locais de interesse cultural.

A evolução tecnológica do próprio mobiliário urbano acompanha as necessidades do público ao possibilitar uma maior interação. Como exemplo, as novas paragens de autocarro da JCDecaux permitem que os passageiros possam carregar os seus telemóveis enquanto aguardam pela chegada do autocarro e que interajam com os ecrãs táteis, que disponibilizam variadas informações. Ainda desta marca, existem bancos especializados para zonas citadinas com áreas reduzidas.

Também os postes de iluminação poderão ser um exemplo de mobiliário urbano, ao conterem placas com informação sobre a distância temporal a locais de interesse. Um projeto da Carolina do Norte nos EUA, intitulado *Walk Your City*, através do método do *Guerrilla Wayfinding*, permite que os cidadãos obtenham informação sobre os espaços e o tempo que distam até estes. A sinalética, de fácil leitura, revela que não há uma propriamente uma aposta no design do suporte, mas antes na forma como divulgamos informação acerca da localização dos espaços. Importa ressaltar que qualquer cidadão pode mandar fazer as suas próprias placas e afixar nos postes de iluminação.

Objeto que representa uma estória: Consciencializar, Emocionar e Aproximar.

Inspirada nas técnicas de dinamização patrimonial da Casa da Memória de Guimarães, de modo a incentivar a comunicação e a promover a partilha de estórias, sugere-se a criação de um grupo aberto onde os participantes interajam e levem um objeto relacionado com algum episódio da sua vida. Seria uma atividade de interesse para a divulgação de memórias e experiências, que poderia decorrer no Café Sofia, na Escola da Noite, no Colégio da Graça, no Centro de Artes Visuais, ou mesmo na Igreja da Graça (no interior ou exterior, como forma de revitalizar os nartexes). Não obstante, os eventos poderão decorrer em género de tertúlia ou de simples encontros de consciencialização do património, onde houvesse espaço para a discussão e partilha, igualmente relevantes para a comunidade.

As sessões de partilha de estórias de vida que porventura se realizassem na Escola da Noite poderiam constituir material criativo para a criação artística do grupo teatral da escola ou mesmo de outros grupos interessados (ex.: as crianças do Infantário 25 de Abril). São várias as estórias que entrecruzam a rua, desde a sua criação até aos indivíduos que por ela passaram

e continuam a passar. É evidente que é impossível congrega todas as estórias de toda a comunidade num só espaço. Ainda assim, todos os que estiverem interessados nessa partilha, estarão a contribuir para uma história mais rica da cidade. Toda a informação gerada por estes encontros seria aproveitada para construir novos conteúdos para a plataforma digital, para a categoria das Estórias de Vida, como para a Agenda Cultural e Notícias.

Concurso para recolher fotos antigas da Rua da Sofia

Ao longo dos anos, vários foram os serviços e tipos de comércio que se instalaram na rua. A realização de um concurso público para recolher fotografias da rua constituiria uma importante fonte para colmatar falhas históricas, aspetos que ainda estão por desvendar. Além disso, poderiam ser consultadas pelos demais ao serem partilhadas no Arquivo da plataforma.

Um dia, um claustro, um evento

O único claustro que se encontra disponível para eventos públicos pertence ao Colégio da Graça, ocupado hoje pela Liga dos Combatentes de Coimbra. Após contactar com o Coronel João Paulino e falar sobre os eventos que o colégio já recebe, este revelou bastante abertura para acolher outro tipo de eventos. O espaço claustral tem capacidade para receber regularmente uma feira que, em sintonia com as condições e tendências atuais, poderia estar relacionada com ambientalismo, ecologia, gastronomia vegetariana, artesanato, ilustração, música, entre tantas outras opções. Deste modo, captaria não só um público jovem e consciente, como daria a conhecer a outros públicos novas práticas, técnicas e objetos em prol da sustentabilidade ambiental e cultural. Para além do mais, o claustro dispõe de bar (o da liga), casas de banho e condições de segurança para que tal evento se realize sem percalços.

Seria de todo o interesse haver um custo de participação para os comerciantes/serviços que integrassem o programa do evento, mas não para os visitantes. Tratar-se-ia, em todo o caso, de um preço simbólico que não ultrapassaria os 10€ por banca, sendo que uma percentagem do total reverteria para a Liga dos Combatentes.

Toda a informação gerada por estes eventos seria aproveitada para construir novos conteúdos para a plataforma digital, para a categoria da Agenda Cultural e Notícias.

Revitalização do nártex das igrejas

Sendo a Rua da Sofia um lugar onde parece não haver espaço algum para a colocação de bancos, de minijardins, espaços de convívio, esplanadas ou outro tipo de lazer, o único espaço livre é o nártex das igrejas. Aqui poderiam ser colocados bancos, pois a rua é de facto muito comprida e frequentada por pessoas idosas, cuja mobilidade é condicionada. Ao mesmo tempo, seriam espaços com a capacidade de albergar pequenas salas de leitura ao ar livre, com bancos e livros doados ou obtidos através de concursos para esse efeito.

Contudo, esta atividade poderá ser mais complexa do que aparenta pelo facto de interferir com o mundo religioso, cujos princípios poderão funcionar como obstáculos à sua realização.

Estas são algumas atividades que se moldam aos interesses dos conteúdos da própria plataforma, mas existem imensas possibilidades que poderão dar nova vida à Rua da Sofia, nomeadamente no âmbito artístico, desde pintar a rua ou a calçada, decorar com flores ou plantas, passando por intervenções artísticas que envolvam a comunidade estudantil ou profissional de áreas próprias, entre tantas outras coisas. Neste sentido, não só se revitalizaria o espaço, como se daria a hipótese de criar uma comunidade mais ativa e apoiante de novas ideias, arte, *design*, ilustração, projetos locais, fossem de jovens estudantes, artistas conimbricenses ou até de empresas criativas. O espetro é imenso.

Não obstante, este tipo de atividades terá forçosamente de estar de acordo com as regras da Lei de Bases do Património, sendo que existem restrições nas diversas intervenções.

Promover o investimento no património

No caso específico da Rua da Sofia o investimento para requalificar os edifícios terá um valor elevadíssimo. Devolver à rua a vida académica, que originalmente esteve na base da sua criação, exige investimento privado, por exemplo, da empresa U-WORLD. Esta empresa, que já investiu em Braga, visa a construção de residências estudantis com o objetivo de colmatar essa falha nas cidades universitárias. A U-WORLD vai investir 25 milhões de euros em Coimbra, na construção de um novo edifício nas proximidades do Polo II.

Num século dominado pela urgência da sustentabilidade, é de lamentar a falta de comunicação entre as várias áreas do saber, tão úteis para a recuperação da Rua da Sofia. Construir algo novo quando na realidade ainda existem edifícios à espera deste investimento, é penoso, precisamente porque os edifícios da rua serviram em parte como residências de estudantes, ainda que pertencentes a uma Ordem Religiosa.

Não só este investimento recuperaria o próprio espaço, como também parte da sua função original: residência de estudantes. Além do mais, seria impulsionador de uma nova etapa que a rua há tanto espera, originando a reconstrução de uma nova identidade e memória em torno da vida académica e, ainda que sendo efeitos secundários, poderia trazer uma nova dinâmica à rua e a criação de novos serviços e comércio em torno do movimento estudantil. Claramente que existem limites quando falamos em investimento em zonas classificadas e inseridas na Lista de Património da UNESCO, pois todas as requalificações exigem o cumprimento de regras que visem o respeito pelo património. Acrescem limitações referentes à própria função da residência, que tem de cumprir certos requisitos, como estar num raio de 10 minutos a pé do pólo universitário e a aptidão construtiva terá de ser no mínimo de 6000 m² acima do solo.

Apesar de esta oportunidade não ter sido bem negociada, serve como exemplo para futuros investimentos. A promoção do património através de campanhas de investimento, sempre com responsabilidade social e patrimonial em causa, além da sustentabilidade, são um caminho a seguir para assegurar o património da cidade.

Conclusão

O estágio realizado no CES, de outubro de 2018 a abril de 2019, no âmbito do projeto Rede Artéria, permitiu-me adquirir aprendizagens significativas, seja a nível académico, profissional ou pessoal.

Os objetivos iniciais propostos para este relatório de estágio foram sendo concretizados em diferentes etapas. O acompanhamento inicial do Rede Artéria foi essencial para compreender o projeto ao nível da organização interna, desde a gestão da programação cultural, aos recursos humanos e financiamentos, até ao nível da produção, principalmente no caso da cidade de Coimbra. O envolvimento com os criadores, atores e participantes foi gratificante, tanto pelos ensinamentos provenientes da criação artística, como pelas relações afetivas que se estabeleceram. O espetáculo “Sofia, Meu Amor!” foi inovador do ponto de vista da criação, que abordou tanto o património edificado como o “património humano” da Rua da Sofia, cujo envolvimento me permitiu também desenvolver conhecimentos histórico-artísticos sobre a própria rua, fazendo-me reconhecer a sua importância no panorama patrimonial e cultural da cidade de Coimbra.

O facto de ter acompanhado, durante o período de estágio, diferentes atividades, cada qual com a sua configuração, permitiu-me adquirir uma nova consciência do que é criar, gerir e produzir um projeto cultural. As atividades desenvolvidas, de carácter interdisciplinar, foram essenciais na experiência de diferentes métodos e ferramentas de trabalho, experiência que se consolidou durante a criação do meu próprio projeto na concretização de inquéritos por questionário e entrevista, no estabelecimento de novos contactos e na realização de reuniões com inúmeras entidades, na interdisciplinaridade de conteúdos e no cruzamento de várias informações, inclusivamente nos processos de candidatura a financiamentos. O balanço final, até no conhecimento proporcionado por uma imersão na vida real — com as limitações financeiras, falhas de comunicação, choque de interesses ou inseguranças de natureza pessoal e interpessoal — é claramente muito positivo, e, no seu todo, constituirá um ensinamento fundamental para a minha vida futura.

O contacto simultâneo com a história da rua e com as suas histórias revelou-se, para mim, uma experiência muito positiva e satisfatória. O sentimento de dívida para com “elas” gerou a vontade de criar um projeto cujo objetivo fosse dar-lhes voz e visibilidade. O foco principal foi permitir que o lado humano da rua estivesse ativo na construção de conteúdo através da

partilha de opiniões, experiências e histórias, enriquecendo deste modo o lado histórico, patrimonial e turístico que integram em grande parte a plataforma.

O projeto “Enquanto a Rua Falar” foi um processo que foi sendo moldado ao longo do tempo, sempre em cooperação com outras áreas, pois só desta forma poderia planificar-se uma plataforma com um espectro tão alargado. Integra património, história, arte, arquitetura, urbanismo, turismo, cultura, jornalismo, numa linha cronológica que começa num passado distante e que continua a acompanhar o presente, sempre projetando um futuro melhor para a Rua da Sofia.

Outros conhecimentos foram adquiridos no cruzamento da minha experiência com estes últimos dois anos no Mestrado de Arte e Património, assim como no percurso enquanto cidadã, aluna e pessoa. Apesar de tudo, a cidade de Coimbra continua a viver essencialmente de matéria há muito instituída, quase clichê, com uma economia em torno dos Hospitais da Universidade e da própria Universidade, e uma cultura ainda tão centrada em temas (desgastados) como a história de Pedro e Inês. Creio que é possível que Coimbra seja mais do que isso. Na realidade, é-o. Não faltam projetos, não faltam fundos ou financiamentos, mas falta cultura, valores, educação, consciência e visão. À minha escala, e com a minha ainda recente formação, tentei desenvolver um projeto que contribuísse para uma mudança de paradigma e sobretudo para um novo foco para o presente.

Concluindo, todas as mais-valias adquiridas no decorrer do meu percurso académico foram imprescindíveis para a concretização dos objetivos a que me propus neste relatório e projeto e servirão de novas valências, sempre úteis num futuro profissional próximo.

Bibliografia/Fontes consultadas

Legislação

Lei nº 26/2000 de 23 de Agosto de 2000. Diário da República? nº194/2000. Série I-A

Bibliografia

ALONSO A. e MIRANDA, D. S. (et. al). 2016. Métodos de pesquisa em Ciências Sociais – Bloco Qualitativo. Sesc São Paulo/CEBRAP

BRANDÃO, M e ALMEIDA, L. M. 1937. A Universidade de Coimbra – esboço da sua história. Coimbra: Universidade de Coimbra.

CAMPENHOUDT, L.V. e QUIVY, R. 2005. Manual de Investigação em Ciências Sociais. Gradiva.

CHOAY, F. 2006. A alegoria do património. Lisboa, Edições 70.

CRAVEIRO, L. C. 2002. O Renascimento em Coimbra: modelos e programas arquitetónicos. Dissertação de Doutoramento em História da Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

DIAS, J. S. 1969. A política cultural da época de D. João III. 2 vol.s. Coimbra: Instituto de Estudos Filosóficos da Universidade de Coimbra. Coimbra.

FERREIRA, A. M. A. 2014. Cidades Criativas – Uma estratégia para a regeneração da Baixa de Coimbra. Dissertação de Mestrado Integrado sob a orientação de Professor Doutor Walter Rossa. Departamento de Arquitetura, FCTUC. Coimbra.

FERREIRA, V. e NORBERTO, S. Patrimónios de Coimbra – Univer(c)idade: património e desenvolvimento. in Cadernos de Geografia. 2016. Nº35. Imprensa da Universidade de Coimbra. Faculdade de Letras.

FIGUEIREDO, S. M. J. 2013. A In-temporalidade da Arquitetura – O colégio da SS. Trindade. Dissertação de Mestrado em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura de Lisboa. Lisboa.

Formulário da Candidatura da Plataforma Artéria à Linha de apoio à Sustentabilidade do Turismo de Portugal. Descrição do Projeto. Ponto 4.1. Dezembro de 2018. Documento cedido por Cláudia Pato.

GRAHAM, B., ASHWORTH, G. J. e TUNBRIDGE, J. E., 2000. *A geography of heritage: power, culture and economy*. London: Arnold.

GUILLAUME, M. 2003. *A política do património*. Campo das Letras, Porto.

HALL, S. 2005. *A identidade cultural da pós-modernidade*. 10ª Edição. DP&A editora. Rio de Janeiro, Brasil.

HOBBSBAWN, E. and RANGER, T. (eds.), 1983. *The Invention of Traditions*. Cambridge, Cambridge University Press.

HORTA C. E.1991. “A importância dos colégios universitários na definição das tipologias dos claustros portugueses”. in *Atas do Congresso História da Universidade*. Vol. II. Coimbra: Instituto de História da Arte.

LOBO, R. 2006a. “Os Colégios Universitários de Coimbra, Enquadramento na arquitetura universitária europeia e seriação tipológica.” in *Monumentos*, Nº25, Revista semestral de edifícios e monumentos. Lisboa: Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana.

LOBO, R. 2006b. *Santa Cruz e a Rua da Sofia: arquitetura e urbanismo do século XVI*. Coimbra: EDARQ

MISZTAL, B. 2003. *Theories of Social Remembrering*. Maidenhead, Berkshire; Philadelphia, PA : Open University Press.

MOREIRA, C. 2006. “Prefácio”. in ANICO, M. e PERALTA, E. (org.) 2006. *Patrimónios e identidades: ficções contemporâneas*. Oeiras, Celta Editora.

NABAIS, C. J. 2004. *Introdução ao direito do património cultural*. Almedina Coimbra.

PEIXOTO, P. 2006. “O património mata a identidade”. in ANICO, M. e PERALTA, E. (org.) 2006. *Patrimónios e identidades: ficções contemporâneas*. Oeiras, Celta Editora.

PERALTA, E. e ANICO, M. (org.) 2006. *Patrimónios e identidades: ficções contemporâneas*. Celta Editora, Oeiras.

PRENTICE, R. 1995. *Tourism and Heritage Attractions*. Londres, Routledge.

ROSSA, W. 2001. *DiverCidade: Urbanografia do Espaço de Coimbra até ao Estabelecimento Definitivo da Universidade*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. Coimbra.

SMITH, L. 2006. *Uses of heritage*. London and New York, Routledge.

Webgrafia

A ESCOLA DA NOITE. (s.d.). Início. [online]. [Acedido em: 11/07/19]. Disponível em: <http://weblog.aescoladanoite.pt/>

ANDRÉ, M. R. 2019. Festival A Porta: quando a cidade de Leiria se torna de um festival. *Shifter*. 26/4/2019 [online]. [Acedido em: 10/5/2019]. Disponível em: <https://shifter.sapo.pt/2019/04/festival-a-porta-2019-leiria/>

CABEÇA, S. M. 2018. “Mapeamento Cultural: uma metodologia sustentada para o património cultural imaterial”. in *Revista Memoriamedia*. Nº3, art.5. Centro de Investigação sobre o Espaço e as Organizações – Universidade do Algarve. [online]. [Acedido em: 5/4/2019]. Disponível em: https://memoriamedia.net/pdfarticles/PT_REVISTAMEMORIAMEDIA_Mapeamento_Cultural.pdf

CÂMARA MUNICIPAL DE COIMBRA (s.d.). Áreas de Intervenção. [online]. [Acedido em: 24/3/2019]. Disponível em: <https://www.cm-coimbra.pt/index.php/areas-de-intervencao/cultura/actualidade/item/6036-espetaculo-sofia-meu-amor-encantou-participantes>

CÂMARA MUNICIPAL DE COIMBRA (s.d.). Estratégia de reabilitação urbana. A estratégia de reabilitação urbana. Parte I. [online]. [Acedido em: 22/5/2019]. Disponível em: https://www.cm-coimbra.pt/wp-content/uploads/2013/03/coimbra.old_joomlatools-files_docman-files_A_Estrategia-de-Reabilitacao-Urbana_2.pdf

CÂMARA MUNICIPAL DE COIMBRA (s.d.). Estratégia de reabilitação urbana. A estratégia de reabilitação urbana. Parte – II. [online]. [Acedido em: 22/5/2019]. Disponível em: https://www.cm-coimbra.pt/wp-content/uploads/2013/03/coimbra.old_joomlatools-files_docman-files_A_Estrategia-de-Reabilitacao-Urbana_3.pdf

CÂMARA MUNICIPAL DE COIMBRA (s.d.) Plano estratégico de Coimbra. Documento complementar. [online]. [Acedido em: 21/5/2019]. Disponível em: <https://www.cm-coimbra.pt/wp-content/uploads/2018/11/Documento-Complementar-PE.pdf>

CÂMARA MUNICIPAL DE COIMBRA, (s.d.). Roteiros Temáticos. “Coimbra Património Mundial”. [online]. [Acedido em: 10/7/2019]. Disponível em: https://www.cm-coimbra.pt/wp-content/uploads/2018/09/patrimoniomundial_brochura_ULTIMO.pdf

CÂMARA MUNICIPAL DE COIMBRA, (s.d.). Visitas Guiadas. [online]. [Acedido em: 10/7/2019]. Disponível em: <https://www.coimbragenda.pt/#!/category/5a9308371cfd215c85b8706a>

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA (s.d.), Notícias, “O Tejo, a Maresia – Exposição Fotográfica”. [online]. [Acedido em: 25/7/2019]. Disponível em: <http://www.cm-lisboa.pt/pt/noticias/detalhe/article/o-tejo-a-maresia-exposicao-fotografica>

CASA DA MEMÓRIA. (s.d.) Missão e Valores. [online]. [Acedido em: 26/4/2019].

Disponível em: <https://www.casadamemoria.pt/>

CENTRO DE ARTES VISUAIS. (s.d.). Exposições Patentes. [online]. [Acedido em: 11/07/19]. Disponível em: http://cav-ef.net/cav_exposicoes_exposicoes%20patentes.htm

CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS (s.d.). Estatutos. [online]. [Acedido em: 12/2/2019]. Disponível em: https://www.ces.uc.pt/ces/ces/pdf/CES_Estatutos_2018_PT.pdf

CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS (s.d.). História. [online]. [Acedido em: 12/3/2019]. Disponível em: <https://www.ces.uc.pt/pt/ces/sobre-o-ces/historia>

CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS (s.d.). Núcleos. [online]. [Acedido em: 19/2/2019]. Disponível em : <https://www.ces.uc.pt/pt/ces/nucleos>

CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS (s.d.). Programa de Ação Rede Artéria. [online]. [Acedido em: 6/10/2018]. Disponível em: https://www.ces.uc.pt/projectos/arteria7/documentos/programa_de_acao_rede_arteria_17_de_outubro.pdf

CHILDS, C. 2018. How Culture and Heritage Tourism Boosts More Than A Visitor Economy. [online]. [Acedido em: 12/9/2018]. Disponível em: <https://www.mytravelresearch.com/culture-and-heritage-tourism-boosts-visitor-economy/>

CONJUNCTIONS. 2018. Community and Creative Research. Developing Participatory Methodologies. Vol.5, NO. 1. [online]. [Acedido em: 24/10/2018]. Disponível em: <https://tidsskrift.dk/tcp/issue/view/7426>

CORREIA, M. 2009. “A observação participante enquanto técnica de investigação”, in Pensar Enfermagem. Vol.13, Nº2. Escola Superior de Enfermagem de Lisboa. [online]. [Acedido em: 22/4/2019]. Disponível em: http://pensarenfermagem.esel.pt/files/2009_13_2_30-36.pdf

COSTA, A. A. 2004. “Apresentação do concurso” in Concurso de ideias para a reabilitação da Rua da Sofia. ECDJ Nº8. Editorial do Departamento de Arquitetura. [online]. [Acedido em: 10/5/2019]. Disponível em: <https://digitalis-dsp.uc.pt/jspui/bitstream/10316.2/37548/3/Concurso%20de%20ideias%20para%20a%20reabilitacao%20da%20Rua%20da%20Sofia.pdf>

CRAVEIRO, M. L. 2004, “Relatório final do júri: excerto justificativo das propostas premiadas”. in Concurso público de ideias para reabilitação da Rua da Sofia. ECDJ Nº8. Editorial do Departamento de Arquitetura. [online]. [Acedido em: 21/5/2019]. Disponível em: <https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/37557/3/Relatorio%20final%20do%20juri.pdf?ln=pt-pt>

DIREÇÃO GERAL DO PATRIMÓNIO CULTURAL (s.d.). Carta de Veneza. [online]. [Acedido em: 7/4/2019]. Disponível em: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/CartadeVeneza.pdf>

FESTIVAL A PORTA (s.d.). Projeto. [online]. [Acedido em: 3/5/2019]. Disponível em: <https://festivalaporta.pt/projeto/>

FORTUNA, C. 2012. “Património, Turismo e Emoção”. in Revista Crítica de Ciências Sociais. Nº97. [online]. [Acedido em: 2/4/2019]. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/33424/1/Patrim%C3%B3nio%20e%20turismo%20e%20emo%C3%A7%C3%A3o.pdf>

GOFF, J. L. 1990. História e Memória. Editora da Unicamp, Coleção Reportórios, Digital Source. São Paulo, Brasil, [online]. [Acedido em: 4/4/2019]. Disponível em: [https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/Hist%C3%B3ria-e-Mem%C3%](https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/Hist%C3%B3ria-e-Mem%C3%BA)

GOMES, A., C. 2011. O Preço da Memória: A Sustentabilidade do Património Cultural Edificado. Instituto de Ciências Jurídico-Políticas. Centro de Investigação de Direito Público. Lisboa, p.21 [online]. [Acedido em: 12/4/2019]. Disponível em: <https://www.icjp.pt/sites/default/files/media/917-1648.pdf>.

GOTTLER M. and RIPP M. 2017. Community Involvement in Heritage Management Guidebook. Organization of World Heritage Cities. [online]. [Acedido em: 12/9/2018].

Disponível em: <http://labgov.city/thecommonspost/a-new-guidebook-for-community-involvement-in-heritage-management/>

GOWALKS, (s.d.). Coimbra Tour, “Unesco World Heritage and University of Coimbra”. [online]. [Acedido em: 10/7/2019]. Disponível em: <https://www.gowalksportugal.com/coimbra-tour/unesco-world-heritage-and-university-of-coimbra>

ICOMOS-CIVVIH, Scientific Symposium. 2016. Urban Heritage and Sustainability. [online]. [Acedido em: 10/9/2018]. Disponível em: <http://openarchive.icomos.org/1884/>

IDEIAS À MODA DO PORTO (2/12/2013), Turismo, “Introduzir Mupis de Informação Turística”, [online]. [Acedido em: 25/7/2019]. Disponível em: http://www.ideiasamodadoporto.com/blog/2013/12/02/introduzir_mupis_informacao_turistica/

JCDECAUX, (s.d.), [online]. [Acedido em: 25/7/2019]. Disponível em: <https://www.jcdecaux.pt/>

KICK STARTER (s.d.) Walk your city [online]. [Acedido em: 6/4/2019]. Disponível em: <https://www.kickstarter.com/projects/cityfabric/walk-your-city>

- MACDONALD S. CHEONG C. 2014. The Role of Public-Private Partnerships and Third Sector in Conserving Heritage Buildings, Site, and Historic Urban Areas. The Getty Conservation Institute. Los Angeles. [online]. [Acedido em: 5/10/2019]. Disponível em: http://www.getty.edu/conservation/publications_resources/pdf_publications/public_private.html
- MADOMIS TOURS, (s.d.). Coimbra. [online]. [Acedido em: 10/7/2019]. Disponível em: <https://www.madomistours.pt/portfolio/coimbra/>
- MARQUES, M. 2018, Memória, Identidade e Estratégias Educativas na Casa da Memória de Guimarães (CDMG). Relatório de Estágio Curricular do Mestrado em Política Cultural Autárquica, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Coimbra. Consultado a 20 de Maio de 2019. Disponível em: <https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/82564>
- MUSEU NACIONAL MACHADO DE CASTRO. (s.d.). Museu. [online]. [Acedido em: 11/07/19]. Disponível em: <http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/museu/ContentDetail.aspx?id=629>
- NABAIS, J. C. 2000. “Noção e âmbito do Direito do Património Cultural.” in CEDOUA – Revista do Centro de Estudos de Direito do Ordenamento, do Urbanismo e do Ambiente. [online]. [Acedido em: 2/4/2019]. Disponível em: <https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/5721/3/revcedoua6%20art.1%20CASNAB.pdf?ln=pt-pt>
- UNITED NATIONS (s.d.) Sustainable Development, Knowledge Platform. Report of the World Commission on Environment and Development: Our Common Future. Parte I, Ponto II “New Approaches to Environment and Development”, ponto 49, p.39. [online]. [Acedido em: 26/6/2019]. Disponível em: <https://sustainabledevelopment.un.org/content/documents/5987our-common-future.pdf>
- PEREIRA, A. SILVA, C. e SEABRA, C. 2018. “A experiência turística de storytelling nos centros históricos de Portugal”. in European Journal of Applied Business Management. Special Issue of ICABM. ISSN 2183-5594. [online]. [Acedido em: 20/5/2019]. Disponível em: <https://nidisag.isag.pt/index.php/IJAM/article/view/365>
- REDE ARTÉRIA. (s.d.) [online]. [Acedido em: 6/10/2018]. Disponível em: <https://www.redearteria.pt/>

SIPA. (s.d.) Ficha Técnica. Rua da Sofia. [online]. [Acedido em: 3/4/2018]. Disponível em: http://www.monumentos.gov.pt/site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5909

SOLDADO, C. 2018. A Rua da Sofia é Património da Humanidade à cinco anos, mas pouco se nota. PÚBLICO, Ípilson. 23/7/2018. [online]. [Acedido em: 6/4/2019]. Disponível em: <https://www.publico.pt/2018/06/23/culturaipilson/noticia/a-rua-da-sofia-e-patrimonio-da-humanidade-ha-cinco-anos-mas-pouco-se-nota-1835600>

SOLDADO, C. 2019. Na Capital Europeia da Cultura do futuro, as pessoas importam mais que a programação. PÚBLICO. 17/3/2019. [online]. [Acedido em: 14/4/2019]. Disponível em: <https://www.publico.pt/2019/03/17/culturaipilson/noticia/capital-europeia-cultura-futuro-pessoas-importam-programacao-1865779>

UNESCO (s.d.) Convenção Para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial. Paris, 17 de Outubro de 2003. [online]. [Acedido em: 10/4/2019]. Disponível em: <https://ich.unesco.org/doc/src/00009-PT-Portugal-PDF.pdf>

UNESCO (s.d.). Guidelines for the Establishment of National “Living Human Treasures” Systems. [online]. [Acedido em: 10/4/2019]. Disponível em: <https://ich.unesco.org/doc/src/00031-EN.pdf>

UNESCO (s.d.) Orientações Técnicas para a Aplicação da Convenção do Património Mundial. [Acedido em: 3/4/2019]. Disponível em: <http://whc.unesco.org/archive/opguide08-pt.pdf>

UNIVERSIDADE DE COIMBRA (s.d.). Associação Ruas. [online]. [Acedido em: 22/5/2019]. Disponível em: <http://www.uc.pt/ruas/info>

UNIVERSIDADE DE COIMBRA (s.d.). Critérios. [Acedido em: 3/5/2019]. Disponível em: <http://worldheritage.uc.pt/pt/criterios/>

UNIVERSIDADE DE COIMBRA (s.d.). Divisão do Planeamento, Gestão e Desenvolvimento. [online]. [Acedido em: 4/5/2019]. Disponíveis em: http://www.uc.pt/dpgd/doc_gestao

UNIVERSIDADE DE COIMBRA. (s.d.) História. [online]. [Acedido em: 17/4/2018]. Disponível em: <https://www.uc.pt/sobrenos/historia>

UNIVERSIDADE DE COIMBRA. (s.d.) Inventário. [online]. [Acedido em: 3/4/2018]. Disponível em: <http://www.uc.pt/ruas/inventory/mainbuildings>

UNIVERSIDADE DE COIMBRA (s.d.) Plano de Gestão [online]. [Acedido em: 12/5/2019]. Disponível em: <http://www.uc.pt/ruas/monitoring/reports/R1Tpt>

VIEWPOINT, (s.d.). “Coimbra passeio a pé – entre no conto de fadas”. [online]. [Acedido em: 10/7/2019]. Disponível em: <https://www.viewpointourism.com/coimbra-express>

VISIT PORTUGAL, (s.d.). Tuk a Day Coimbra. [online]. [Acedido em: 10/7/2019]. Disponível em: <https://www.visitportugal.com/pt-pt/content/tuk-day>

WALK YOUR CITY (s.d.), [online]. [Acedido em: 1/5/2019]. Disponível em: <https://walkyourcity.org/>

WIKIPÉDIA (s.d.), Rephotography. [online]. [Acedido em: 1/5/2019]. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Rephotography>

YELLOW BUS, (s.d.). Coimbra Tour. [online]. [Acedido em: 10/7/2019]. Disponível em: <https://www.yellowbustours.com/pt-PT/Coimbra/Circuitos/Coimbra-Tour.aspx>

Conteúdos Televisivos:

“Game of Thrones, The Iron Throne”. Episódio nº 6. Temporada nº8. SYFY. 19 de Maio de 2019. Dirigido por: David Benioff e D. B. Weiss.

ANEXOS

Documentação

Documento 1: Inquérito aos públicos realizado por Claudino Ferreira, Paulo Paixoto, Cláudia Carvalho e Ricardo Almeida.



INQUÉRITO AOS PÚBLICOS DA REDE DE PROGRAMAÇÃO ARTÉRIA



O Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra e a Rede Artéria estão a realizar um estudo sobre os públicos deste espetáculo, para perceber melhor as suas motivações. A sua opinião é fundamental, por isso pedimos que responda a este inquérito. As respostas são confidenciais e anónimas e destinam-se apenas a tratamento estatístico. Agradecemos muito a sua colaboração.

1. Como teve conhecimento da realização deste espetáculo? (pode assinalar várias respostas)

- Através da imprensa escrita ₁
 - Através da rádio ₂
 - Através de cartazes ou folhetos..... ₃
 - Através da informação recebida por email ₄
 - Através das redes sociais ou páginas da internet..... ₅
 - Através de familiares ou amigos/as ₆
 - Outro meio..... ₇ Qual? _____
- NR ₂

2. Dos seguintes aspetos, assinale os que tiveram maior importância na sua decisão de vir assistir a este espetáculo (assinale no máximo os 3 mais importantes)

- Interesse no trabalho da companhia Trincheira Teatro ₁
 - Interesse por espetáculos de rua ₂
 - Seguir as iniciativas promovidas pelo Teatrão..... ₃
 - Interesse pelas atividades desenvolvidas pela rede de programação Artéria ₄
 - Conhecer pessoas que participam no espetáculo ₅
 - Interesse suscitado por o espetáculo decorrer na Vila Medieval e entorno..... ₆
 - Influência de familiares ou amigos/as ₇
 - Acaso: estava a passar e deparou com o espetáculo ₈
 - Nenhum dos aspetos referidos teve importância ₉
- NR ₂

3. Iria assistir a este espetáculo se ele não se realizasse neste lugar?

- Sim..... ₁

- Não ₂
 Talvez ₃
 Não sabe ₄
 NR ₂

4. Com quem veio a este espetáculo? (pode assinalar várias respostas)

- Sozinho/a ₁
 Com amigos/as e/ou colegas ₂
 Com marido/esposa ou namorado/a ₃
 Com outros familiares ₄
 Outro(s) ₅ Quem?

NR ₂

5. Já tinha assistido a algum espetáculo da companhia Trincheira Teatro?

- Sim, a vários ₁
 Sim, uma única vez antes deste ₂
 Não, é a primeira vez ₃
 NS ₁
 NR ₂

6. Tem conhecimento de que este espetáculo é parte das atividades da rede de programação Artéria?

- Sim ₁
 Não ₂
 NR ₂

7. Por favor, diga se discorda ou concorda com cada uma das afirmações seguintes. Utilize uma escala de 1 a 5, em que 1 significa que discorda totalmente e 5 que concorda totalmente.

	Discordo totalmente					Concordo totalmente					NS	NR
	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	<input type="checkbox"/> ₋₁	<input type="checkbox"/> ₋₂
A realização deste espetáculo é uma forma de dar a este espaço uma vida nova, que o valoriza mais	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	<input type="checkbox"/> ₋₁	<input type="checkbox"/> ₋₂
Este lugar tem uma vida própria, que não combina bem com a realização de um espetáculo deste tipo	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	<input type="checkbox"/> ₋₁	<input type="checkbox"/> ₋₂
O aspeto mais interessante deste espetáculo é o facto de se realizar neste lugar	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	<input type="checkbox"/> ₋₁	<input type="checkbox"/> ₋₂
Este espetáculo vale pelo seu conteúdo artístico, independentemente de se realizar aqui ou noutro sítio qualquer	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	<input type="checkbox"/> ₋₁	<input type="checkbox"/> ₋₂
O facto deste espetáculo se realizar neste lugar capta pessoas que de outra forma não participariam numa manifestação artística como esta	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	<input type="checkbox"/> ₋₁	<input type="checkbox"/> ₋₂
Este lugar é uma referência muito importante na identidade da cidade de Ourém	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	<input type="checkbox"/> ₋₁	<input type="checkbox"/> ₋₂
A realização deste espetáculo permite-me conhecer aspetos deste lugar que nunca tinha percebido	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	<input type="checkbox"/> ₋₁	<input type="checkbox"/> ₋₂

Pedimos-lhe finalmente que responda a algumas questões sobre si e os seus hábitos de ocupação dos tempos livres.

8. Durante os últimos 6 meses com que regularidade foi:

	Nunca foi	Foi uma vez	Foi mais que uma vez	Não sabe
A um museu ou a uma exposição de pintura/escultura	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₋₁
A um concerto de música	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₋₁
A um espetáculo de dança	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₋₁
A uma feira ou festa popular ao ar livre	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₋₁
A um espetáculo na rua, ao ar livre	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₋₁
A um espetáculo de teatro	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₋₁

9. No último mês foi alguma vez ao cinema?

- Não foi nenhuma vez ₁
 Foi uma vez..... ₂
 Foi mais que uma vez..... ₃
 Não se recorda / não sabe ₋₁
 NR ₋₂

10. Sexo (preencher sem perguntar)Masculino ₁Feminino ₂**11. Qual é a sua idade? _____ anos.**NR ₋₂**12. Qual é o seu concelho de residência? _____****12.1. (Só para quem reside fora do concelho de Ourém)****Porque razão se encontra neste momento em Ourém?**

- Veio expressamente para assistir ao espetáculo ₁
 Está de visita a Ourém em turismo / viagem de lazer..... ₂
 Veio a Ourém por razões de trabalho ₃
 Veio a Ourém visitar familiares ou amigos ₄
 Encontra-se em Ourém por outro motivo ₅
 NR ₋₂

13. Qual é a sua ocupação principal?

- Exerce uma atividade profissional ₁
 Está desempregado/a ₂
 Está à procura do 1.º emprego..... ₃
 É reformado/a ou pensionista ₄
 É estudante..... ₅
 É trabalhador-estudante ₆
 Outra situação..... ₇ Qual? _____
 NR ₋₂

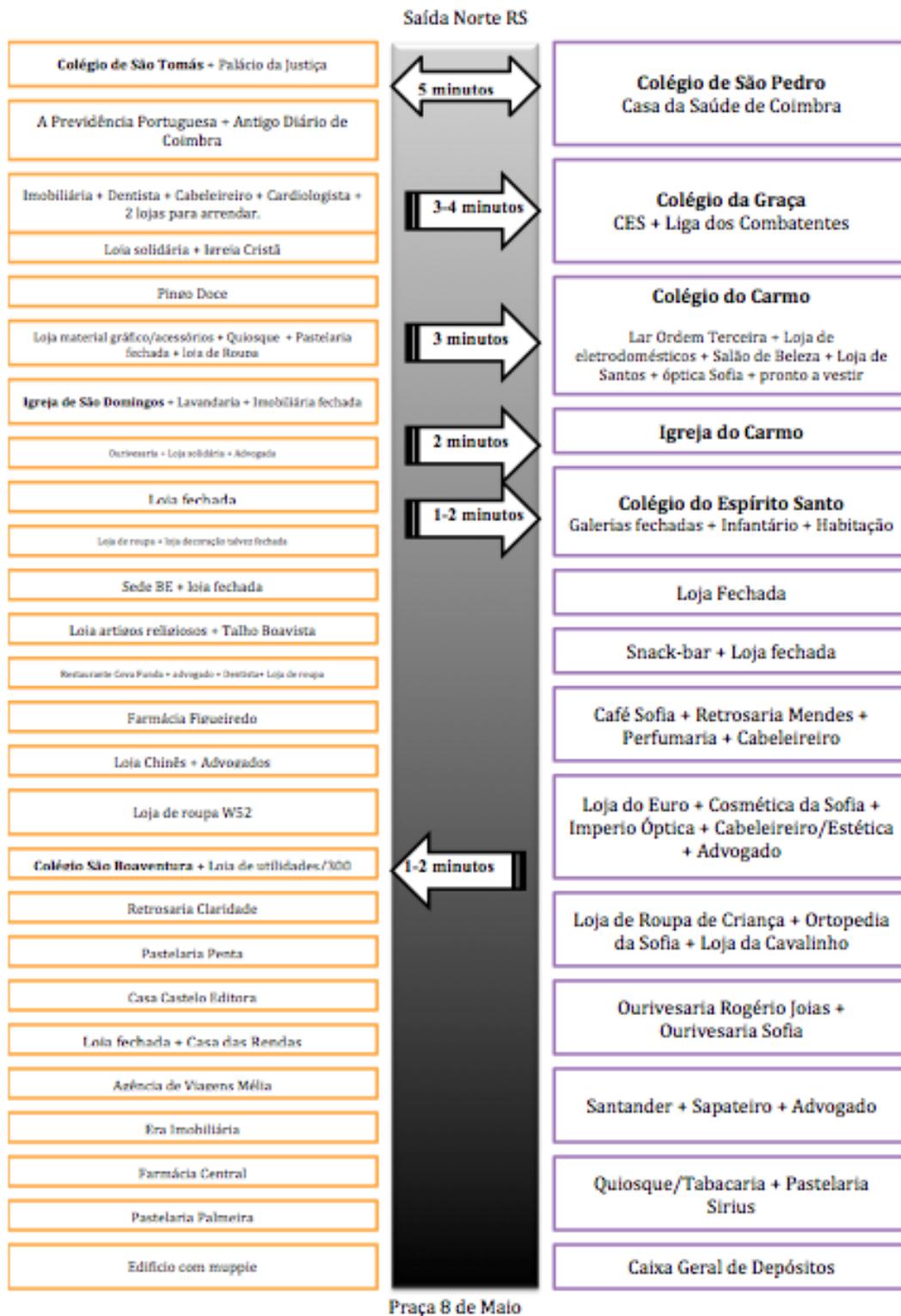
14. Qual é o seu nível de escolaridade (indique o grau mais elevado que completou).

- Sem qualquer grau completo ₁
 1º ciclo do ensino básico ₂
 2º ciclo do ensino básico ₃

- 3º ciclo do ensino básico 4
Ensino secundário..... 5
Ensino superior 6
NR -2

AGRADECEMOS MUITO A SUA COLABORAÇÃO

Documento 2: Levantamento do comércio, serviços e espaços por arrendar da Rua da Sofia.



Documento 3: Inquérito por questionário***A Rua da Sofia em Coimbra: a dinamização do património a partir da criação artística. Um caso de estudo.***

O presente questionário tem como objetivo recolher informação para a realização de um projeto de Mestrado em Arte e Património, para a obtenção do grau de Mestre pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Este projeto insere-se no âmbito do estágio curricular no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra e procura criar uma plataforma cultural online que reúna o máximo de informação sobre a Rua da Sofia.

O seguinte questionário pretende analisar a forma como a população se relaciona com a Rua da Sofia.

Os dados fornecidos são absolutamente confidenciais e anónimos e serão exclusivamente utilizados para fins de investigação.

Agradecemos desde já o seu contributo.

1. Costuma frequentar a Rua da Sofia em Coimbra?

- Sim
- Não

2. Nos últimos 6 meses com que regularidade visitou a Rua da Sofia?

- Nenhuma
- 1-3
- Mais de 3
- Diariamente
- Não sabe

3. Porque é que frequenta a Rua da Sofia? (pode assinalar mais do que uma hipótese)

- Serviços
- Comércio
- Habitação
- Motivos religiosos
- Via de passagem para outro destino
- Outros _____ (indicar qual)

4. Tem conhecimento que a Rua da Sofia é Património Mundial?

Sim Não**4.1.** Na sua opinião, considera a Rua da Sofia Património? Sim Não**4.2.**

Porquê?

_____ (preencher)

5. Numa escala de 1 (discordo totalmente) a 5 (concordo totalmente), avalie as seguintes afirmações. Pode também assinalar as opções *não sabe* ou *não responde*.

	Discordo					Concordo					NS	NR
	Totalmente					Totalmente						
A Rua da Sofia é um elemento muito importante na cidade de Coimbra.	1	2	3	4	5						<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
O facto da Rua da Sofia ser classificada Património da Humanidade pela UNESCO atrai pessoas que de outra forma não visitariam a Rua.	1	2	3	4	5						<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A classificação desta Rua como Património Mundial é uma forma de lhe dar reconhecimento.	1	2	3	4	5						<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A Rua da Sofia tem valor histórico independentemente de ser ou não Património Mundial da UNESCO.	1	2	3	4	5						<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A passagem de veículos na Rua da Sofia influencia a minha perceção dos edifícios.	1	2	3	4	5							

6. Sabe o que significa *Sofia*? Sim Não**7.** Conhece os motivos que levaram à construção desta Rua?

- Sim
- Não

8. A partir de que ano foi construída a Rua da Sofia?

- 1500
- 1537
- 1553
- 1637
- Não sabe

9. A Rua da Sofia alberga vários colégios. Sabe o que é um colégio?

- Sim
- Não

10. A Rua da Sofia tem parte de uma igreja dentro de um centro comercial.

- Verdadeiro
- Falso

11. Quais são os aspetos mais positivos na Rua da Sofia?

_____ (resposta aberta)

12. Quais os aspetos menos positivos na Rua da Sofia?

_____ (resposta aberta)

13. Se esta Rua fosse minha... _____ (completar)

14. Género:

- Masculino
- Feminino
- Outro

15. Idade: _____ (completar)

16. Concelho de residência: _____ (completar)

17. Habilitações literárias:

- 1º ciclo do ensino básico

- 2º ciclo do ensino básico
- 3º ciclo do ensino básico
- Ensino secundário
- Ensino superior

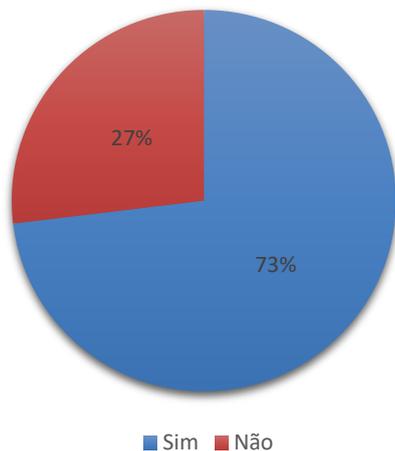
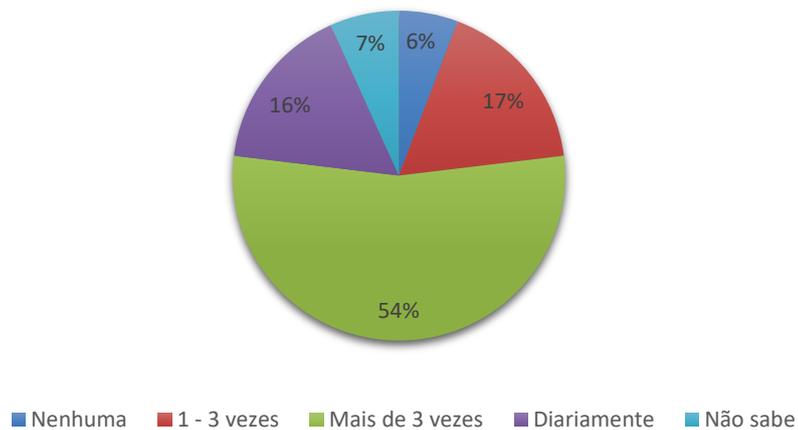
18. Qual é a ocupação principal?

- Exerce uma atividade profissional
- Esta desempregado(a)
- Está à procura do 1º emprego
- É reformado(a) ou pensionista
- Estudante
- Trabalhador-estudante
- Outro

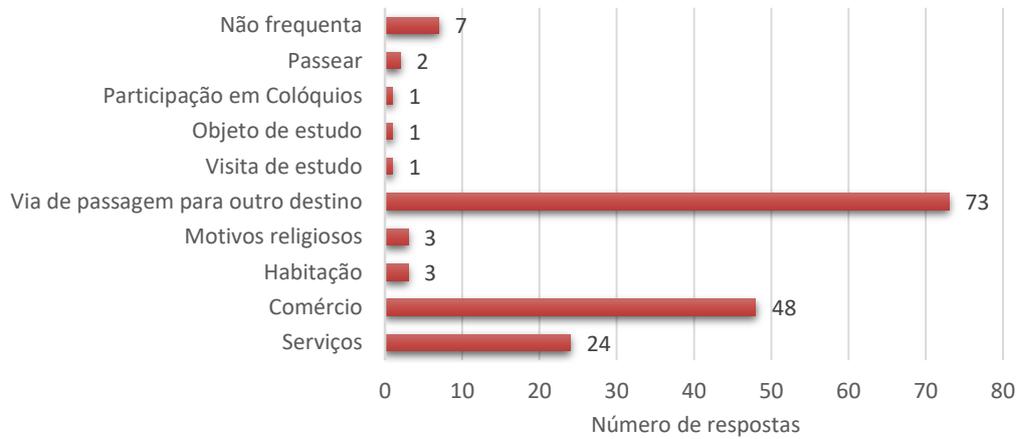
19. Se respondeu *Estudante*, indique a sua área de estudo:
_____ (completar)

Documento 4: Resultado dos inquéritos presencial e online.

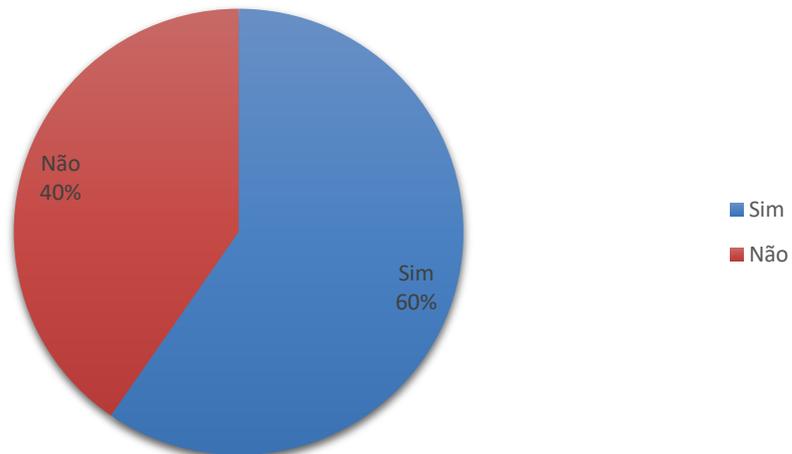
Resultados dos inquéritos presenciais realizados aos estudantes da FLUC – 104 questionários

1. Costuma frequentar a Rua da Sofia em Coimbra?**2. Nos últimos 6 meses com que regularidade visitou a Rua da Sofia?**

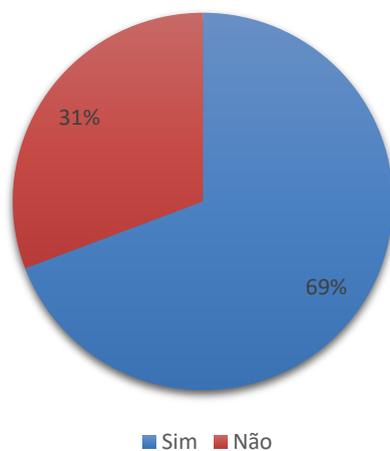
3. Porque é que frequenta a Rua da Sofia? (pode assinalar mais do que uma hipótese)



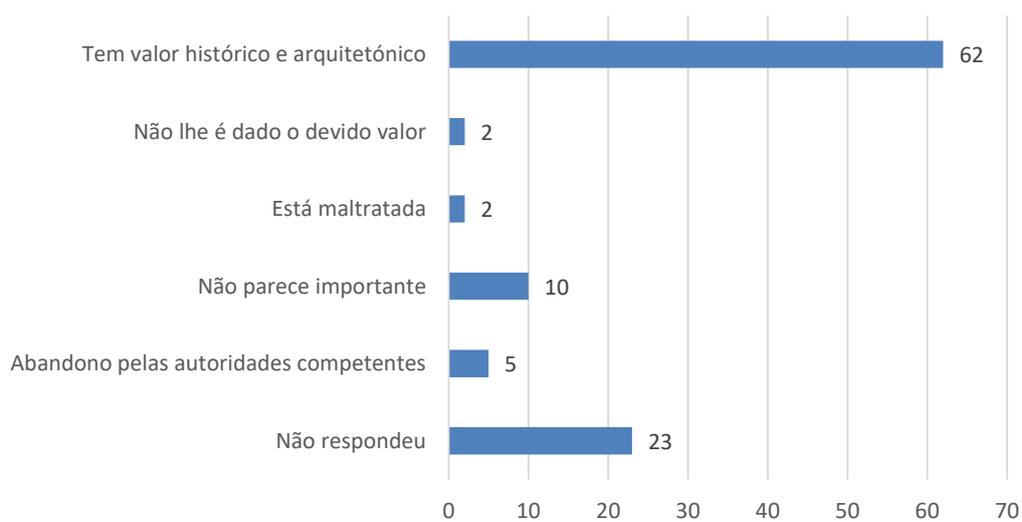
4. Tem conhecimento que a Rua da Sofia é Património Mundial?

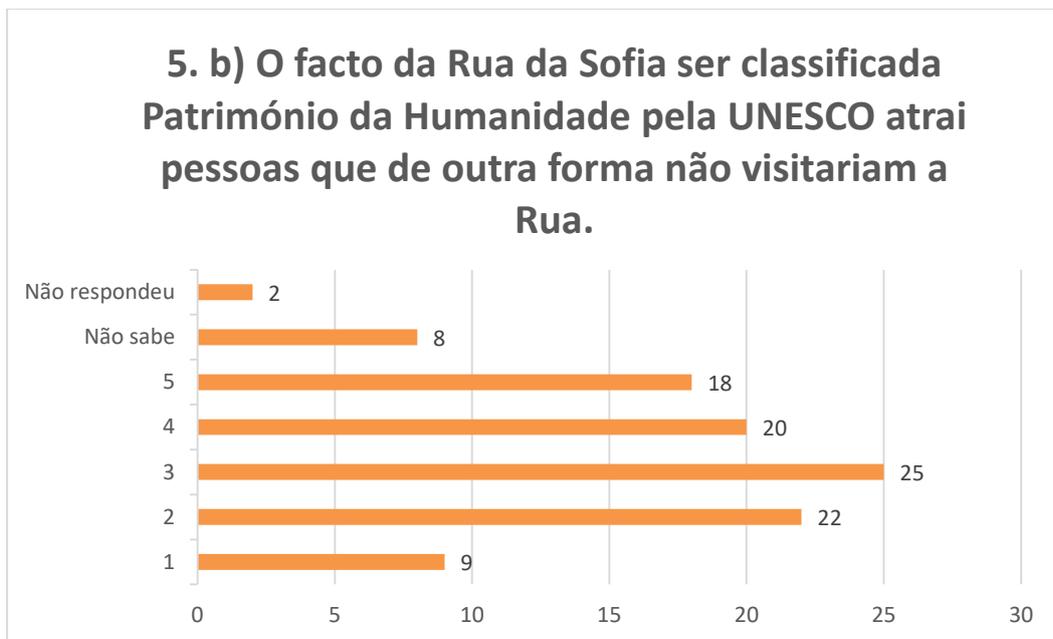
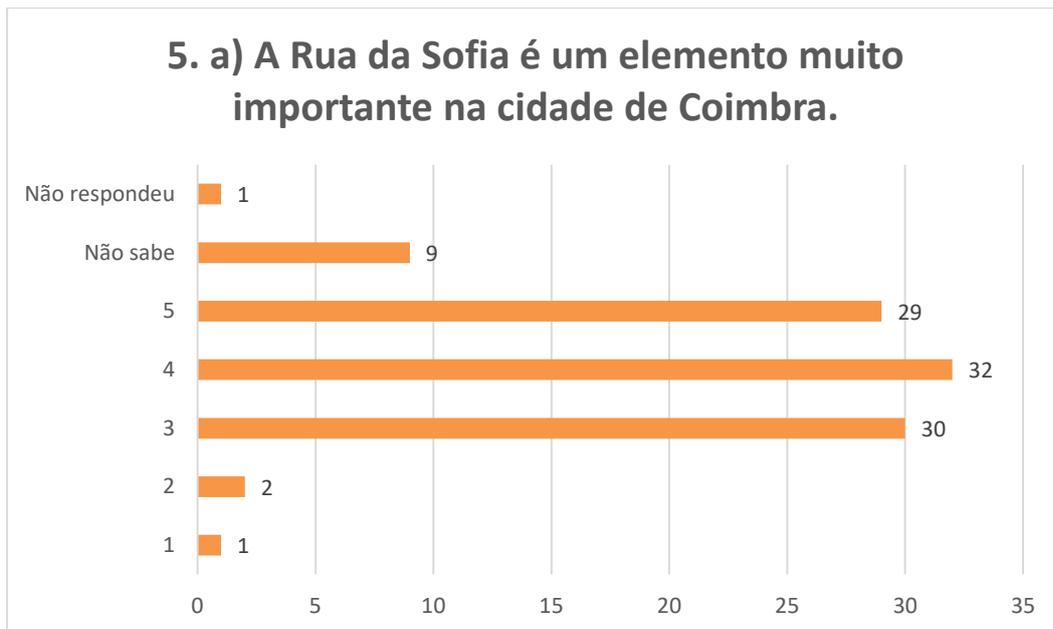


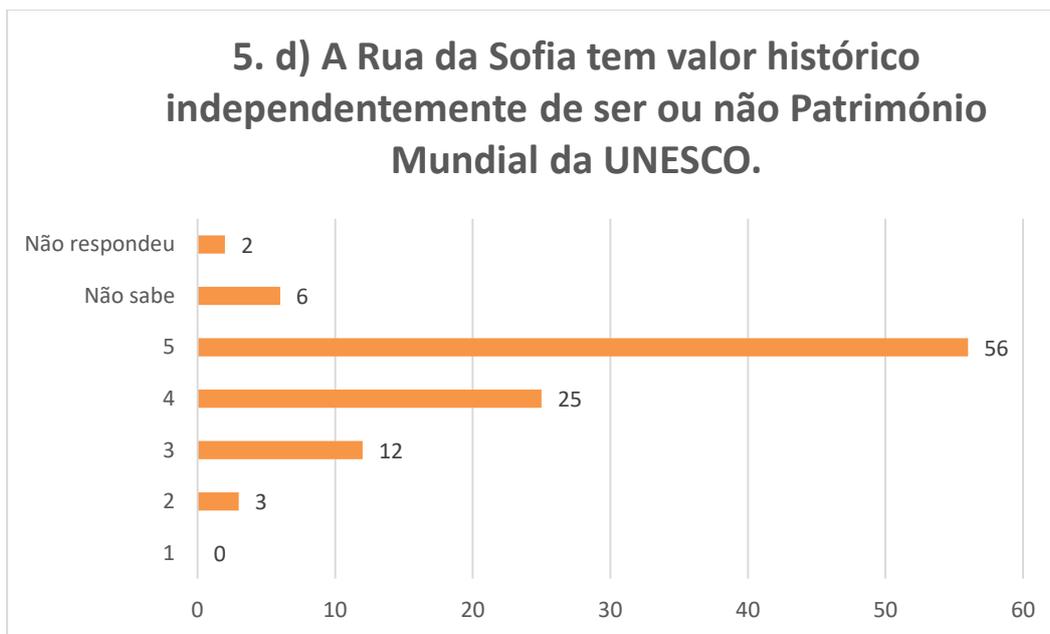
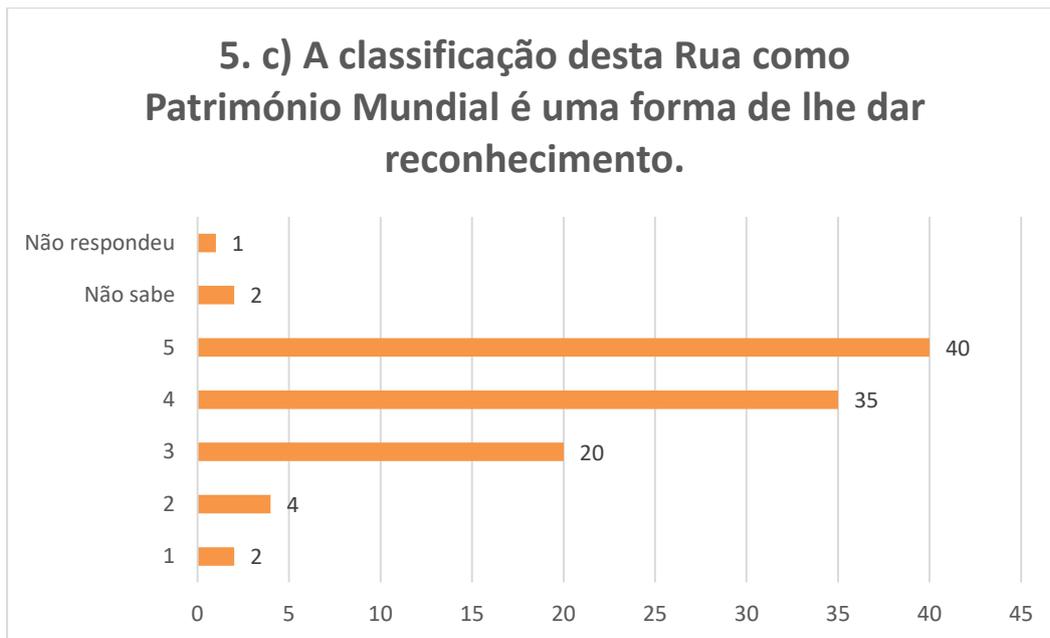
4.1. Na sua opinião, considera a Rua da Sofia Património?



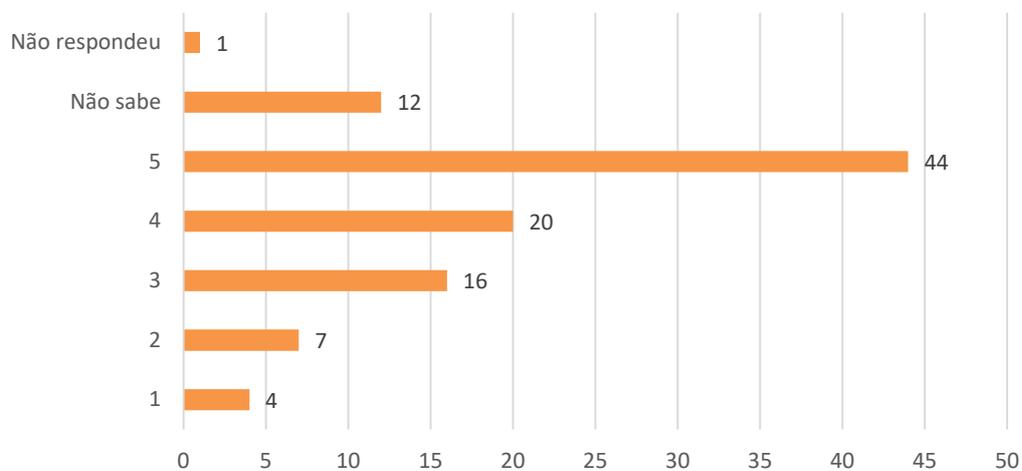
4.2. Porquê?



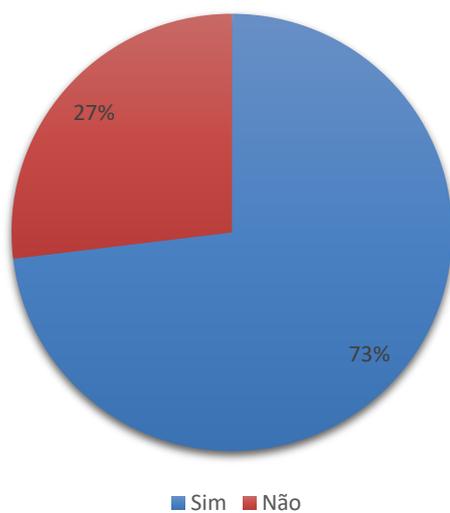




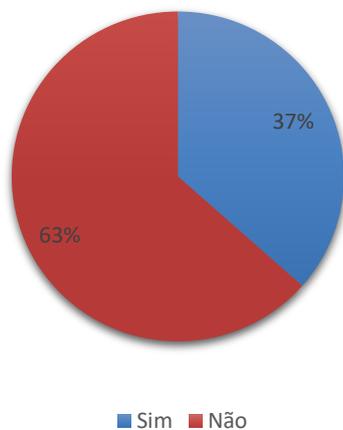
5. e) A passagem de veículos na Rua da Sofia influencia a minha perceção dos edifícios.



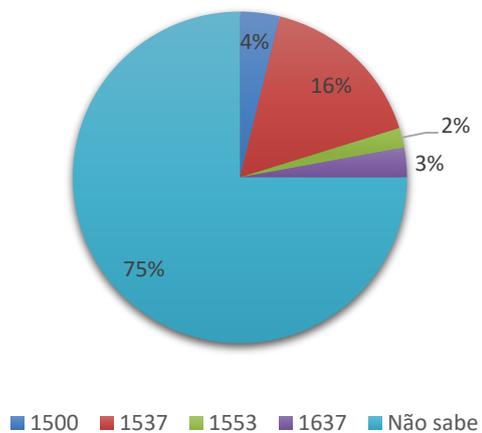
6. Sabe o que significa Sofia?



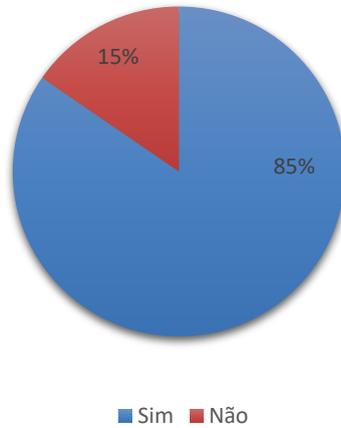
7. Conhece os motivos que levaram à construção desta Rua?



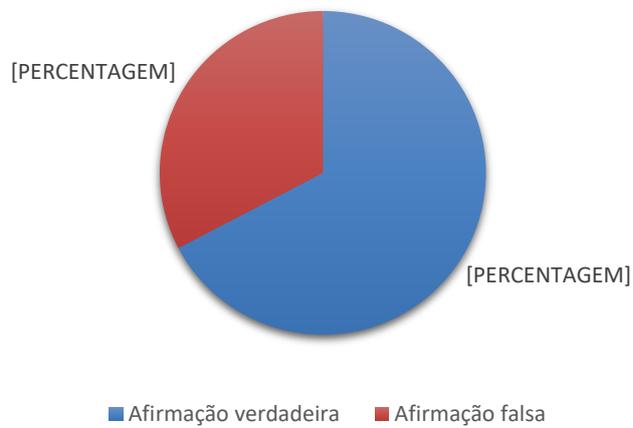
8. A partir de que ano foi construída a Rua da Sofia?



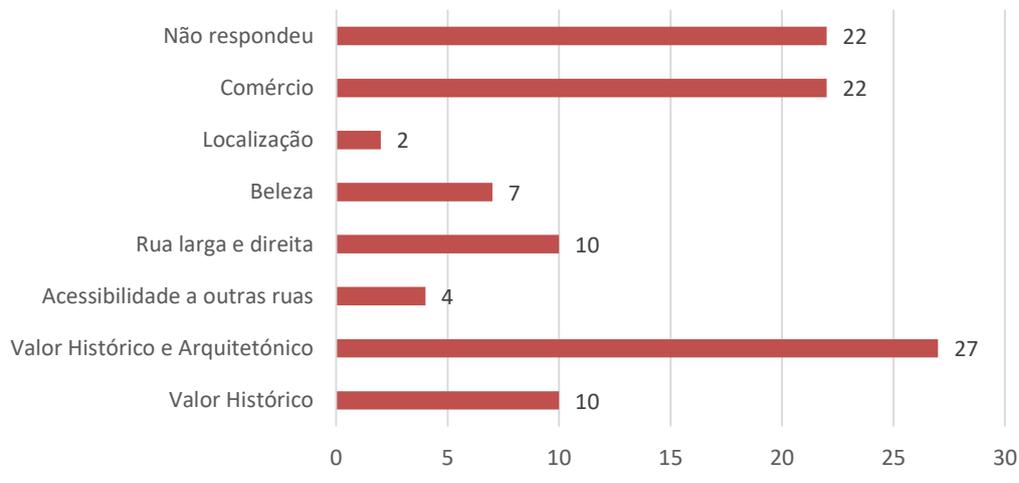
9. A Rua da Sofia alberga vários colégios. Sabe o que é um colégio?



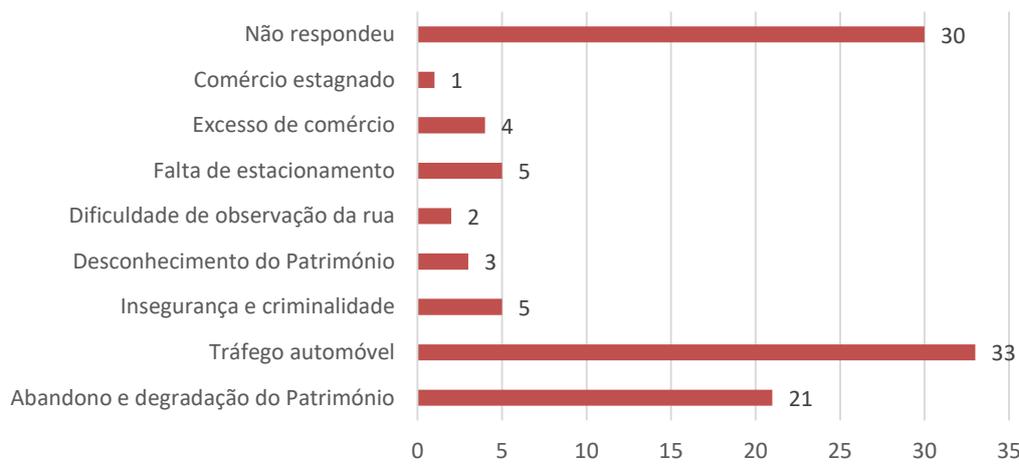
10. A Rua da Sofia tem parte de uma igreja dentro de um centro comercial.

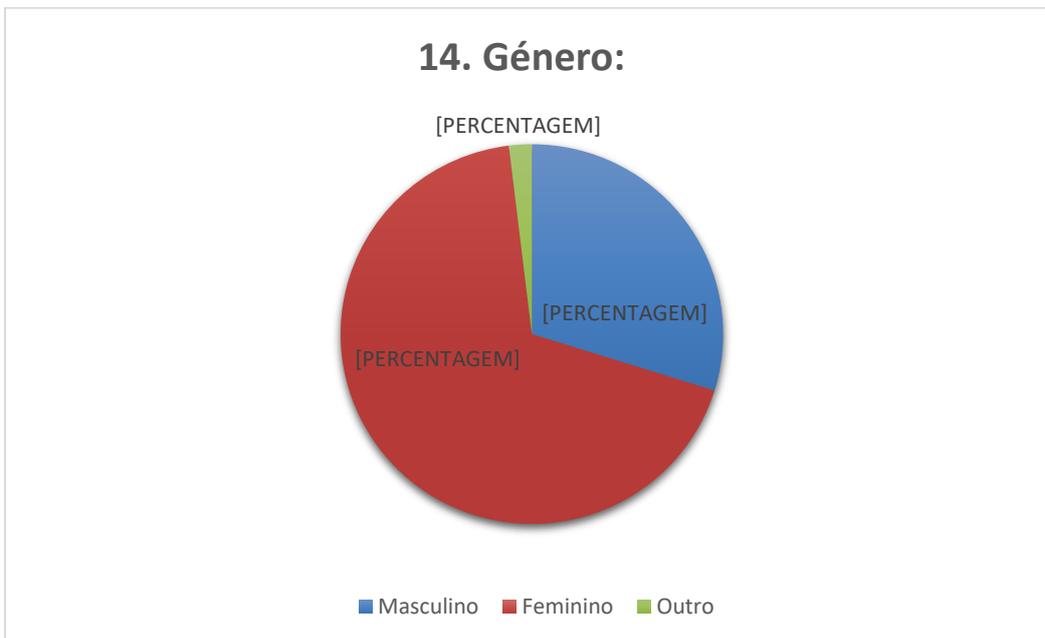


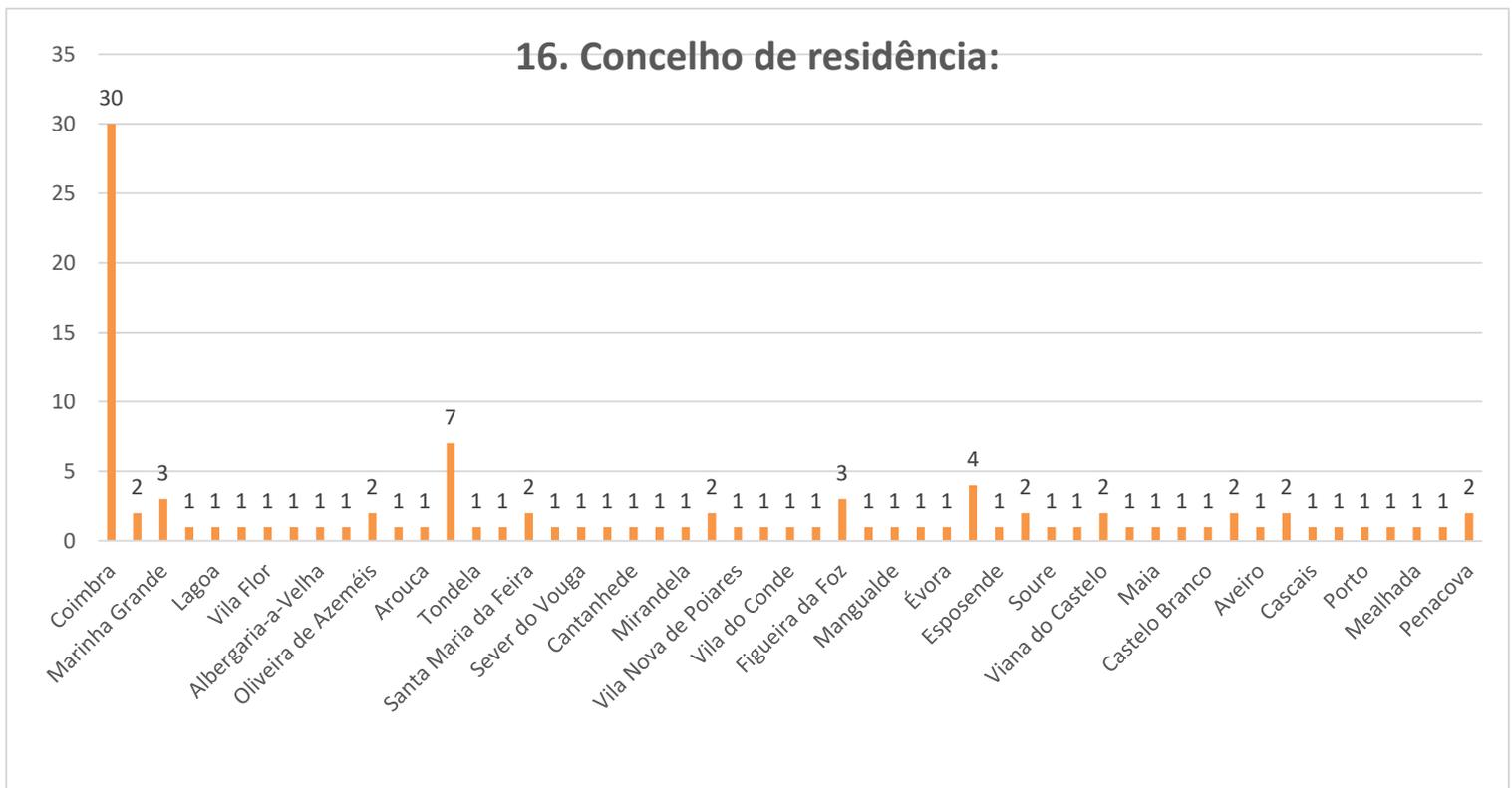
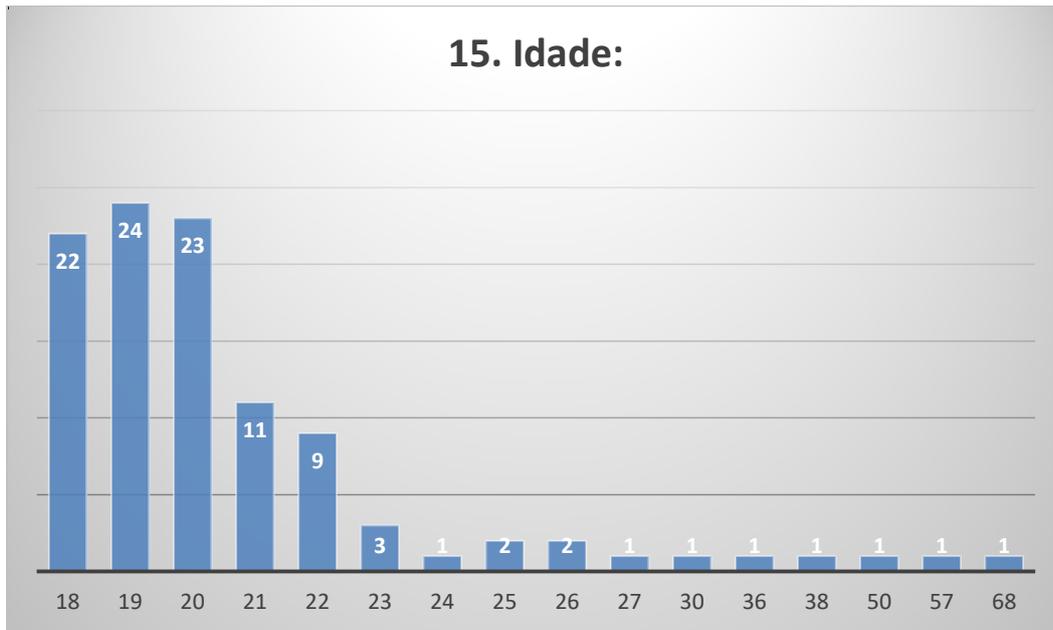
11. Quais são os aspetos mais positivos na Rua da Sofia?



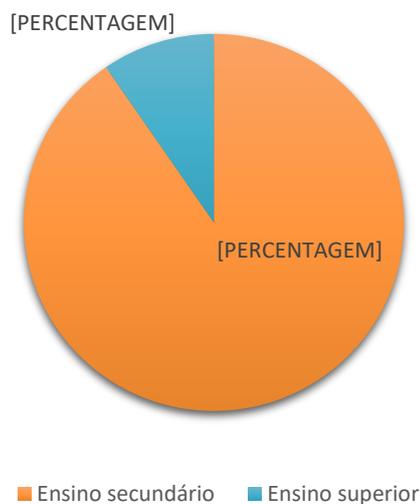
12. Quais os aspetos menos positivos na Rua da Sofia?



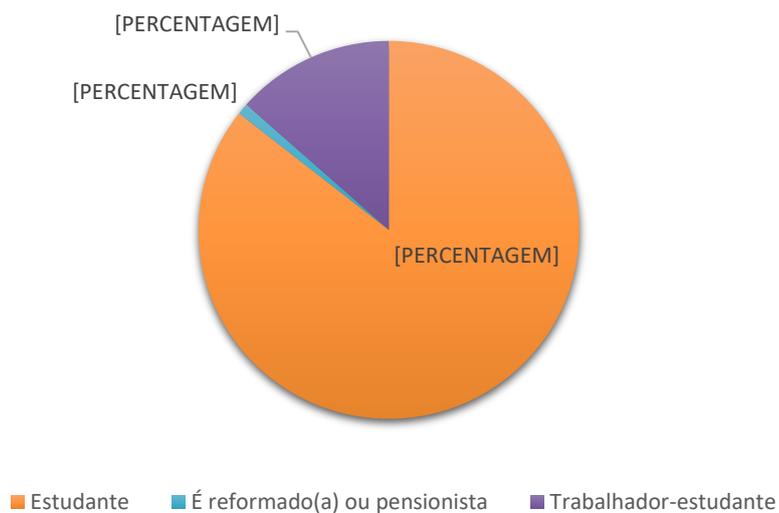


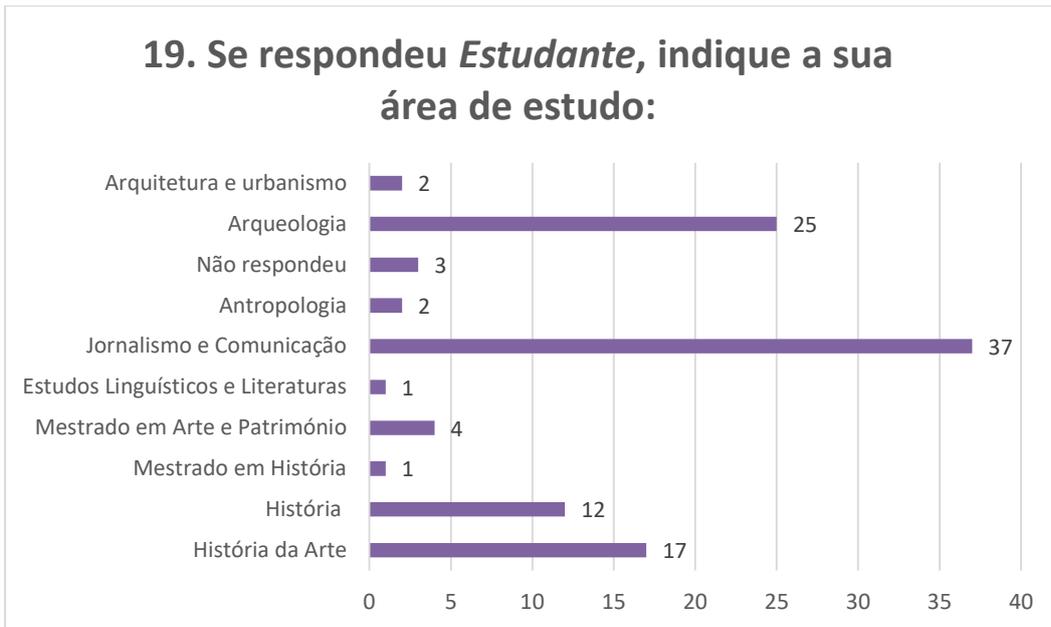


17. Habilitações literárias:



18. Qual é a sua ocupação principal?

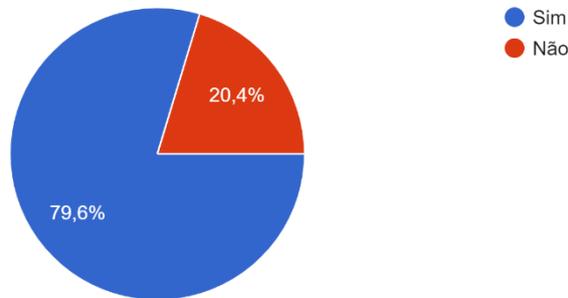




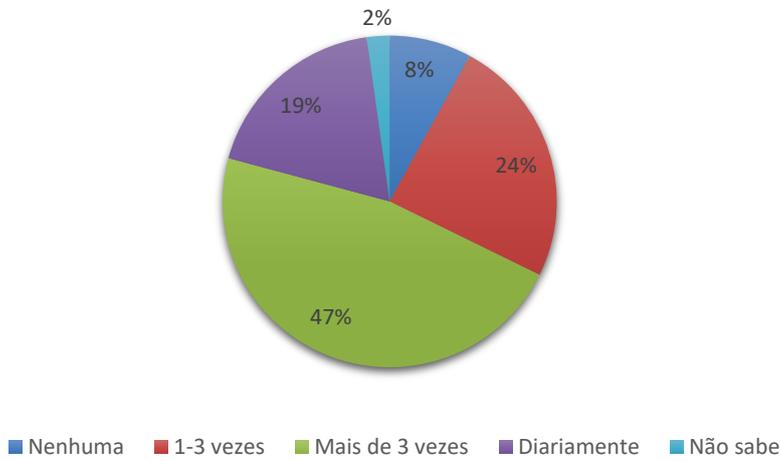
Resultados dos inquéritos online – 226 questionários

1. Costuma frequentar a Rua da Sofia em Coimbra?

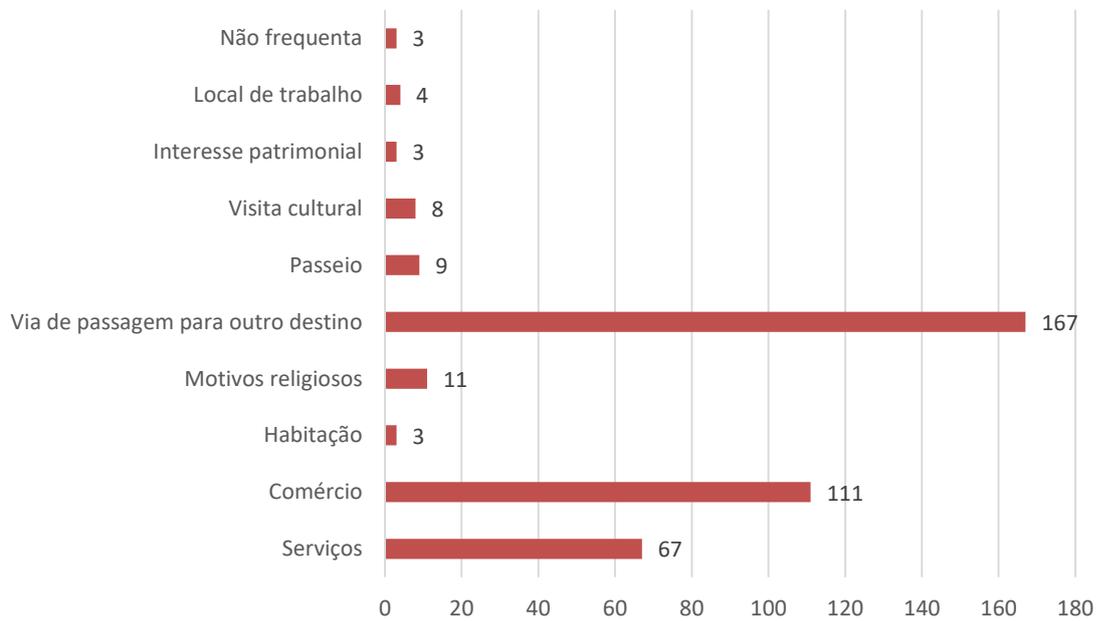
226 respostas



2. Nos últimos 6 meses com que regularidade visitou a Rua da Sofia?

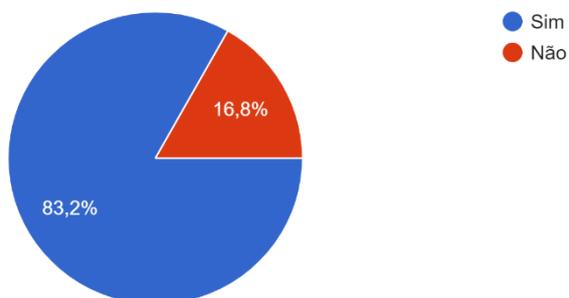


3. Porque é que frequenta a Rua da Sofia? (pode assinalar mais do que uma hipótese)



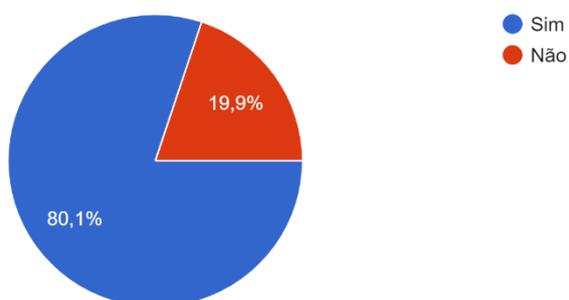
4. Tem conhecimento que a Rua da Sofia é Património Mundial?

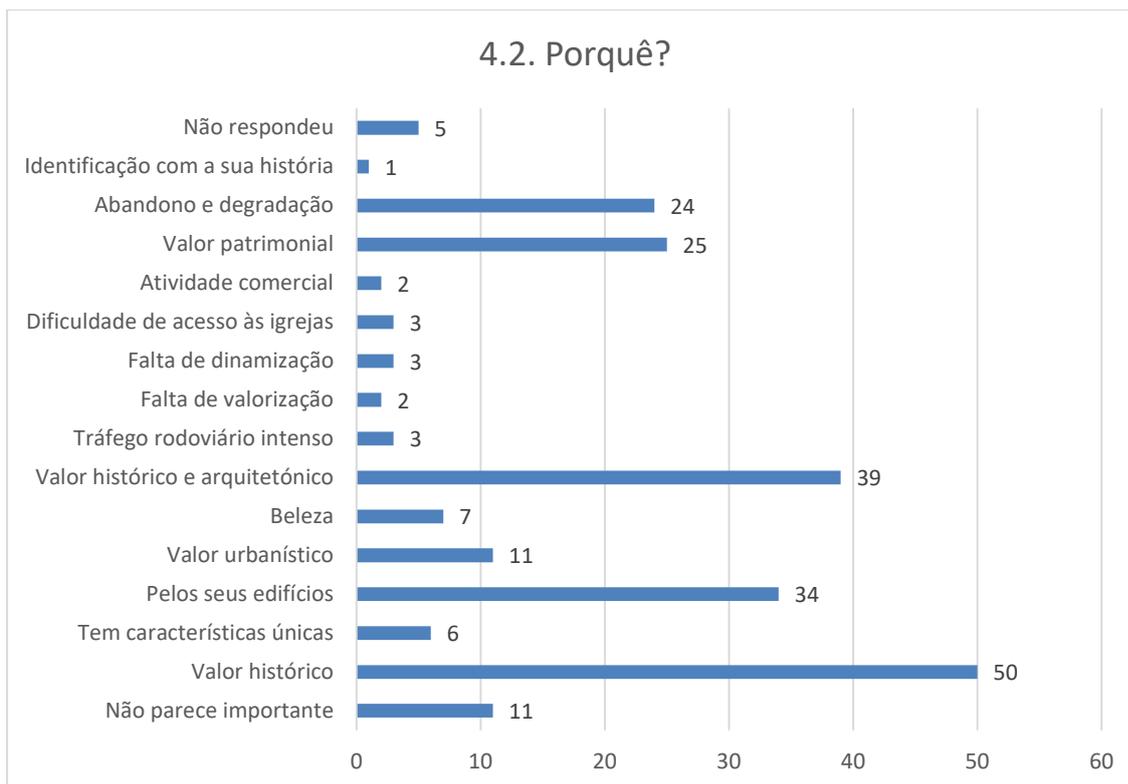
226 respostas



4.1. Na sua opinião, considera a Rua da Sofia Património?

226 respostas

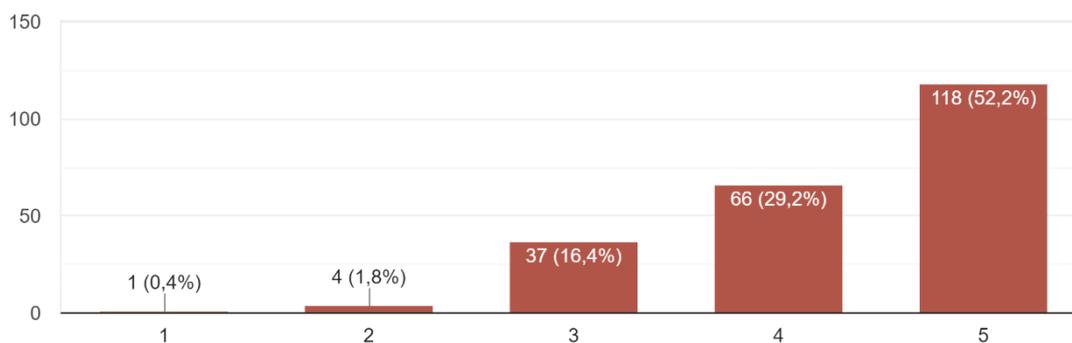




a) A Rua da Sofia é um elemento muito importante na cidade de Coimbra.

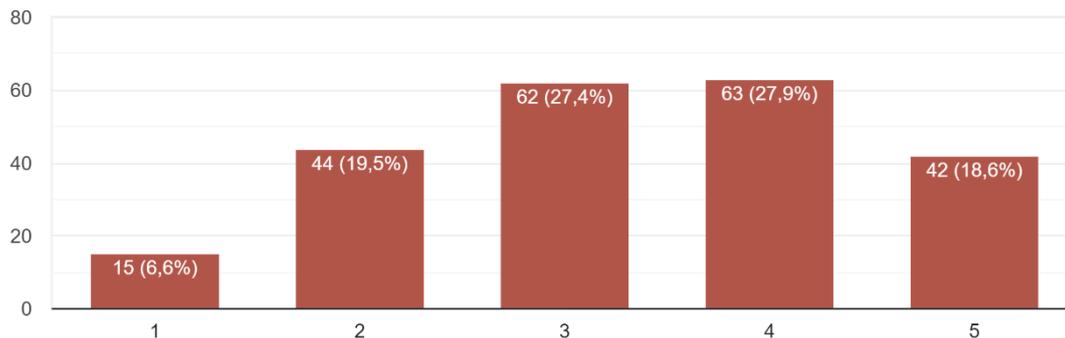
5. Numa escala de 1 (discordo totalmente) a 5 (concordo totalmente),
avale as seguintes afirmações.

226 respostas



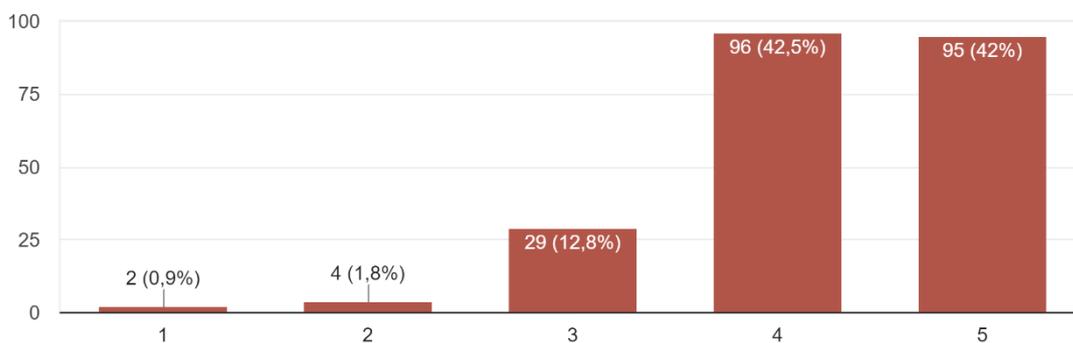
b) O facto da Rua da Sofia ser classificada Património da Humanidade pela UNESCO atrai
pessoas que de outra forma não visitariam a Rua.

226 respostas



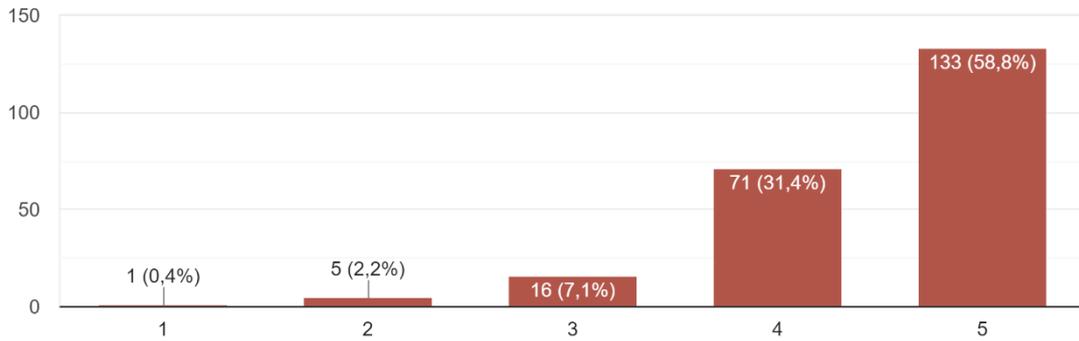
c) A classificação desta Rua como Património Mundial é uma forma de lhe dar reconhecimento.

226 respostas



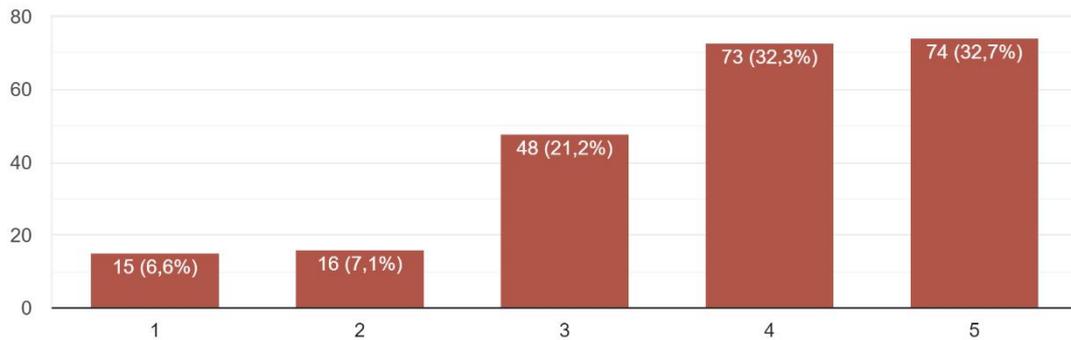
d) A Rua da Sofia tem valor histórico independentemente de ser ou não Património Mundial da UNESCO.

226 respostas



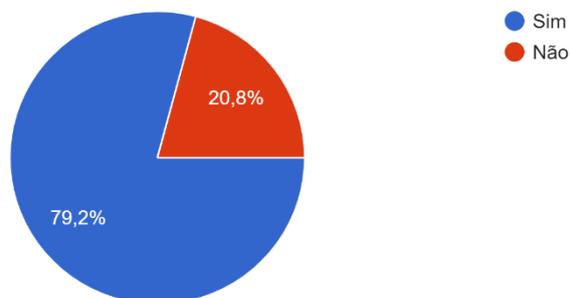
e) A passagem de veículos na Rua da Sofia influencia a minha perceção dos edifícios.

226 respostas



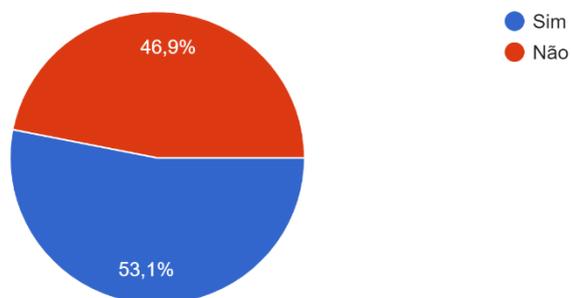
6. Sabe o que significa "Sofia"?

226 respostas

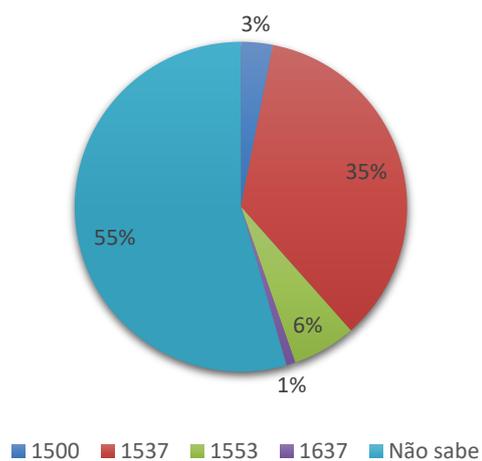


7. Conhece os motivos que levaram à construção desta Rua?

226 respostas

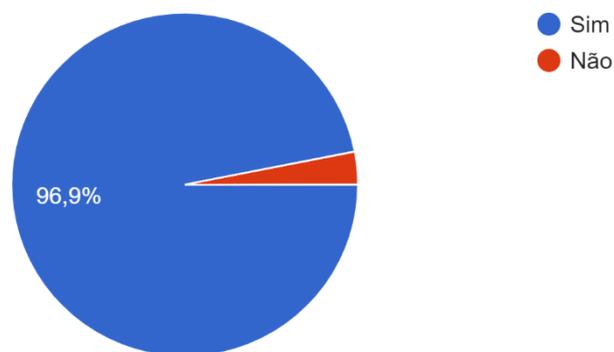


8. A partir de que ano foi construída a Rua da Sofia?



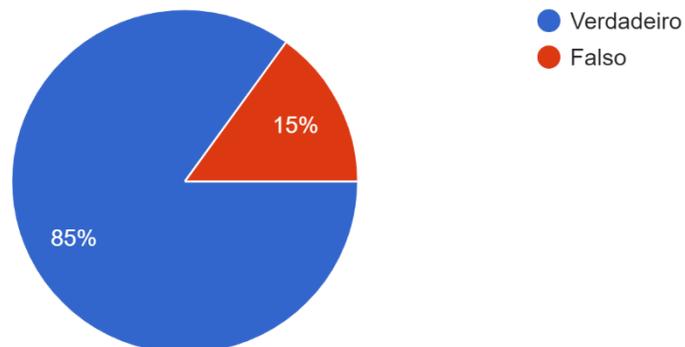
9. A Rua da Sofia alberga vários colégios. Sabe o que é um colégio?

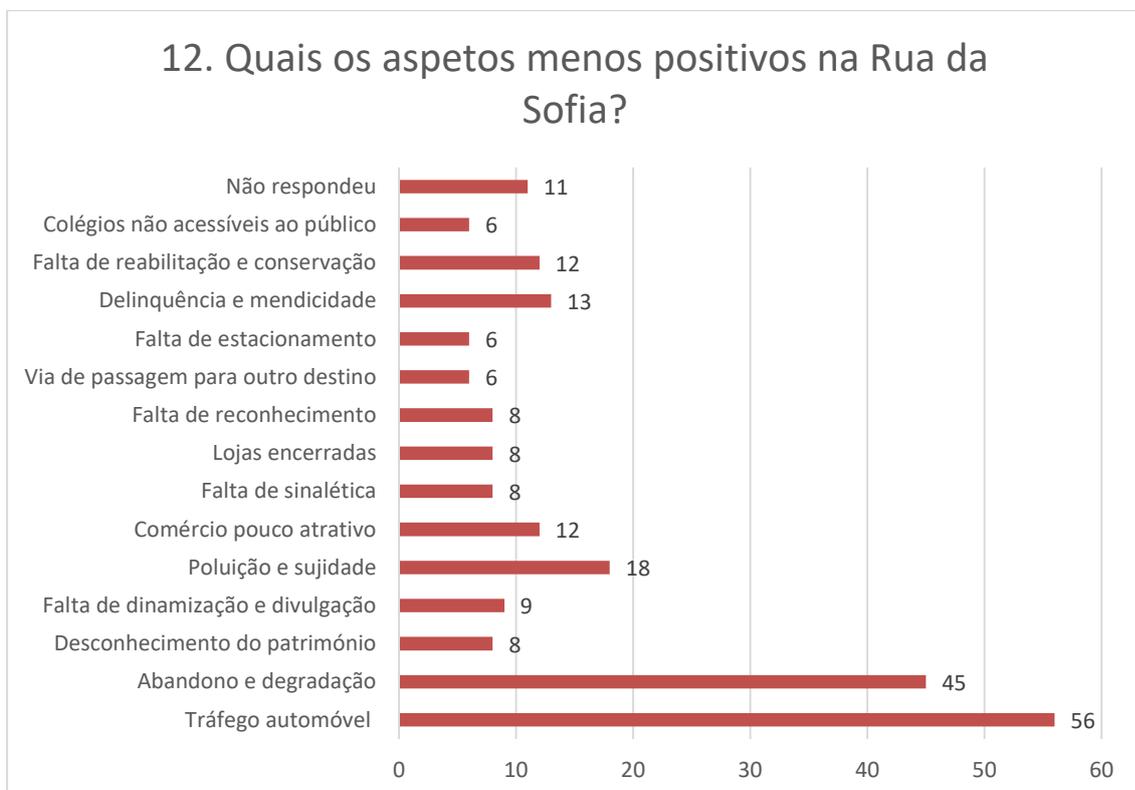
226 respostas



10. A Rua da Sofia tem parte de uma igreja dentro de um centro comercial.

226 respostas

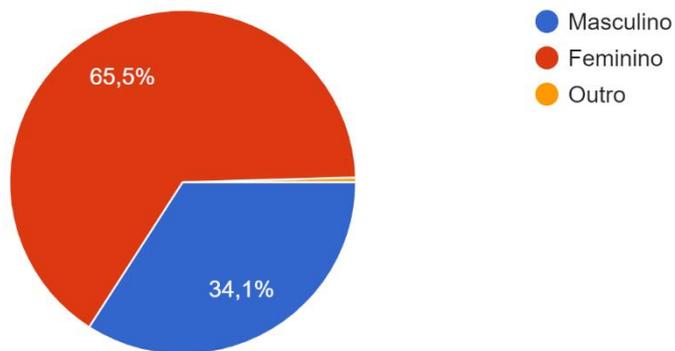


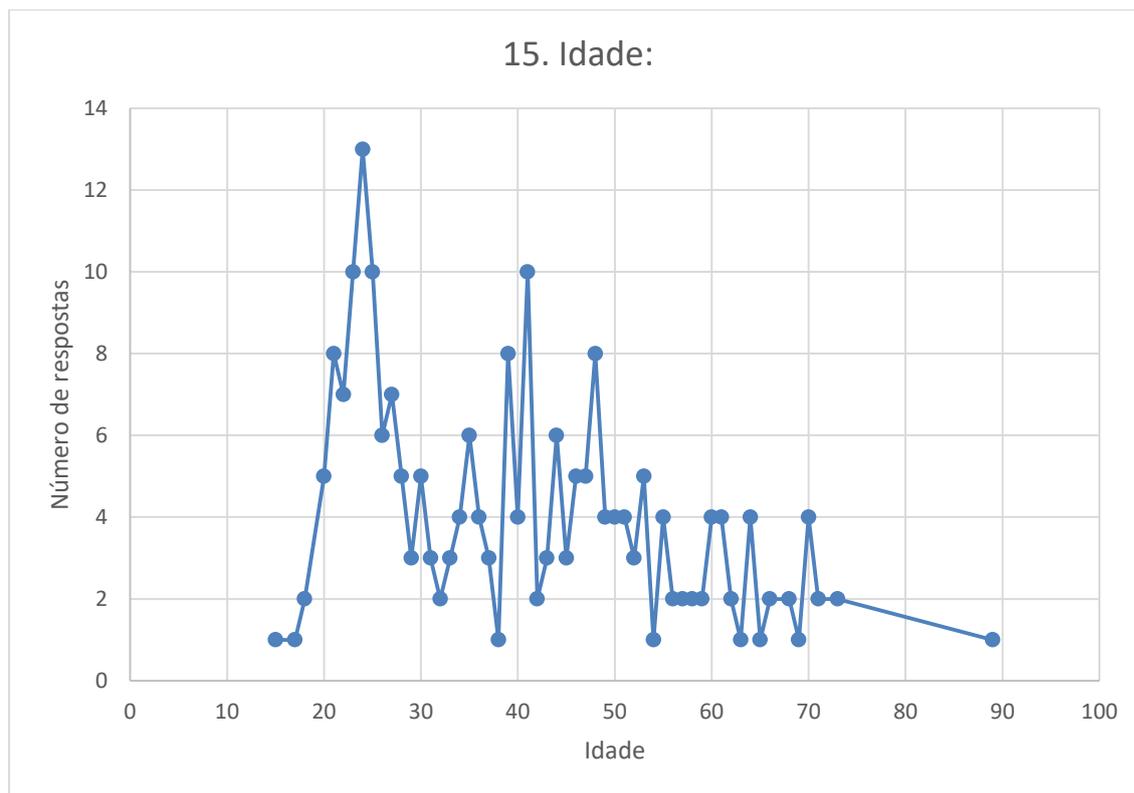




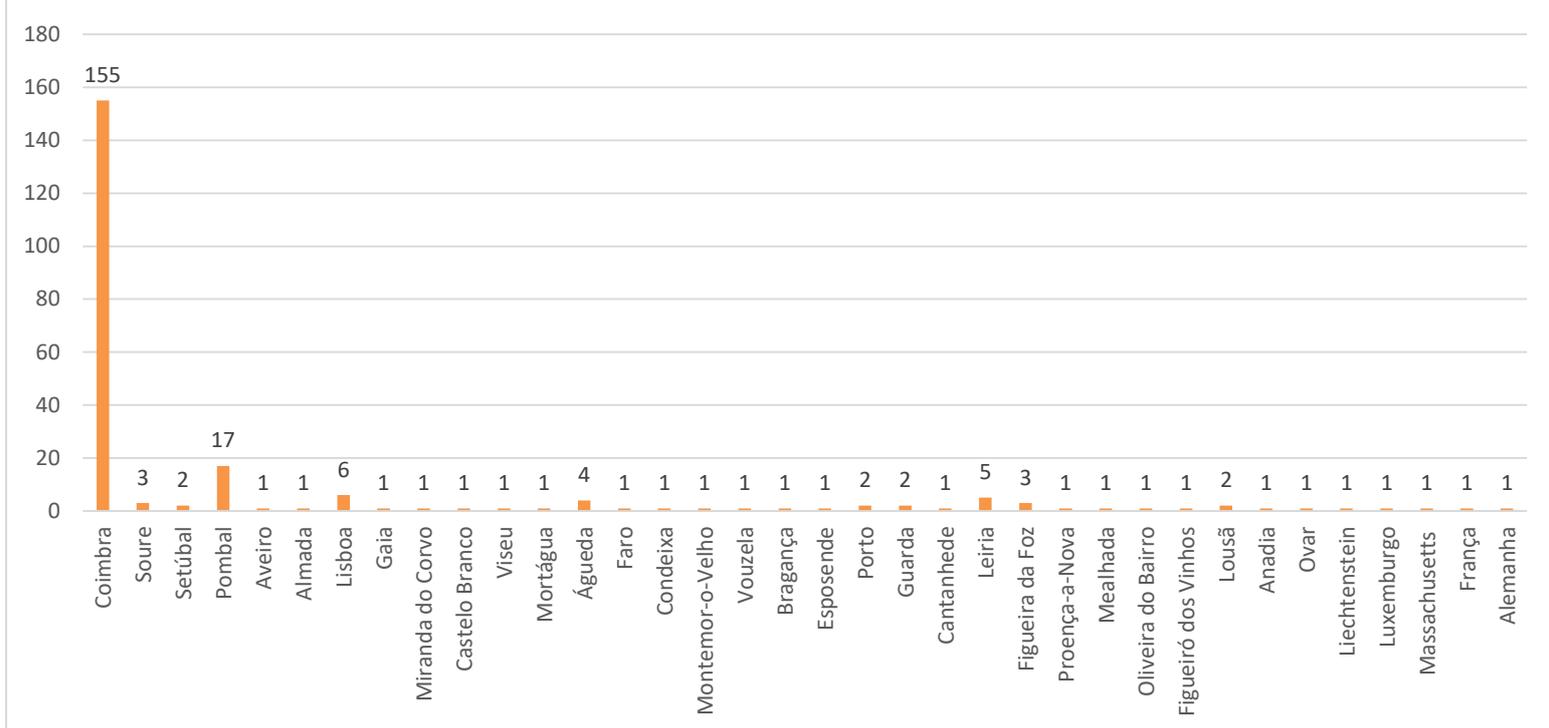
14. Género:

226 respostas

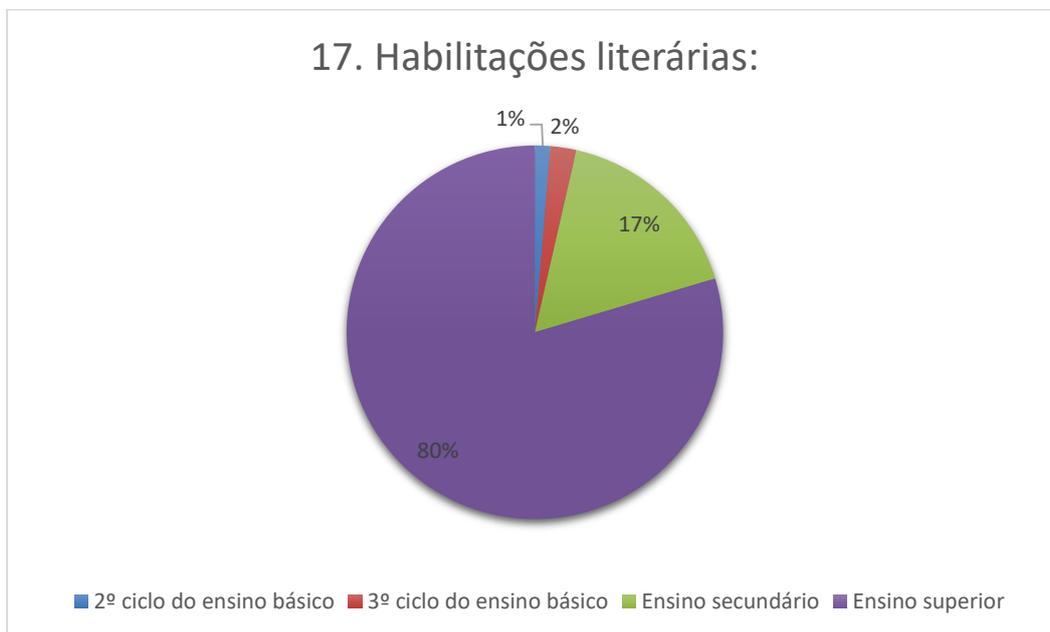




16. Concelho de residência:



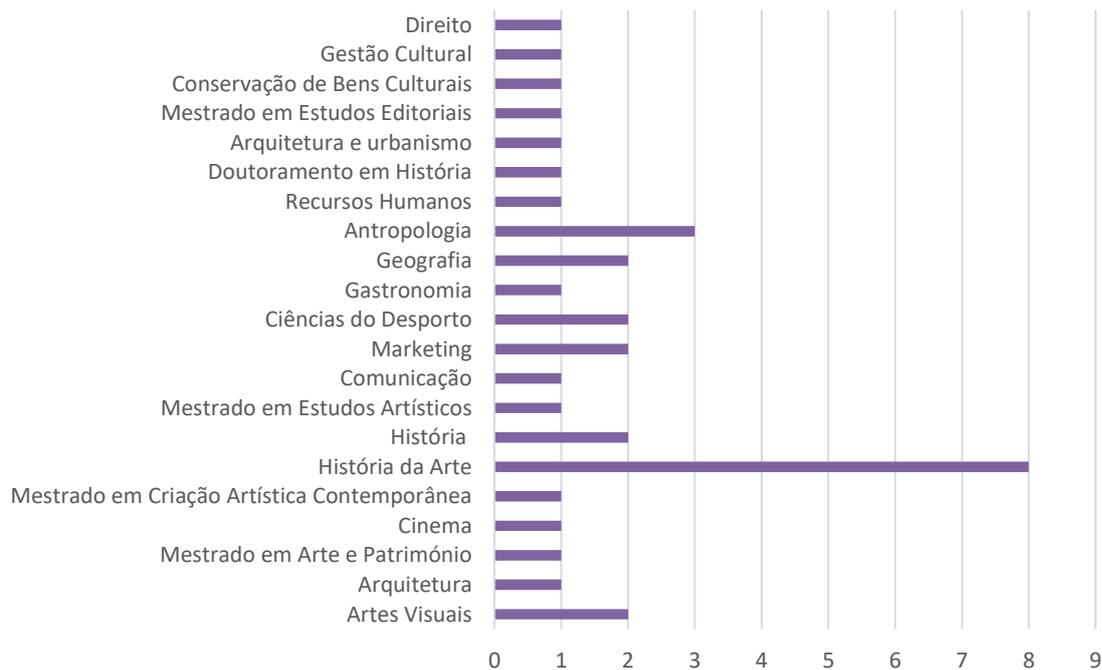
17. Habilitações literárias:



18. Qual é a sua ocupação principal?



19. Se respondeu Estudante, indique a sua área de estudo:



Documento 5: Inquérito por entrevista.

Tem conhecimento que a Rua da Sofia é Património?

Na sua opinião, considera a rua Património? Porquê?

Há quanto tempo tem o seu estabelecimento na Rua da Sofia?

Que episódio ocorrido na Rua da Sofia a marcou mais?

O que é que aprendeu ao observar a Rua da Sofia?

O que é que distingue esta rua das outras?

Se pudesse fazer o que quisesse na Rua da Sofia, o que faria?

Quais foram as maiores mudanças que assistiu na Rua da Sofia?

Que mudanças estão por fazer?

Quais são os maiores problema que a rua enfrenta?

Como sonha o futuro desta rua?

Se esta rua fosse um filme, que título teria?

Documento 6 – Texto resultante da enrevista com Aguilalda Amaro, escrita por Suse Duarte, intitulado “Bons Dias”.

A Dona Aguilalda, mais conhecida por Dona Guida, trabalha na Rua da Sofia há 30 anos. Veio de Ansião para Coimbra com 18 anos, e começou a trabalhar no restaurante *A Democrática*, uma casa de pasto na Travessa da Rua Nova, estabelecimento que já não existe, e que se situava perto do atual *MijaCão*. Antigamente o restaurante era uma estalagem, mas isso já não foi do seu tempo. Trabalhou no restaurante durante 10 anos, e também lá dormia. A sua vida era passada lá, trabalhava muito, principalmente com estudantes, o restaurante estava sempre cheio. Começava a trabalhar às 9h e não tinha horário para sair pois tinha sempre muito trabalho. Por trás do restaurante existia a adega típica. A Dona Guida é do tempo das pipas, que vinham a rebolar pela Rua Nova abaixo. Ainda vendeu muito vinho “ao copo”. Saiu do restaurante e foi para a pastelaria *Sirius*, onde trabalhou durante 12 anos, tendo os seus filhos nesta época.

Há quase 7 anos, num espaço de uma semana, meteu-se numa aventura. A pastelaria *Sirius* passou a exploração da pastelaria para uma pessoa com a qual a Dona Guida não se identificava. Os senhores que estavam no café Sofia queriam sair deste espaço e insistiram para ela ficar com o mesmo, e ela acabou por ficar com o trespasse do café. Nessa altura só tinha o dinheiro da escritura. Ela entra no café às 6:30h da manhã e às 19h ainda lá está, não é um trabalho fácil, é bastante cansativo.

Sabe que a Rua da Sofia é Património Mundial, mas não a considera como tal. Na sua opinião a rua não mudou desde que foi classificada Património, há 6 anos. Está esquecida, feia e suja. Os comerciantes estão lá e querem mostrar exatamente isso, mas a rua está parada. Devia ser zelada porque é das ruas mais importantes de Coimbra, tem tanto significado e está abandonada por quem manda, por quem pode, não está abandonada pelos comerciantes (que precisam dela), está abandonada por quem devia cuidar dela, os comerciantes tentam fazer o seu melhor, mas sem ajuda pouco podem fazer, o que a deixa triste. Para ela a Rua é linda, de uma ponta à outra, tem um princípio e um fim, mas acaba na mesma linha. Durante a nossa conversa, a Dona Guida emociona-se ao falar sobre a Rua da Sofia, nota-se que nutre por ela um grande carinho.

Há muitos anos atrás a Dona Guida gostava de trabalhar com os estudantes, eles respeitavam as pessoas, o que não acontece atualmente. Na Latada e na Queima das Fitas fecha o seu estabelecimento. Os estudantes não vêm para a Rua da Sofia, não a ajudam, só passam para ir ao Pingo Doce, e à sexta-feira para irem para a Rodoviária para voltarem para casa. De resto só aparecem para pedir patrocínios para os carros alegóricos do Cortejo da Queima das Fitas.

Quando lhe perguntamos que acontecimento a marcou mais na Rua da Sofia a sua resposta é imediata, a imagem da Rainha Santa Isabel marcou-a muito. Antigamente a Rainha Santa Isabel vinha sempre para a Igreja da Graça na Rua da Sofia, e ela ficava à espera, à noite, que a imagem chegasse à Igreja, o que acontecia por volta da meia-noite. Ver a rua cheia de gente e ver a Rainha Santa a passar era algo maravilhoso para si. Atualmente o que a marca mais são as marchas. Abriu o seu café durante essa noite, tendo vendido, no primeiro ano, 10kg de sardinha, no ano seguinte vendeu 20kg, e já foram realizadas 3 marchas, que têm sido um sucesso, com cada vez mais estabelecimentos a aderirem e a abrirem as suas portas. As coisas más, os acontecimentos menos positivos, não a marcam. Com o passar do tempo aprendeu a observar as pessoas. Ainda hoje tem aquelas pessoas que há 30 anos diz “bom dia”.

Se pudesse fazer o que quisesse na Rua da Sofia mandava restaurar toda a rua, abria as janelas, alugava quartos, dava vida à rua, pedia às pessoas para viverem na Rua da Sofia. Mandava colocar flores nas janelas, embelezar a rua. Gostava de ver na rua pessoas, crianças e carrinhos de bebé, gostava que existissem parques infantis, e espaços agradáveis onde as pessoas pudessem passear, principalmente à noite. Diz-nos que já não pede árvores, mas gostava pelo menos de ter os passeios mais largos, paragens de autocarro, ou de eléctrico, gostava de recuperar as coisas boas que a rua já teve. A Rua da Sofia devia ser uma rua histórica. Os turistas deviam visitá-la e quem vive em Coimbra devia usar a rua. Devia haver uma biblioteca, pequenos museus, e no Terreiro da Erva podia ser feito um parque infantil.

A falta de estacionamento é grave, antes havia estacionamento no Terreiro da Erva, mas com a sua requalificação este deixou de existir. Quem frequenta a baixa, quem vem comprar à baixa, são as pessoas de idade, e elas não vão deixar o carro do outro lado do Rio Mondego nem no Parque Verde. Mesmo que venham de autocarro não há paragens na Rua da Sofia. As pessoas também não vão deixar os carros em parques subterrâneos. Ouve todos os dias várias pessoas a dizer que até iam ao seu estabelecimento ou à baixa, mas não têm onde estacionar.

Fecharam muitas lojas e as que abrem agora não atraem as pessoas. O colégio de São Boaventura podia ser transformado numa residência de estudantes, o espaço é enorme. Os privados não têm capacidade financeira para fazer obras e/ou mudanças. Futuramente a Rua da Sofia ou morre ou vai viver muito mais.

Tudo o que se passa na Baixa da cidade, passa-se do outro lado da Câmara (Rua Visconde da Luz e Rua Ferreira Borges). Na Rua da Sofia não dá para fazer nada por causa do trânsito. Se ela quiser fazer alguma coisa tem de ter uma licença.

As pessoas mais marcantes da Rua para si, de um modo geral, é a Rainha Santa, de forma pessoal, são as pessoas dos “bons dias”, as pessoas que a acolheram quando ela chegou à Rua da Sofia. Algumas já morreram, outras já estão reformadas, outras ainda continuam a trabalhar na rua.

O espetáculo *Sofia, Meu Amor!* realizado pelos Trincheira Teatro no âmbito da Rede Artéria, que ocorreu no Verão de 2018, marcou-a muito. Foi só um teatro, mas se fosse um filme seria espetacular. Foi uma lufada de ar fresco, os jovens olharam para a rua e para os seus

comerciantes, e ensinaram-na a olhar para a Rua da Sofia, a olhar para cima. A convivência comos atores do espetáculo trouxe-lhe um grande conforto, pois sentiu que alguém amava aquela rua tanto com ela.

A Dona Guida é uma senhora cheia de energia, muito faladora e que não pára um segundo, mas não há dúvida do amor que sente pela Rua da Sofia, do carinho que tem por ela. No fim de contas, a Rua da Sofia é como se fosse a sua casa, à qual chegou menina e se fez mulher.

Documento 7 – Texto resultante da entrevista com Adelino Marques, escrita por Suse Duarte, intitulado “O Sábio Professor”.

O Professor Adelino, como é tratado carinhosamente por todos no Lar da Ordem Terceira, é um senhor fascinante. Consegue cativar-nos com as suas estórias e memórias, e arranca-nos sempre um sorriso com o seu bom-humor.

Apesar de não ter nascido em Coimbra, esta é a sua casa desde tenra idade. No final da década de 30 frequentou a escola primária de São Bartolomeu e durante todo o seu percurso escolar conheceu bem Coimbra por andar a vadiar pelas suas ruas, como nos diz de forma divertida. Já adulto abriu um consultório na Rua da Sofia, e foi até 2001 diretor do serviço de nefrologia dos Hospitais da Universidade de Coimbra. Foi presidente da Sociedade Portuguesa de Nefrologia entre 1988 e 1991, bem como da Sociedade Portuguesa de Climatologia e Hidrologia Médicas, entre 1977 e 1982. O seu destacável mérito enquanto nefrologista levou a que presidisse à Comissão Nacional de Diálise e Transplantação, de 1990 a 1993. A sua carreira de médico foi conciliada com a de Professor, tendo chegado a professor catedrático em 1982.

Além de todos estes cargos, desde a década de 60 que está ligado à Ordem Terceira de São Francisco. Sendo irmão da Ordem assumiu responsabilidade nos seus órgãos governativos, nomeadamente no conselho fiscal e no conselho diretivo. Foi presidente do conselho diretivo e foi ministro da Venerável Ordem Terceira de São Francisco, cargo que deixou há 3 anos. Continua muito ligado à Instituição, sendo visível a admiração e o carinho que todos nutrem pelo professor, e que este nutre por aquela casa onde faz visitas regulares, apesar da sua avançada idade. Não deixou naturalmente de ser irmão pelo facto de ter deixado de pertencer aos corpos sociais.

O Professor Adelino é um homem muito conhecedor, com uma memória incrível e com um discurso coeso e fluído, que relatamos neste texto. Considera a classificação da Rua da Sofia mais que merecida, mas tem pena que esta esteja no estado de degradação em que está. Contou-nos a história da construção da Rua da Sofia muito detalhadamente e enumerou todos os seus colégios, falando também das ruas estreitas de Coimbra medieval, dos colégios da Alta e da Coimbra Universitária desde o século XVI.

Acha que a Rua da Sofia tem um aspeto triste pela degradação dos edifícios e salienta que necessita de obras para as quais é difícil arranjar verbas. O Colégio do Carmo está a necessitar de obras, os painéis de azulejos já foram restaurados, obra que foi dispendiosa. A Igreja está encerrada por motivos de segurança, pois necessita de obras de requalificação arquitetónica. Embora exista um projeto pronto a colocar em prática, as coisas arrastam-se. O lar precisa de ser requalificado tal como todos os edifícios colegiais da Rua da Sofia. O professor conta-nos que existem nesta Rua, à vista, mas principalmente ocultos, verdadeiros tesouros históricos e arquitetónicos, afirmação com a qual não podemos deixar de concordar.

Há muito para ser requalificado na Rua da Sofia. A Rua faz parte da baixa onde ainda vive gente em condições miseráveis. Quando as pessoas que lá vivem desaparecem, a baixa morre. Na Rua Ferreira Borges e na Rua Visconde da Luz, abrem estabelecimentos comerciais no rés-do-chão, mas as casas por cima estão vazias. Revela-nos, com saudade, que antigamente no cortejo da queima das fitas, das janelas das casas da Rua Visconde da Luz e da Rua Ferreira Borges, os habitantes saudavam os amigos e os estudantes, e nas procissões religiosas todas as sacadas se enchiam de colchas, hoje não vemos nada, só janelas e casas fechadas. Para ele a cidade é um repositório de recordações.

Apesar de tudo acha que a Rua da Sofia podia estar numa situação pior do que o que está, dado que os comerciantes ainda aguentam, ainda lhe dão uma certa vida. Acha que têm de haver estabelecimentos de tipo tradicional que atraiam pessoas à Rua, porque as grandes superfícies acabam com o comércio tradicional.

Na sua opinião manter a vida na rua é o maior problema da Rua da Sofia, porque se não houver comércio e pessoas, não há vida. Deveriam haver no rés-do-chão estabelecimentos comerciais modernizados. As lojas fecham porque as pessoas envelhecem e as que existem

agora são antigas e não são atrativas. As lojas fecham e não reabrem, e a Rua da Sofia sofre com isso.

O Professor lê muitos textos e documentos de arquivo, diz que está sempre a aprender coisas novas, e o seu gosto por conhecimento é notável!

Quando nos despedimos, comenta que gostou muito de estar connosco porque pôde esvaziar muito do que tem dentro de si. É sempre um prazer ouvir pessoas com tanto para partilhar.

Documento 8 – Texto resultante da enrevista com Alídio Mendes, escrita por Rute Lemos, intitulado “Um homem cheio de sorte”.

A Rua da Sofia parece demasiado grande para a Retrosaria Mendes, sentimos sempre tanta pressa naquele corredor ladrilhado que nem damos conta que ali, naquele cantinho do Colégio do Espírito Santo, se encontra cor, luz e muitas histórias por contar. Quando entramos na loja fica difícil focar a nossa atenção numa coisa só, são tantas linhas de cores vibrantes, cubículozinhos de roupa cuidadosamente dobrada, malhas para recém-nascidos com os acabamentos mais doces, babetes sobrepostos de forma padronizada, entre tantas outras coisas supervisionadas pelos olhos de *chucky* dos manequins infantis. Estes são os detalhes materiais que dividem a nossa atenção que se adensa com o barulho desordeiro do tráfego da rua e que apenas se acalma, quando Alídio Mendes começa a falar. Enquanto conversamos descontraidamente sobre a rua, percebemos que o Sr. Mendes, a considera património pelo valor histórico, e sabe de forma superficial a história da construção dos colégios. Mas quando lhe perguntamos o que é que a Rua da Sofia tem de belo, Alídio Mendes, sem hesitar, diz que não tem “nada de especial, é uma rua como outra qualquer”. Existe um desconsolo leve que lhe assombra o rosto quando profetiza estas palavras, e depois de um breve silêncio, percebemos que elas não foram verdadeiramente sentidas.

A estatura pequena não faz jus à grande simpatia com que nos conta a sua estória. Alídio Mendes nasceu na Serra do Buçaco em 1944, e depois de terminar a quarta classe, o seu pai disse que na sua casa “não havia papa para malandros”, o que o levou, ainda criança, a mudar-se para a cidade em busca de uma oportunidade de trabalho. Porém, entre esta mudança, ainda teve a sorte de poder fazer um seminário com o padre da paróquia, mas não teve muito sucesso e passados três meses regressou a casa, onde lhe esperava a tão aguardada mudança para a cidade de Coimbra. Aos onze anos chegou a Rua da Sofia, porque tinha de

trabalhar, mesmo ainda não percebendo o que isso era e para que servia. “Tive a sorte”, é a expressão que repete novamente para descrever a forma como arranjou emprego, começou numa sapataria na grande via e ali ficou até aos dias de hoje, porque o patrão gostou da sua cara e do seu serviço ao ponto de lhe ter deixado a loja. Entretanto mudou de loja, mas não de rua, e o seu negócio passou a ser uma retrosaria, que chegou a ter cinco empregados devidamente fardados de fato e gravata, que recorda como “os pobres engravatados”.

A Retrosaria Mendes é uma das lojas mais antigas da Rua da Sofia, com quase cinquenta anos de idade. Durante este tempo, o Sr. Mendes assistiu a várias mudanças na rua, no comércio e nas pessoas. O tipo de cliente mais frequente que entra na retrosaria são os da casa, os que até têm direito a um banco para se sentarem e conversarem, enquanto escolhem mais um *babygrow* para o bisneto. Não obstante, o leque de clientes consegue ser mais variado, ainda que muitas vezes ligados por um cordão umbilical, pois os clientes mais novos acabam por ser filhos dos mais velhos que conhecem a fama da retrosaria. Atualmente sente que as grandes superfícies empobreceram o comércio tradicional de rua, e a falta de revitalização da Rua da Sofia é uma agravante, mas o seu lado conformista é de acordo que cada coisa tem a sua época e que os problemas da baixa de Coimbra são irreversíveis. Contamos com alguma indignação que por vezes passam à porta da retrosaria e dizem – “Olha este cá se vai aguentando” ou “Estás a ver? Está cá o Senhor”.

Em relação ao seu próprio negócio confessa que – “Eu já sou pequenito por natureza, nunca quis crescer o meu negócio, e sinto-me bem assim.”. Pergunta-se: “O que é a riqueza? Todos são ricos do que têm e pobres do que não têm”, e como este é um tema que lhe inflama o pensamento, reproduz o seguinte ditado que aprendeu com o tempo – “Mais vale o mal da inveja do que o bem da caridade”. Todavia, concorda que devemos manter aquilo que nos deixaram, e assim fez durante quase meio século, no entanto, não pretende manter a retrosaria para a próxima geração e que tenciona desfazer-se da loja antes de partir.

Entre a Retrosaria e a Biologia

A vida na aldeia ensinou-lhe parte das técnicas da agricultura, que exerce até hoje ainda que forçosamente. O contacto com a flora é pelo hábito, mas o contacto com a fauna é uma paixão que não consegue esconder. Aos dezoito anos recebeu dos pais uma arma de fogo, para poder exercer as habilidades da caça, que tanto orgulhavam a sua mãe que sonhava ter um filho caçador. Mas para o homem que se desvia de qualquer insecto para não o machucar, esta atividade revelou-se sádica e confessa que matar animais não estava na sua

natureza, com facilidade colocou a espingarda de lado. O Sr. Mendes trabalha numa retrospectiva mas podia muito bem ser biólogo se tivesse tido essa oportunidade, conta que nutre um admirável interesse enorme pela vida animal e que conserva em álcool alguns animais que encontra já sem vida. Entre histórias, conta-nos que gosta de tratar de todos os gatos que aparecem por casa, relata um episódio de uma estranha gata que lhe ficou eternamente agradecida pelo carinho que um dia lhe trouxe “a parte nobre do rato” como oferenda. Não se pode amar um gato e menosprezar a vida de um pássaro, para isso, sempre que Alídio vê passarinhos distraídos, avisa-os de duas formas: ou cantando como eles ou dizendo – “poe-te ao fresco, que daqui a nada estás no papo de um gato” – a ração para os gatos não é por acaso.

A rua que ensina

Os dias passam quase sempre todos iguais, mas alguns ficam profundamente marcados. Quando lhe perguntamos por um episódio ocorrido na Rua da Sofia que tivesse ficado gravado na sua memória, ele relata-nos a seguinte história – nos finais do século XX a rua tinha ainda carris para os autocarros elétricos, cujo tráfego começava a aumentar não só a quantidade, mas também na velocidade. Há um dia, em frente ao seu estabelecimento, que uma jovem de vinte e sete anos, tropeça num desses carris e é atropelada por um carro que não conseguiu realizar uma travagem segura. Depois de assistir a este acontecimento que não deixava a sua mente em paz, decidiu ligar para o hospital para saber o estado da jovem, ao qual a enfermeira informou que a jovem já chegou ao hospital sem vida, e que estava grávida. Este triste acontecimento, é ainda hoje um dos que mais o impressionaram.

Para o Sr. Mendes a via sempre enfrentou problemas relacionados com o trânsito. Recorda que existiu na rua a Rodoviária José Maria dos Santos, que apesar de trazer movimento também acarretava um certo engarrafamento rodoviário. Além disso, ainda existiam estacionamento na própria rua que só eram possíveis de serem utilizados por quem possuísse um disco azul, que era adquirido no posto da polícia. É evidente que tudo isto, tornava a rua num corredor de atmosfera poluída e ensurdecadora, características que se mantêm até à atualidade. Para por fim a esta adversidade urbana, conseguiu reunir três mil assinaturas para colocar apenas um sentido na rua e uma paragem de autocarro, mas este esforço não teve qualquer efeito, ficando espelhada na opinião de Alídio Mendes a pouca fé que tem nos autarcas. Por um lado quer acreditar que a conjuntura pode ser diferente, mas por outro há uma sombra que o inunda que não o faz confiar em nada.

Com a conversa a chegar ao fim, é evidente que aquelas palavras iniciais não foram sentidas. Não é fácil pensar o património que está envidraçado ou protegido, quanto mais pensar o património que se usa todos os dias. Porém, apesar das indecisões, o Sr. Mendes reconhece que a falta de turismo e jovens na rua é um problema que a assombra. A uma primeira conversa parece que não tem qualquer interesse pela rua e que a deixava como está, mas numa segunda ronda em que a reflexão faz despertar uma réstia de esperança, é com convicção que afirma que o mais importante para trazer à rua são os estudantes e a Universidade de Coimbra. Aguarda por um futuro prospero, acreditando que a juventude e as novas mentalidades possam elevar o património da Rua da Sofia.

Depois de perguntar o que afinal o prendia à rua, ficou sem explicação mesmo já tendo pensado numerosas vezes nessa resposta, apenas diz que “é algo de transcendente”. Se estive sempre indecisa quanto à posição do Sr. Mendes face à importância da rua na sua vida, fica claro com a seguinte afirmação que a *Sofia* foi uma das maiores paixões da sua vida – “Eu não trocava a Rua da Sofia por nenhuma rua, por muito movimento que tivesse. Tudo o que eu aprendi, foi aqui, mas não foi em colégio nenhum, foi com o trabalho.”. Afinal, a *Sofia* sempre tem algo de belo.

Documento 9 – Texto resultante da entrevista com João Paulino, escrita por Rute Lemos, intitulado “O que nos Liga”.

A atmosfera está gelada, o sol que bate nas palmeiras do Claustro do Colégio da Graça faz brilhar o gelo nelas poisado. A entrevista que vamos fazer ao Presidente da Direção da Liga dos Combatentes de Coimbra, João Paulino, não o faz querer instalar-se dentro de quatro paredes, conta que foi militar durante muitos anos, e que a sua carne rija não adoece com o frio que cai no claustro. Os nossos bons agasalhos e adoração por claustros castilhanos, permitiram-nos dizer algo parecido.

João Paulino sabe que a Rua da Sofia é património, no entanto, não a concebe como tal pela falta do apoio de entidades que considera fundamentais para a conservação e valorização do espaço. Estudou em Coimbra até completar o ensino secundário, conhece bem a Rua da Sofia, mas não a percebe como um espaço patrimonial, é apenas o lugar de trabalho. A rotina é na Rua da Sofia, chegar, trabalhar e regressar a casa. É acompanhar o desgaste da calçada e o negrume da poluição entranhado nas faces de cada figura escultórica das igrejas, é ver como todos os dias a degradação da via se torna mais insuportável e sentir a impotência de a deixar continuar. Depois de estar à cinco anos a trabalhar nesta rua, o que

mais o marca é a estagnação da atividade da rua e a falta de conservação dos edifícios, que além de terem as fachadas pouco atrativas, o seu conteúdo também não atrai a visita do turista. É da opinião que os turistas não têm interesse em parar na rua e observar o que ela tem de belo, para que isso acontecesse, crê que seria fundamental tornar a rua pedonal e requalificar os espaços, principalmente os colégios, e criar roteiros turísticos que integrem a Rua da Sofia. Afirma que é redutor para a cidade cingir o turismo a um nicho de sítios, quando Coimbra está repleta de um património riquíssimo, e que no entanto, continua a viver à sombra da Universidade, parando no tempo.

Face ao futuro da rua João Paulino, que se considera um homem positivo, projeta uma grande vontade de tornar a Rua da Sofia a mais importante de Coimbra, pois o seu carinho pelo espaço começa com a grande admiração que tem pelo seu criador D. João III, segue-se pela paixão na sua missão de tornar a rua um exemplo para o resto da Europa e desagua na vontade de continuar com este princípio. Reconhece que algumas coisas, ainda que poucas, foram feitas, como a recuperação dos dormitórios do Colégio da Graça por parte da Universidade de Coimbra, ou a recuperação do Colégio de São Tomás para o que é hoje o Palácio da Justiça. Mas a rua é mais, muito mais, e para João Paulino o patamar de Património Mundial da UNESCO não passa do papel para a prática, e é com tristeza que diz que “aquilo que gostava que fosse amanhã, pode demorar muito anos”.

Em relação à Liga dos Combatentes, a conversa não é tão cinzenta e torna-se mais dinâmica. Percebemos que aquele espaço ajuda imensos ex-combatentes nomeadamente do Ultramar e de um alargado leque de regiões do país, a vários níveis, como social, cultural, hospitalar e psicológico. Neste ramo da saúde, a Liga dispõe de um serviço bem qualificado ao nível dos profissionais e dos materiais que podia ser aproveitado de outra forma mais profunda. João Paulino é a favor de uma união entre as várias entidades da cidade e mesmo da rua que favoreçam os interesses de todos em prol da comunidade conimbricense. A Liga dispõe de um centro médico que para todos os que forem sócios, podem usufruir sem qualquer custo adicional, e ainda integra espaços de lazer, um bar e um pavilhão desportivo. Pelas palavras do presidente, “apesar do claustro parecer morto”, a sua agenda cultural é bastante diversificada e preenchida, recebem eventos de música, poesia, desporto, colóquios entre tantas outras atividades.

Apesar de todo este dinamismo, que só tem consciência quando está a escrever o relatório anual de atividades, sente que atrair o foco para o colégio, para a Liga e para a sua missão é uma tarefa diária que implica muito esforço. E é aqui que chega a instabilidade e a dúvida: será que vale a pena continuar? Vale a pena estar como voluntário e fazer um esforço

pela rua que não é reconhecido? São perguntas que João Paulino se coloca diariamente, e para as quais não tem uma resposta concreta, mas que por enquanto são teoria, e neste caso, desejamos que não passem à prática.

Documento 10 – Texto resultante da entrevista com Alice Abreu, escrita por Rute Lemos, intitulado “A Rua que podia ser o Jardim das Delícias”.

A entrevista com a Dona Alice foi por acaso. Estávamos a ir em direção ao Colégio do Carmo, para agendar a entrevista para um dia da semana, sem pressa. Ao tentar entrar no colégio, os nossos corpos quase que se embatem com o da Dona Alice que estava precisamente a sair naquele momento. Para ela, não foi coincidência, mas sim um acaso destinado, que faz parte da energia da sua vida. Ela aparece sempre para ajudar, quando alguém, mesmo sem falar, a procura. Ficamos, por ali, no claustro do colégio, e tão cedo não saímos, porque a entrevista estava prestes a começar.

Os vários tons de azul que nos rodeiam acentuam a frieza da pedra do claustro do Colégio do Carmo. O azul está no céu, nos azulejos rococó e nos olhos da dona Alice. Em relação à Rua da Sofia, sabe um pouco da sua história, mas não considera a rua património. Apesar de saber do seu valor, admite com um dissabor, que “a rua está esquecida.”

Habituada a trabalhar em ruas movimentadas como a Ferreira Borges, quando se mudou para a Rua da Sofia, sentiu que fez uma redescoberta, afirma que “quem vê de fora não sabe os conteúdos das casas”. Trabalhou no ramo do comércio, do qual recorda boas memórias sobre corações puros que a marcaram até hoje. No entanto, sempre soube que era com pessoas que gostava de trabalhar o resto da vida, fossem crianças ou idosos. É com essa dedicação que começa a sua jornada como auxiliar de serviço social e animadora sociocultural, na Venerável Ordem Terceira. Uma casa de saúde inserida no Colégio do Carmo, um espaço que a faz esquecer que está na célebre Rua da Sofia, uma rua cheia de trânsito e barulho, que desaparecem mal se entra no edifício. Espaços incorporados, pedra forte e robusta que silencia qualquer reboliço tão típico das cidades agitadas.

Aprendeu a tratar a rua por tu, caminha nela há quase 30 anos, são muitos dias, muitas horas e muitas vivências. Tem vários episódios que a marcaram ocorridos na rua, mas existe um momento que se manifestou logo num grande sorriso. Numa manhã, acompanhada pela Doutora Alexandra, foram acompanhar uma paciente do lar ao banco para realizar umas transações. Em frente à Pastelaria Sirius, repararam que a senhora tinha deixado escorregar as cuecas. Quando se apercebem, o momento congela e em milésimos de segundo tentam

encobrir a situação. É com embaraço que a Dona Alice agarra as cuecas e as coloca dentro da carteira da senhora, sem dar o mínimo de atenção. O momento de riso, torna-se também num momento de reflexão, aprendeu várias lições ao acompanhar e cuidar de idosos durante tantos anos. Considerava os idosos de antigamente mais sábios do que são hoje, aprendeu muito com alguns pacientes que já partiram, aos quais reza para protegerem o colégio e “tomarem conta disto”. Lembra que tem um leque de histórias com idosos, que as próprias colegas lhe dizem que devia escrever um livro de memórias. Afirma que se um dia o escrever, vai ser o livro da sua vida.

Foi escuteira durante muitos anos, trabalhou na área do comércio e também com doentes mentais. Aprendeu a lidar com a natureza humana em várias formas e estados, enquanto cuidava de doentes mentais, fez imensa formação na área e conta que tem o privilégio de saber ler as emoções e os rostos das pessoas. Um saber que se cola com o que designa de “rótulo na testa: procurem-me que eu gosto”, que mais não é do que a vontade que tem em ajudar pessoas com debilidades, sejam elas físicas ou emocionais.

Ao longo de todos estes anos, diz-nos que o que aprendeu a observar a Rua da Sofia, é que o tempo e o descuido humano, são destruidores. Aponta a falta de restauro e conservação dos edifícios como um ponto negativo da rua que é bem visível aos seus olhos. Aprendeu também a observar os rostos das pessoas, e os olhos. Admite que os rostos são mais felizes na Rua Ferreira Borges e Visconde da Luz, porque são rostos que pertencem a turistas, que andam à descoberta. O português que frequenta essas ruas é para ir trabalhar, usufruir de algum serviço ou está de passagem, porque a maioria do comércio é direcionado a turistas, com lojas repletas de objetos que refletem uma ficção identitária de portugalidade. Pela observação da Dona Alice, o turista direciona-se à Alta Universitária, desce o Quebra-Costas, fica pela Baixa, e quando chega ao Mosteiro de Santa Cruz não entra na Rua da Sofia. A única razão que vê que proporciona movimentação na Rua da Sofia é o Pingo Doce, afirma com uma risada que é o “monumento principal”. Na Rua da Sofia os rostos mais felizes que se veem são o das crianças, porque a maioria anda na rua à pressa de rosto triste.

Com a agitação dos ensaios do espetáculo “Sofia, Meu Amor!”, a percebeu-se que as pessoas começaram a questionar-se do que se estava a passar, principalmente com toda a movimentação de dentro para fora daqueles edifícios gigantes. Sem perder a oportunidade, a Dona Alice conta que sempre que pode mostrou o interior do Colégio do Carmo e contou a estória do profeta Elias que se pinta no azul e branco dos azulejos que rodeiam o claustro. Algumas visitas são feitas, mas não são as suficientes para dar a conhecer a história daquele património.

A maior mudança que assistiu na rua foi o encerramento das igrejas, e espera que a abertura e restauro de todos os edifícios seja o próximo passo do município de Coimbra, diz que “estamos sempre com a injeção da esperança, de que isto vai acontecer”. Aponta o trânsito e a irresponsabilidade dos transeuntes como um ponto negativo da rua, e classifica o comércio da rua de “abre e fecha”, que faz com que veja pessoas “à porta tristes, à espera que o cliente venha”.

Considera D. João III, como a personalidade mais importante da rua, pela mente aberta que teve para construir uma rua tão imponente, de objetivos tão educacionais. Sonha que se faça jus a esta obra urbana do século XVI, projetando o futuro da rua para um ambiente luminoso, cheio de turistas, igrejas abertas e comércio atrativo. Se pudesse fazer o que quisesse, a Dona Alice enchia a rua de flores, especificamente de sardinheiras, conclui dizendo que “Acho que os nomes às vezes dizem muito, quando Sofia, de facto, é sabedoria, nós devíamos dar à rua o valor do significado que ela tem, e daí eu dizer que as flores ficavam cá bem. Era uma maneira de embelezar a sabedoria”.

Figuras



Figura 1: Espetáculo “Sofia, Meu Amor!”, da dramaturgia de Jorge Palinhos, da Direção de Pedro Lamas e João Paiva (Companhia Trincheira Teatro). Fotografia de Carlos Gomes. [online]. [Acedido em: 23/5/2019]. Disponível em: <https://www.facebook.com/RedeArteria/photos/a.2055611541387722/2112591019023107/?type=3&theater>



Figura 2: Espetáculo SAAL. Realizado por Filipa Francisco, no Sport Clube de Lavos, em Lavos, Figueira da Foz. Fotografia de Carlos Gomes. [online]. [Acedido em: 23/5/2019]. Disponível em: <https://www.facebook.com/RedeArteria/photos/a.2056937084588501/2166446670304208/?type=3&theater>



Figura 3: Espetáculo “Vagar”, criação de Marina Nabais. Realizado na Vila Medieval de Ourém. Fotografia de Carlos Gomes. [online]. [Acedido em: 23/5/2019]. Disponível em: <https://www.facebook.com/RedeArteria/photos/a.2081738695441673/2170802316535310/?type=3&theater>



Figura 4: Espetáculo intitulado “O Labirinto”, criação de Graeme Pulleyn. Realizado na Antiga Judiaria e Rua Direita da Guarda. Fotografia de Luís Belo, agosto de 2018. [online]. [Acedido em: 23/5/2019]. Disponível em: <https://www.facebook.com/RedeArteria/photos/a.2166522470296628/2166523100296565/?type=3&theater>



Figura 5: Espetáculo intitulado “A Rua Esquecida”, criação de Fernando Moreira (Associação Astro Fingido). Realizado na Rua da Cale e Zona Histórica. Fotografia do espetáculo na digressão pela Guarda, do Município da Guarda. [online]. [Acedido em: 23/5/2019]. Disponível em: <https://www.facebook.com/MunicipiodaGuarda/photos/pcb.2647372948622235/2647365938622936/?type=3&theater>

Comerciantes não notam impacto da classificação da rua da Sofia



Crianças dos seis aos 13 anos foram conhecer o património da rua da Sofia

○○○ Ontem, pela manhã, as crianças do programa de férias de O Teatrão “Se Esta Rua Fosse Minha...” reuniram-se mais uma vez para visitar colégios da rua da Sofia, espaço central desta edição do programa. “Sabem que a rua da Sofia é património da UNESCO?”, pergunta uma das guias do grupo, estudante de História da Arte da faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. “Sabemos, a partir de agora!” exclama uma das crianças. De facto, a Sara Baquissay e o seu irmão Pedro, a Alice Pinto e o Pedro Gomes já tinham passado pela rua,

mas não sabiam a importância dos monumentos. A Sara, que tem 12 anos, gostava que a rua fosse diferente. “Eu acho que podia ser muito mais bonita. (...) Eu não permitiria vandalismo, só grafitis que fossem arte, que tivessem a ver com a rua”. Para a jovem, é importante que os edifícios estejam bem conservados e com explicações visíveis da sua importância. “Se esta rua fosse minha, eu gostava que estivesse menos poluída”, afirma Alice, que tem 11 anos. Gostava que estivesse mais bem tratada, já que

é património classificado, e deu o exemplo da igreja do Camo. O Pedro Gomes, de 10 anos, “restaurava tudo, metia com bom aspeto” e gostaria de poder pôr todos os edifícios a funcionar de novo com um carácter menos religioso. O Pedro Baquissay, da mesma idade, por seu lado, gostaria que a rua tivesse mais flores e árvores e menos “casas estragadas”. Gostava que a informação sobre os monumentos estivesse mais acessível e deu uma ideia para a sinalética: na igreja da Graça poderia haver uma imagem de um

estudante e do lado da Liga dos Combatentes da Grande Guerra a imagem de um militar.

Turistas não visitam esta rua

Por seu lado, os comerciantes não sentem o impacto da classificação na rua. Cláudia Apóstolo, gerente de uma loja de pronto a vestir, considera que a rua está mais abandonada e que está tudo mais sujo. Queixa-se, a par com outros comerciantes, que apesar da classificação, os turistas não têm o que visitar porque os monumentos estão fechados e que não há sinalética. Margarida Gomes, gerente da pastelaria Nova Penta, é dessa opinião e acrescenta que “enquanto não houver um longo trabalho para canalizar o percurso dos turistas para aqui, com algo para ver e procurar, acho que não vai haver alterações”. Miguel Braga, colaborador da tabacaria papelaria Estrelinha da Sorte, é da mesma opinião e sublinha que é preciso canalizar eventos para esta rua e não só no resto da Baixa. Aldina Santos, colaboradora de uma frutaria desta rua, põe a hipótese de que a rua seja fechada, mas questiona-se se irá beneficiar o turismo ou afetar os negócios. **Maria Inês Morgado**

Cinco anos depois de edifícios da rua da Sofia serem classificados como património mundial da UNESCO no âmbito da Universidade de Coimbra, os comerciantes não notam o impacto nesta artéria e crianças sonham com uma rua diferente

Figura 6: Programa de Férias do Teatrão “Se Esta Rua Fosse Minha” – 27 e 29 de junho de 2018. Fotografia do Jornal Diário das Beiras de 28-06-2018.



Figura 7: Borralho, Ante-estrela. Foto de Luís Belo, 7 de Fevereiro de 2019. [online]. [Acedido em: 23/5/2019]. Disponível em: <https://www.facebook.com/RedeArteria/photos/a.2257176271231247/2257178951230979/?type=3&theater>

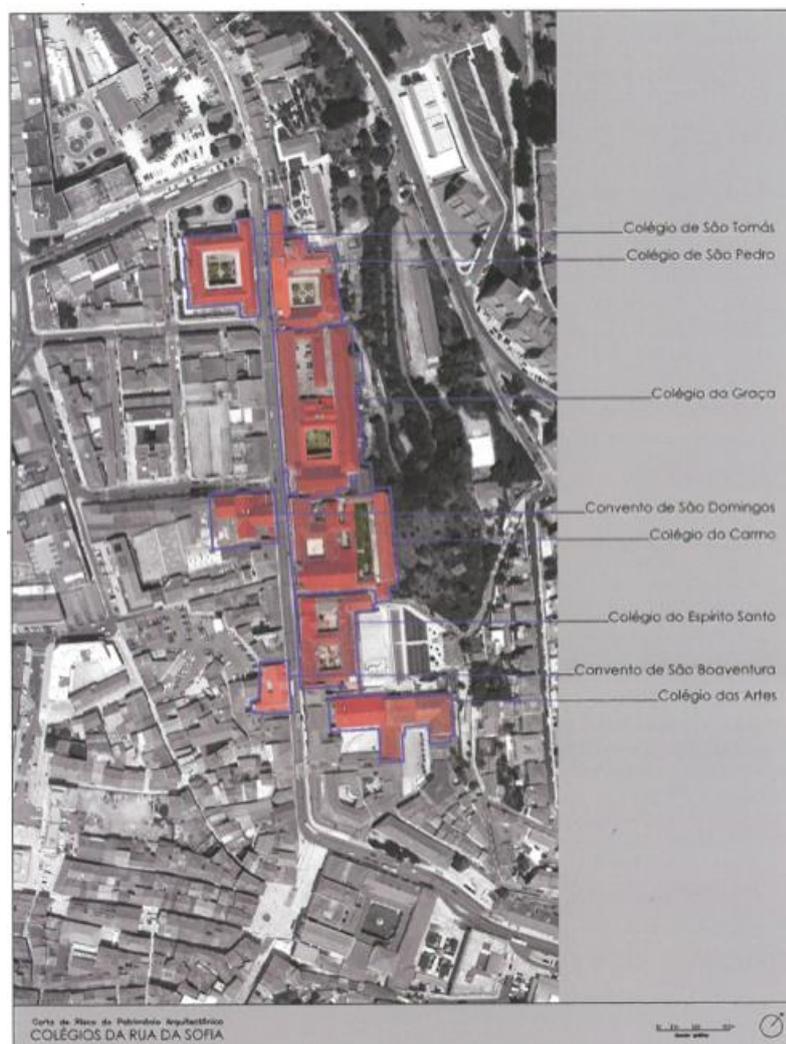


Figura 8: Rua da Sofia com todos os Colégios. Figura do artigo “A Sofia: Primeiro episódio da reinstalação moderna da Universidade Portuguesa” de Walter Rossa. In Monumentos nº25.



Figura 9: Via Central. Foto cedida por Luísa Trindade.



Figura 10: Sinalização da Rua da Sofia. Foto da autora.



Figura 11: Sinalização na Caixa Geral de Depósitos. Foto da autora.



Figura 12: Visita com crianças do Centro Cultural e Social 25 de Abril. Foto da autora.





Figura 13: Desenhos das crianças. Desta atividade surgiram 17 desenhos, aqui ficam apenas 4 exemplares. Foto da autora.